

# **GALVESTON**

## **NIC PIZZOLATTO**

Do criador  
da série da HBO  
**TRUE  
DETECTIVE**

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***

# GALVESTON



**NIC PIZZOLATTO**

Tradução de Alexandre Raposo



Copyright © 2010 by Nic Pizzolatto

TÍTULO ORIGINAL

Galveston

PREPARAÇÃO

Ulisses Teixeira

REVISÃO

Carolina Rodrigues

Taís Monteiro

DESIGN DE CAPA

Sean Garrehy - LBBG

FOTOGRAFIA DE CAPA

Shutterstock

ADAPTAÇÃO DE CAPA

Julio Moreira

GERAÇÃO DE EPUB

Antonio Hermida

REVISÃO DE EPUB

Rodrigo Rosa

E-ISBN

978-85-8057-651-1

Edição digital: 2015

*Todos os direitos desta edição reservados à*

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99/3º andar

22451-041 — Gávea

Rio de Janeiro — RJ  
Tel./Fax: (21) 3206-7400  
[www.intrinseca.com.br](http://www.intrinseca.com.br)



# Sumário

Capa

Folha de rosto

Créditos

Mídias sociais

Dedicatória

Epígrafe

UM

DOIS

TRÊS

QUATRO

CINCO

Agradecimentos

Sobre o autor

Leia também

Para Amy e para Allegra

“Quantas vezes já me deitei debaixo de chuva sobre um telhado estranho,  
pensando em casa.”

— *William Faulkner*

**UM**



Um médico tirou uma chapa dos meus pulmões. Estavam cheios de flocos de neve.

Quando saí do consultório, todos na sala de espera pareciam gratos por não serem eu. Dá para ver certas coisas no rosto das pessoas.

Senti que havia algo errado, porque, dias antes, eu perseguira um sujeito por dois lances de escada e tivera dificuldade de respirar, como se houvesse um peso no meu peito. Eu vinha bebendo muito havia algumas semanas, mas sabia que era mais do que isso. Fiquei tão irritado com a dor súbita que quebrei a mão do cara. Ele cuspiu os dentes e queixou-se com Stan dizendo que achava aquilo um exagero.

Mas é por isso que eles sempre me passam trabalho. Porque sou exagerado.

Falei com Stan sobre as dores no peito, e ele me mandou ir a um médico que lhe devia quarenta mil.

Já do lado de fora do consultório, peguei os cigarros na minha jaqueta e comecei a esmagar o maço com as mãos, mas decidi que não era o momento de parar. Acendi um ali mesmo, na calçada, mas não estava com gosto bom e a fumaça me fez pensar em fibras de algodão sendo tecidas no meu peito. Ônibus e carros passavam lentamente, e a luz do dia refletia nos vidros e nas calotas. Por trás dos meus óculos escuros, parecia que eu estava no fundo do mar e os veículos eram peixes. Imaginei um lugar bem mais escuro, mais frio, e os peixes se tornaram sombras.

Uma buzina me despertou. Eu começara a andar fora do meio-fio. Fiz sinal para um táxi.

Eu estava pensando em Loraine, uma garota que namorei, e na noite em que ficamos conversando até o amanhecer em uma praia em Galveston, em um local de onde podíamos observar os densos rolos de fumaça branca das

refinarias de petróleo se estendendo ao longe, como uma estrada seguindo para o sol. Aquilo fora há uns dez, onze anos. Acho que ela sempre foi muito jovem para mim.

Mesmo antes das radiografias, eu já sentia muita raiva, porque a mulher que eu pensava que fosse minha namorada, Carmen, começou a transar com o meu chefe, Stan Ptitko. Eu estava indo encontrá-lo no bar dele. Isso já não fazia muito sentido naquele dia. Mas você não deixa de ser quem é só porque há uma nevasca de flocos de sabão no seu peito.

Não há como sair vivo dessa, mas você espera evitar o prazo final. Eu não iria contar para Stan, para Angelo ou para Lou sobre os meus pulmões. Não queria que ficassem no bar falando de mim quando eu não estivesse por lá. Rindo.

Marcas de dedos manchavam a janela do táxi, e a área residencial da cidade se aproximava do lado de fora. Alguns lugares se abrem para você, mas não havia nada de hospitaleiro em Nova Orleans. A cidade era uma bigorna atolada que sustentava a própria atmosfera. O sol brilhava entre os prédios e os carvalhos. Sentia a luz no meu rosto e, em seguida, a sombra, como um estroboscópio. Pensei na bunda de Carmen e no jeito como ela sorria para mim por sobre o ombro. Ainda pensava nela, e isso não fazia sentido, porque eu sabia que ela era uma puta sem coração. Ela estava com Angelo Medeiros quando começamos. Acho que eu meio que a roubei dele. Agora, estava com Stan. Angelo também trabalhava para Stan. Amenizava a minha indignação imaginar que ela andava transando com outros caras pelas costas dele.

Eu estava tentando pensar para quem poderia contar sobre os meus pulmões, porque eu queria contar a alguém. É preciso admitir que esta é uma notícia de merda quando se tem negócios a tratar.

O bar se chamava Stan's Place e tinha tijolos e telhado de estanho, janelas gradeadas e uma porta de metal amassada.

Lou Theriot, Jay Meires e algumas pessoas que eu não conhecia estavam sentadas lá dentro, sujeitos mais velhos. O nome do barman era George. Sua orelha esquerda estava enfaixada com gaze branca. Perguntei a ele onde Stan estava e ele meneou a cabeça na direção de uma escadaria rente à parede que levava até o escritório. A porta estava fechada, então me sentei em um banco e pedi uma cerveja. Depois lembrei que estava morrendo e mudei o pedido para um Johnnie Walker Blue. Lou e Jay falavam sobre um problema com uma das franquias de apostas. Consegui entender porque tinha trabalhado com aquilo durante algum tempo nos meus vinte e poucos anos e conhecia aquele linguajar. Eles pararam de falar e ergueram os olhos para mim, porque eu estava ouvindo. Não sorri nem nada do tipo, e eles retomaram a conversa, bem mais baixo dessa vez, com as cabeças baixas para que eu não pudesse ouvi-los. Nunca foram com a minha cara. Eles conheceram Carmen como garçõete dali, antes de ela ficar com Stan, e acho que tinham certa má vontade comigo por causa dela.

Eles também não gostavam de mim porque eu realmente nunca me dera bem com aquela turma. Stan me herdou de seu ex-chefe, Sam Gino, que me herdou de Harper Robicheaux, e a culpa era só minha por eu nunca ter sido completamente aceito por aqueles caras. Eles se vestiam como carcamanos — agasalhos esportivos ou camisas com abotoaduras duplas, cabelos cheios de gel —, enquanto eu uso calças jeans e camisetas pretas, com jaqueta e botas de caubói, como sempre usei, além de manter o cabelo comprido à nuca e não fazer a barba. Meu nome é Roy Cady, só que Gino fez com que todo mundo passasse a me chamar de Big Country, e ainda me chamam assim, mas sem qualquer afeto. Sou do leste do Texas, do Triângulo

Dourado, e esses caras sempre pensaram em mim como lixo, o que é bom, porque também têm medo de mim.

Não é como se eu tivesse qualquer desejo de subir a escada corporativa.

Sempre me dei muito bem com Angelo, no entanto. Antes do negócio com Carmen.

Então, a porta do escritório se abriu e Carmen saiu de lá, alisando a saia e ajeitando um pouco o cabelo. Não demorou muito até que me visse e ficasse meio paralisada. Mas Stan saiu logo atrás, enfiando a camisa na parte de trás da calça, e ela desceu a escada à frente dele. Seus passos fizeram os degraus rangerem, e Carmen acendeu um cigarro antes de chegar ao fim da escada. Ela foi até a outra extremidade do bar e pediu um *greyhound*.

Pensei em fazer um comentário malicioso para ela, mas tive que guardá-lo para mim.

O que mais me dava raiva era que Carmen tinha arruinado a minha solidão. Eu estava sozinho havia muito tempo.

Quer dizer, eu transava quando precisava, mas estava sozinho.

Agora era como se ficar só não me caísse bem.

Stan acenou para Lou e Jay, veio até mim e disse que Angelo e eu faríamos um trabalho naquela noite. Tive que me esforçar para parecer satisfeito com essa parceria. Stan tinha a testa polaca inclinada como um penhasco, que projetava sombras em seus olhos minúsculos.

Ele me entregou um pedaço de papel e disse:

— Jefferson Heights. Vocês vão visitar Frank Sienkiewicz.

Lembrei-me daquele nome: um presidente, ex-presidente ou representante dos estivadores locais.

Parece que os estivadores estavam sob escrutínio federal. Havia rumores de que eram alvo de uma investigação. Eles transportavam coisas para os

parceiros de Stan, e os pagamentos mantinham o sindicato vivo, mas isso era tudo o que eu sabia.

— Ninguém deve se machucar. Não quero isso agora — disse Stan.

Ele estava de pé atrás do meu banco e pousou a mão no meu ombro. Eu nunca seria capaz de ler aqueles olhos pequenos cravados sob as fartas sobrancelhas, mas um dos segredos do sucesso dele só podia ser a total falta de misericórdia no seu rosto — as largas maçãs daquela face eslava acima da boca estreita e sem lábios de um assaltante cossaco. Se os soviéticos realmente tinham pessoas que enfiariam um cabide incandescente na sua uretra, essas pessoas eram como Stanislaw Ptitko.

— Preciso que o cara entenda as coisas direito — disse Stan. — Ele precisa jogar para a equipe. É só isso.

— Tenho que ir com Angelo para fazer isso?

— Leve-o de qualquer jeito. Prefiro ser cuidadoso. — Ele também me disse que eu deveria fazer uma coleta em Gretna antes de encontrar Angelo. — Portanto, seja pontual — acrescentou, apontando para o Johnnie Walker na minha mão.

Stan entornou uma dose de Stoli e deslizou o copo de volta para o barman. A gaze em volta da orelha de George tinha uma mancha amarela no centro. Stan não olhou diretamente para mim quando ajeitou a gravata e disse:

— Sem revólver.

— O quê?

— Lembra daquele caminhoneiro no ano passado? Não quero ninguém levando tiro por causa do maldito nervosismo de outra pessoa. Portanto, estou dizendo para você e direi para Angelo: não levem armas. Não quero saber de ninguém armado.

— O cara vai estar lá?

— Vai. Estou enviando um presente para ele.

Ele se foi, parou ao lado de Carmen, beijou-a com força e apertou seu seio uma vez, e uma vontade bárbara se arrastou na minha mente. Então, saiu pela porta dos fundos e Carmen parecia apenas entediada, fumando. Pensei no que Stan dissera sobre não levar armas.

Aquilo me pareceu uma coisa estranha de se dizer.

Carmen olhou feio para mim do outro lado do bar. Lou e Jay perceberam e começaram a conversar com ela, dizendo-lhe como Stan parecia *relaxado* quando estava com ela. Isso era mesmo verdade, percebi, e tudo isso começou a doer um pouco e a fazer com que partes do fundo do meu coração sentissem uma pontada de vergonha. Virei o Johnnie Walker e pedi outro.

Carmen tinha um cabelo castanho-claro, comprido e preso para trás, e a pele do seu belo rosto estava áspera; o pó de arroz se acumulava nas pequenas dobras e rugas invisíveis a menos que você estivesse perto dela. Carmen me fazia lembrar de um copo vazio de drinque que já tinha sido bebido, com gelo e uma casca de limão esmagada no fundo.

Acho que o motivo pelo qual os homens gostavam de Carmen é porque ela liberava altos níveis de carnalidade. Você olhava para ela e simplesmente sabia: essa aí topa tudo. É sensual, mas não dá mesmo para suportar.

Eu sabia de coisas que ela fizera, sobre as quais Angelo não sabia. Coisas como orgias. Certa vez, ela se ofereceu para trazer outra garota para mim, para dar uma apimentada.

Não era exatamente a minha praia. Na época, eu tinha uma ideia de romance que agora percebo que era inadequada.

Na minha opinião, ela gostava mais de trair do que de fazer sexo. Como se tivesse uma marca a ser estabelecida.

Carmen alegou que bati nela certa vez, mas não acreditei nisso. Ela era um pouco atriz, e para Carmen o drama era mais importante que a verdade.

Embora eu admita que minha memória da noite em questão não é das melhores.

No bar, Lou lhe disse algo do tipo:

— Está claro que você sabe como fazer um homem feliz.

— Ninguém pode dizer que não tento — respondeu Carmen.

Todos riram e a pistola .380 às minhas costas pareceu esquentar. Aquilo não me traria satisfação alguma. Eu só estava com raiva e não queria morrer da maneira como o médico sugeriu que eu morreria.

Joguei um pouco de dinheiro sobre o balcão e saí. Algumas noites antes, eu enchera a cara de tequila e deixara minha caminhonete ali, e o veículo ainda estava intacto, uma grande F-150 1984. Isso tudo aconteceu em 1987, e eu gostava mais dos modelos daquela época: quadrados e atarracados, maquinaria pesada, não os brinquedinhos de hoje. Atravessei toda a Pontchartrain Expressway e deixei o rádio desligado, de forma que meus pensamentos zumbiram como as asas de uma abelha.

Gretna. Na Franklin Street, me perguntei quando seria a última vez que eu faria qualquer coisa. Cada feixe de luz do sol que atingia o para-brisa à medida que as árvores passavam meio que exigia que eu pensasse naquilo, mas não posso afirmar que tenha feito isso. Tentei conceber como seria não existir, mas não tinha imaginação para tal.

Senti a mesma asfixia e o mesmo desespero de quando tinha doze, treze anos, olhando para os vastos campos de algodão. Manhãs de agosto, com o saco de aniagem apoiado no ombro, e o Sr. Beidle em seu cavalo com o apito de técnico, controlando as crianças da casa comunitária. A miserável ideia de infinitude na tarefa. Aquela sensação de *Você Não Pode Vencer*. Depois de uma semana na colheita, notei pela primeira vez os calos nas minhas mãos

quando deixei cair um garfo e percebi que não conseguia mais sentir nada com a ponta dos dedos. Olhei então para as duras pontas dos meus dedos, segurando o volante, e uma onda de raiva os fez se apertarem. Uma sensação como se eu tivesse sido enganado. Então, pensei em Mary-Anne, minha mãe. Ela era fraca, uma mulher esperta que se achava estúpida. Mas não havia razão para pensar nela hoje.

Encontrei o endereço que Stan me dera, um cabeça de porco ao lado de uns armazéns enfileirados: desbotado, com os tijolos pichados e erva daninha alta e capim se misturando com o terreno baldio ao lado. Latas velhas no estacionamento, aquela atmosfera de óleo e lixo quente que paira sobre Nova Orleans.

Número 12. Segundo andar. Ned Skinner.

Passei uma vez por sua janela e olhei para dentro. Estava escuro e não registrei qualquer movimento. Enfieei a mão no bolso, onde guardara o soco-inglês, e continuei andando pela varanda. Desci, dei a volta pelos fundos e verifiquei as janelas. Uma brisa fez oscilar as ervas daninhas altas.

Voltei a subir e bati à porta. O edifício inteiro parecia deserto. Persianas fechadas, nenhum barulho de TV ou rádio. Então esperei, olhei em volta e, em seguida, usei o canivete no marco da porta, ao redor da fechadura. Madeira barata, lascou fácil.

Deslizei para dentro e fechei a porta. Um lugar pequeno só com alguns móveis e lixo por toda parte: jornais e uma tonelada de tabelas velhas de corridas de cavalo, embalagens de fast-food, uma TV com seletor de canais e a tela rachada. Havia garrafas vazias de vodca de boa qualidade junto ao balcão. Sempre odiei gente porca.

Cheirava mal ali dentro, algo como suor, respiração rançosa e cê-cê. Mofô e sujeira cobriam o banheiro, roupas secas e duras jogadas nos azulejos. O quarto tinha apenas um colchão estendido no chão e um

emaranhado de lençóis finos e amarelados. Boletos de aposta de corridas amassados estavam espalhados pelo tapete feito flores podadas.

No chão ao lado da cama havia uma fotografia emoldurada virada para baixo. Peguei-a: uma mulher de cabelo castanho com um menininho, ambos bem bonitos, sorrindo com olhos vívidos. A foto parecia ter sido tirada muitos anos antes. Dava para perceber pelo penteado e pelas roupas da mulher, e também pelo papel fotográfico, mais grosso do que os atuais, com uma textura semelhante à de couro, e parecia também que os rostos haviam desbotado com o tempo. Levei-a até a sala de estar, tirei uma caixa de pizza de cima de uma cadeira e me sentei. Olhei para a fotografia e, em seguida, para o apartamento. Eu já morara em lugares como aquele.

Analisei os sorrisos na foto.

Então, algo passou por mim, um sentimento ou fragmento de conhecimento, mas não consegui entendê-lo muito bem. Uma sensação de alguma coisa que certa vez soube ou senti, uma memória que não viria à luz. Continuei buscando, mas não conseguia capturar aquilo.

Entretanto, parecia estar perto.

A luz das persianas se derramava sobre mim como listras de um antigo uniforme de presidiário. Esperei por muito tempo naquela cadeira, mas o sujeito nunca apareceu. E, dado o que ocorreu depois, eu viria a considerar o tempo que esperei por ele como uma demarcação nas nossas vidas — na minha e na dele.

Um momento em que as coisas poderiam ter ido por um caminho, antes de terem seguido por outro.

Encontrei-me com Angelo às oito horas naquela noite, no Blue Horse, na Tchoupitoulas Street. Era uma espécie de bar de motoqueiros e sempre me senti em casa ali, mais do que no Stan's Place.

Antes, passei no meu trailer. Tive uma ideia, talvez um pouco paranoica. No entanto, quando Stan me disse para não levar armas, comecei a pensar. Perguntei a mim mesmo por que ele dissera aquilo, já que sou profissional. Na verdade, não sou nem um pistoleiro. E por que ele precisava que eu fizesse o trabalho com Angelo? Comecei a pensar que seria executado por ele. Talvez Angelo e Stan quisessem me matar por causa de alguma coisa com Carmen. Como se tivessem acreditado que bati nela. Ou simplesmente não queriam que eu ficasse andando por aí depois de ter transado com ela. Ou qualquer coisa assim.

Basta dizer que aquilo não me parecia certo. Eu poderia questionar os meus instintos, mas ainda assim os seguiria. Então, separei meu soco-inglês e um bastão retrátil, mas também enfiei a minha pistola Colt Mustang .380 preferida na bota. Também fixei no antebraço um estilete acionado por mola. Não usava aquilo havia anos, mas o lubrifiquei com WD-40 e o experimentei com a jaqueta, e, quando girei o pulso, a lâmina surgiu na minha mão, como um frio fragmento de raio.

Contudo, Angelo me surpreendeu quando o encontrei no bar. Ele deu a volta no banco e me estendeu a mão. Tinha uma expressão envergonhada e abatida, então apertei a mão dele, tomando muito cuidado para não girar o pulso.

— Você está pronto para fazer isso? — perguntei.

— Deixe-me terminar.

Ele se voltou para o bar e bebeu um gole de uísque com soda. Com o ralo topete bem recuado à testa e o agasalho esportivo preto que usava, ele

destoava daquele lugar da mesma forma como eu destoava do Stan's. Sentei-me a seu lado e observei as garrafas.

Ele olhou para mim com uma expressão que eu descreveria como uma tristeza furiosa, como se mal conseguisse ficar parado e não soubesse o que fazer consigo mesmo, balançando o joelho, cutucando as unhas. Então entendi.

— Problemas? — sugeri.

— Você sabe sobre Stan e Carmen? — perguntou.

— Claro, sei, sim.

Ele me encarou.

— Foda-se — falei. Olhei para as garrafas e me lembrei do meu câncer.

— Johnnie Walker Blue duplo.

A bebida custava quarenta dólares. Desceu quente e suave pela minha garganta e espalhou seu calor pelo meu peito, fazendo-o se sentir vivo.

— Ela é só... — murmurou Angelo.

— O quê? — perguntei.

— *Como* ela... ela só vai... *por quê?* Com *ele?* Você sabe as mesmas histórias que eu sei sobre aquele cara.

— Ela não é exatamente a mais pura das garotas. Quero dizer, fala sério! Ela é uma vadia.

— Não diga isso. Não precisa falar assim dela.

— Então não fale sobre ela — afirmei. — Não comigo.

Pelo canto do olho, eu percebi que me encarava.

Outra coisa que os homens gostavam em Carmen era o fato de ela ser inteligente, ou ao menos astuta, atenta ao modo como eles pensavam. Era difícil defini-la como oportunista. Acho que um monte de caras achava que ela era mais inteligente do que eles, e isso pode ser bem excitante. Engoli a metade restante daquele uísque fantástico e me volvei para Angelo.

— Você está pronto?

Quase pensei que ele atiraria em mim, mas o homem suspirou, meneou a cabeça, derrotado, levantou-se e teve que firmar as pernas. Eu não percebera que ele estava tão bêbado, e então fiquei bastante preocupado com o sujeito em Jefferson Heights, o tal Sienkiewicz.

— Você dirige — disse ele.

Minha caminhonete estremeceu e despertou como um cachorro molhado, e a voz do rádio estava prestes a dizer algo sobre Jim Bakker ter sido destituído. Angelo se sentou como se estivesse esvaziado. Verifiquei o endereço outra vez e peguei a Napoleon, rumo ao norte até a 90.

Ele se inclinou para a frente e desligou o rádio.

— Você se lembra... — disse ele, a voz um tanto engrolada. — Você se lembra, há alguns anos, de quando demos um jeito naqueles moleques que estavam vendendo no Audubon Park?

Pensei por um minuto.

— Lembro.

— Cara. Aquele moleque começou a chorar. Você se lembra? Quero dizer, nós ainda nem tínhamos feito nada. E as *lágrimas* simplesmente... — Ele riu.

— Eu me lembro.

— *Por favor. É só para pagar a escola.*

— É.

— E você disse: “*Isto é a escola.*” — Ele fez uma pausa e endireitou-se no assento. — Você se lembra daquela mochila?

— Ah, sim.

Isso fora uns cinco anos antes, logo depois de eu ter me mudado para a equipe do Stan. O garoto tinha uma mochila recheada com quatro mil dólares e pequenas trouxinhas de pó.

— Você se lembra do que fizemos? — perguntou Angelo.

— Entregamos para Stan.

— É. — Ele se virou para me encarar, as mãos flácidas no colo. — Sei que você pensou a mesma coisa que eu. Que nós poderíamos simplesmente ter dividido. Que Stan não precisava saber.

Sua voz fraca e sinuosa fundia-se à luz dos faróis dos carros que atravessava o para-brisa.

— Mas não confiávamos um no outro — prosseguiu. — Nós dois pensamos naquilo. Mas não *confiávamos* um no outro.

Olhei para ele e inspirei fundo.

— Aonde está querendo chegar?

Ele deu de ombros.

— Não sei. Só... andei *pensando*. Quero dizer. O que tenho na vida? O que *you* tem? Já estou com quarenta e três anos, cara.

Era como se Angelo apenas esperasse um pouco de camaradagem, mas não acho que ele tivesse esse direito. Além disso, era patético ouvir aquele carcamano gordo tentando falar sobre seus sentimentos quando nem mesmo tinha o vocabulário para rotulá-los.

Ele se lamentando da vida enquanto eu estava com o pé na cova.

— Por que você simplesmente não se concentra? — perguntei.

— Hum.

Ele olhou pela janela. Coloquei uma fita de Billy Joe Shaver, que eu sabia que Angelo odiava, mas ele não disse nada.

Eu me senti um pouco culpado porque meio que planejava esfaqueá-lo no pescoço naquela noite, mas isso teria sido o mesmo que dar um chute em um aleijado. Você precisaria de um bom motivo.

Tenho um senso de justiça para essas coisas.

Ou seja: se me entregam o seu nome escrito em um pedaço de papel, é porque você fez algo para que aquilo chegasse às minhas mãos. Algo que não deveria ter feito.

De qualquer modo, Angelo apenas olhou pela janela e suspirou como uma adolescente enquanto eu sentia a guitarra pulsando nas caixas de som, o que fazia as minhas entranhas formigarem. Após algum tempo encontrei o lugar, uma casa vitoriana na Newman Avenue com um jardim cercado por grades de ferro forjado. Demos algumas voltas no quarteirão e expandimos o raio de busca para verificar se o local estava sendo vigiado. Estacionei a caminhonete na Central para que pudéssemos nos esgueirar por entre as casas.

Verifiquei o meu equipamento e enfiei a máscara de esqui no bolso da jaqueta. Angelo começou a vestir a dele, e eu lhe disse para esperar até chegarmos ao local, o que ele sabia que deveria fazer, embora estivesse agindo como se fosse incapaz de amarrar os próprios sapatos. Eu já estava pensando em lhe dizer para simplesmente ficar me esperando. Mas isso não daria certo, e nós dois deslizamos pelos jardins até o outro lado. Havia apenas um poste de luz com a lâmpada queimada na Newman Avenue, e ficava exatamente no lugar para onde íamos. Não ouvi nenhum cão latir e as luzes da casa estavam apagadas.

Falei para Angelo que eu daria a volta pelos fundos e que ele deveria bater à porta da frente.

Coloquei a máscara, enfiei as mãos entre os postes e pulei a cerca. Atravessei um jardim silencioso, com um pequeno lago de pedra que gotejava, produzindo um som estranho e reconfortante. Subi a escada até a porta dos fundos; não pensei nisso na hora, mas deveria ter percebido que não havia luzes com detectores de movimento nem nada. Eu não notara que, de todas as casas da rua, aquela em particular estava envolta em trevas.

Mas eu estava com pressa. Conseguia sentir meu bafo de uísque preso pela máscara, dava para ouvi-lo arranhar sob o borbulhar daquele lago de pedra, então me encostei à porta dos fundos e escutei.

Ouvi Angelo bater no outro lado da casa e fiquei esperando. Também senti passos lá dentro andando até a porta da frente. Dei um passo para trás, armei meu bastão e contei três segundos. Então minha bota atingiu a porta e a madeira cedeu para dentro.

Avancei na escuridão completa, o bastão erguido. Algo pesado atingiu meu crânio e o vermelho floresceu em meio à escuridão.

Perdi a noção do tempo.

Despertei quando alguém me derrubou no chão, a cabeça latejando com uma enxaqueca. Eu estava sem máscara e vi Angelo sentado à minha frente. Seu rosto estava ensanguentado e ele levou a mão ao nariz. Estávamos no vestíbulo, em frente à porta, iluminados por uma pequena lâmpada na parede que emitia uma fraca luz cor de mostarda sob um vidro laranja. Papel de parede vermelho. Um homem estava ao meu lado, outro, ao lado de Angelo. Usavam macacões pretos, máscaras de esqui e cada um tinha uma pistola equipada com silenciador. Vestiam coletes pretos com bolsos protuberantes e coturnos robustos. Verdadeiros profissionais. Seus olhos — pequenos e frios, como os de Stan — encontraram os meus.

O sujeito ao lado de Angelo olhou para as paredes em torno e escutamos passos. Pensei ter ouvido uma mulher choramingar. Um cheiro de pólvora feria o ar, assim como um cheiro de merda. Olhei ao redor.

O que deveria ser o corpo de Sienkiewicz estava jogado na sala ao lado. Sua camisa brilhava, encharcada.

Ouvi outro soluço e pensei que era Angelo, mas meus olhos se adaptaram e vi uma garota sentada em uma cadeira no escuro, na sala à

minha esquerda. Dava para ver o bastante das suas bochechas para perceber que o rímel escorria por elas. A menina se abraçava e tremia.

Entendi o que estava acontecendo e por que Stan não queria que levássemos armas. Olhei para Angelo, mas ele parecia confuso, os olhos molhados e inúteis, encarando o sangue que tirara do nariz com a palma da mão.

Os passos se aproximaram, e um terceiro homem surgiu de um canto, afivelando o cinto das calças. Ele carregava uma grossa pasta repleta de papéis debaixo do braço e estava vestido como os outros dois, barra-pesada. Após ajustar a calça, puxou a arma da cinta.

— Levante-os.

Ele tinha um sotaque estranho, nem americano nem europeu.

Angelo gritou:

— Que negócio é esse? Quem são vocês?

Um dos homens golpeou-lhe o rosto com a coronha da arma, e Angelo tapou a boca e rolou para a frente e para trás no chão.

A menina na cadeira começou a respirar mais rápido e mais forte, como se estivesse sufocando.

O homem que agredira Angelo agarrou-o pelo cabelo e puxou-o até que ficasse de pé. O sujeito ao meu lado encostou o silenciador na minha têmpora e ordenou:

— De pé.

Levantei-me lentamente com a arma encostada na cabeça. Dava para sentir que tinham esvaziado meus bolsos e que a .380 não estava mais na minha bota. Olhei de relance para Angelo. Ele estava de pé sobre uma poça de mijo. Havia três armas a curta distância e estávamos desarmados.

As pessoas não escapam de coisas como aquela.

Eles empurraram Angelo em uma parede, medindo o espaço entre ele e o corpo de Sienkiewicz na sala ao lado. Acho que estavam tentando nos posicionar de modo que parecesse que tínhamos matado uns aos outros, mas não sei muito bem.

O homem ao meu lado deu um tapa na lateral da minha cabeça, então me empurrou para a frente e agi como se tivesse tropeçado, caindo em cima de um joelho.

Quando ele me puxou para que eu me levantasse, girei o pulso e cravei o estilete em seu pescoço. O sangue quente jorrou em meu rosto e em minha boca.

Larguei a lâmina e me posicionei atrás dele enquanto os outros dois erguiam as armas. Um atirou na minha direção e arrancou o gesso de uma parede enquanto o outro disparava contra Angelo. A parte de cima de seu topete voou e ele caiu de joelhos. Os dois homens atiraram na minha direção. Os tiros soavam como parafusos pneumáticos sendo disparados, e todos atingiram o terceiro homem. Ele se contorceu ao ser atingido pelas balas, a lâmina ainda cravada no pescoço.

Minha arma estava logo à frente, enfiada na cinta do sujeito. Saquei-a, ergui-a e atirei através da fonte de sangue no que estava mais próximo.

Não tive tempo para mirar de verdade, estava meio cego com o jorro arterial, mas eu o atingi no pescoço e ele se contorceu, disparou uma vez e tombou de costas.

Eu nunca tinha atirado daquele jeito em toda a minha vida.

Mais essa: enquanto caía, o sujeito atingiu o último homem, aquele que apagara Angelo. Sua axila fumegava e ele se agarrou à parede para evitar a queda. Sua arma estava no chão, a alguns centímetros do seu coturno.

O corpo de Angelo terminou de cair, tombando de lado sobre o tapete.

O último homem olhou para a própria arma, para o seu pé e depois para mim, no exato instante em que disparei na direção da cabeça dele.

Tudo isso demorou uns cinco segundos, talvez.

A fumaça se espalhava pelo vestibulo como névoa rasteira. A parte superior do rosto de Angelo estava desfigurada, as bochechas molhadas com lágrimas e sangue. Vomitei. A garota na cadeira gritou mais alto e gemeu.

Os três homens de preto estavam empilhados no chão, e finos fios de fumaça erguiam-se dos seus corpos. A lâmina despontava do pescoço de um deles como um grande espinho, e a luz laranja fazia o sangue que escorria parecer tinta.

A garota nas sombras simplesmente permaneceu sentada, tremendo, de olhos arregalados. Passei por ela e caminhei pelo corredor.

Avistei uma luz num quarto nos fundos e me esgueirei naquela direção. Vi o corpo nu de uma mulher esparramado em uma cama, colorido de verde por uma lâmpada de leitura na mesa de cabeceira. Os lençóis estavam ensanguentados e ela tinha hematomas profundos em torno do pescoço e das coxas. Era jovem, mas não como a menina na cadeira.

Andei até ela e disse:

— Levante-se. Não vou machucá-la.

A garota não se mexeu. Ela não olhava para mim, nem sequer piscava. Tive que deixá-la ali sentada por um segundo enquanto limpava o sangue nos meus olhos.

Notei a pasta e os papéis esparramados pelo chão do vestibulo, fragmentos de ossos salpicados sobre eles. Eu me agachei, reuni-os, fiz menção de andar até a porta dos fundos, mas parei. A garota ainda não havia se mexido.

Mas ela vira o meu rosto. Dei um tapa na sua cara e a puxei pelo braço para fora da cadeira.

— Levante-se. Você vem comigo.

Ela gaguejou:

— O que você vai fazer?

— Temos que sair daqui.

— Para onde vamos?

— Não sei.

Pela primeira vez olhei claramente para o rosto dela. Era mais jovem do que eu imaginara. Usava o rímel desastradamente, de forma exagerada, que no momento parecia tinta derramada. Cabelo louro, muito curto, e, mesmo com a maquiagem escorrendo pelo rosto, ela parecia quase infantil, e também havia algo mais ali, algo parecido com o que você podia ver nos olhos de Carmen às vezes — regras de autopreservação, algumas escolhas difíceis. Eu poderia ter imaginado. O que quer que eu tenha reconhecido ali apenas passou por mim como instinto ou sentimento.

— Venha comigo — falei.

Quando ela não se moveu, ergui a arma na direção do seu rosto.

Ela olhou para o cano e, em seguida, para os meus olhos. Eu não sabia dizer de que cor eram seus olhos sob a luz baixa e laranja. Ela encarou o chão. Então, se ajoelhou, deixando a cadeira, e engatinhou ao redor dos corpos, revistando os bolsos dos homens que eu matara. Percebi que ela estava procurando dinheiro, ou algo que pegaram dela. Eu poderia gostar disso, pois parecia confirmar o que eu pressentira a respeito de sua veia pragmática.

O tempo todo fiquei esperando as sirenes. Fui até as janelas e olhei para fora, mas a noite parecia calma e imperturbável. A menina pegou uma grande sacola em um quarto ao lado e enfiou algumas coisas ali dentro quando terminou de vasculhar os bolsos dos homens. Então ela se levantou com um olhar sóbrio e feroz.

— Vonda — disse ela. — Minha amiga Vonda.

A menina começou a andar pelo corredor, em direção ao quarto, mas eu a agarrei pelo pulso. Balancei a cabeça.

— Você não vai querer ver isso.

— Mas...

Puxei-a pelo braço pela porta dos fundos, então atravessamos a rua e mergulhamos nas sombras, onde eu ainda esperava ouvir sirenes vindo pela Highway 90. Sangue e pólvora enchiam as minhas narinas, e eu podia sentir o sangue secando em minhas bochechas. Tirei a camisa, esfreguei-a com força no rosto e assoei o nariz. Nós nos esgueiramos por entre os jardins, através da escuridão mosqueada das árvores, e logo estávamos fora de vista.

Quando chegamos à caminhonete, empurrei a garota para dentro e liguei o motor. A cantoria de Billy Joe misturada ao ronco do motor me fez sorrir. Ocorreu-me que se eu tivesse contado a Stan sobre os meus pulmões tudo aquilo poderia não ter acontecido. Ele poderia ter decidido deixar a natureza seguir o seu curso.

Por um segundo, fiquei apenas sentado na caminhonete, sorrindo de orelha a orelha. Acho que isso assustou a menina, porque ela se encolheu na janela e olhou para o chão quando me afastei do meio-fio e dirigi em direção à rodovia.

Agora, pensando naquele momento, acho que deve ter havido outro motivo além do fato de ela ter visto o meu rosto para eu tê-la trazido comigo. Afinal, por que eu me importaria que ela pudesse me reconhecer? Eu estava morrendo. Podia fazer a barba, cortar o cabelo. Quero dizer, uma das razões para eu manter meu cabelo comprido era porque, se eu estivesse sendo procurado, bastava cortá-lo bem curto e fazer a barba; assim, o perfil inteiro seria alterado.

Acho que, talvez por um segundo, ali, naquele cômodo, com a luz laranja repleta de fumaça e sangue, o tiroteio ainda ecoando nos meus ouvidos, a minha mandíbula tensionada com a adrenalina, algo no rosto daquela menina, o medo e a tristeza no rosto dela, me fez lembrar da sensação que me abatera anteriormente naquele apartamento vazio: a sensação de uma coisa esquecida, mas que ressoava, uma memória intuitiva, uma ausência.

De qualquer forma, no fim, aquela garota também era do leste do Texas.

A menina disse que seu nome era Raquel, mas que todos a chamavam de Rocky. Ela estava aterrorizada — muita gente teria apagado após passar pelo que ela passara —, mas a garota falava como um papagaio. Suspeito de que, em algum momento antes dos acontecimentos daquela noite, ela aprendera que é possível viver com qualquer tipo de coisa.

— Meu sobrenome é Arceneaux. — Ela pronunciava *Arson, oh*. — Você vai me matar?

— Não. Pare de perguntar isso.

Dirigi até meu trailer em Metairie. Ficamos sentados na beirada do estacionamento por algum tempo, no escuro, mas meu trailer parecia estar como eu o deixara. Nenhum veículo que eu não reconhecesse. Nenhuma luz nas janelas. Então entramos. Eu a empurrei à frente e mantive as luzes apagadas.

— É *aqui* que você mora?

— Cale a boca.

Perguntei-me há quanto tempo os sujeitos com os equipamentos de tropa de elite deveriam ter se reportado a Stan. Lá fora, o mundo ainda estava muito tranquilo. Os carvalhos e os bordos em torno do parque não pareciam farfalhar, apenas pairavam sobre aquelas pequenas caixas em um ar imóvel, e as luzes dos outros trailers não revelavam qualquer movimento. Ninguém passava pelas janelas, seu brilho sem esplendor iluminando a parte de baixo dos galhos e os brinquedos de plástico e pneus marcando os quintais enlameados. Acendi a luz do corredor.

Deixei minha arma sobre a tampa do tanque séptico e lavei o rosto na pia do banheiro. Esfreguei os antebraços e as mãos com sabão e água escaldante, que escorreu em um redemoinho cor-de-rosa.

Peguei uma camisa limpa e tirei do armário um pequeno cofre parecido com o que é usado em bancos para depósitos de objetos. Continha um pouco mais de três mil dólares, uma carteira de motorista e um passaporte, ambos falsos, que eu mandara fazer havia alguns anos. Meu plano de aposentadoria. Também peguei uma caixa de munição .380 em uma prateleira, uma placa de carro fria, mais algumas roupas, e joguei tudo em uma velha mochila de lona.

A menina sentou-se na única cadeira da sala de estar, uma grande poltrona reclinável na qual eu acabava dormindo na maioria das noites. Um exército de latas vazias de cerveja High Life cobria o chão ao redor da poltrona. Era mesmo um exército, porque eu usara uma faca para cortar pequenas tiras das laterais das latas de modo que elas dobrassem para baixo, como braços, e puxara os topos na posição vertical, para que se assemelhassem a cabeças. Eu fizera tudo aquilo enquanto assistia a *Sangue de heróis*, e para mim foi um tanto constrangedor ela ter visto isso. A poltrona era voltada para a TV, para o videocassete e para a coleção de fitas ao lado.

— Você tem um monte de filmes — disse ela. — Mas nenhum móvel.

Seus olhos percorreram as latas de cerveja no tapete.

Mexi a arma na direção dela.

— Volte para a caminhonete. Vamos.

— Mas acabamos de chegar. Todos os seus filmes são *velhos*.

Eu tinha uma coleção quase completa de fitas de John Wayne e estava triste por ter que deixá-la para trás. Eu levava alguns anos para criá-la.

— Não é seguro — falei. — Vamos. Ou teremos problemas.

Na caminhonete, usei uma chave de fenda para trocar a placa pela placa fria que eu mandara fazer havia alguns anos. Ela correspondia à de um Ford de um dentista em Shreveport.

O que devíamos fazer era pegar a I-10 e ir para oeste até sairmos da Louisiana. Poderíamos ter ido para leste, mas não sou bem-vindo em Mississippi, e em menos de quatro horas a oeste estaríamos no Texas, um destino que eu preferia.

Joguei a mochila na carroceria da caminhonete. Guardei o cofre e a pasta da casa de Sienkiewicz atrás do assento. Entramos na interestadual.

— Então por que esses homens queriam matá-lo? — perguntou ela.

— Uma besteira. Por causa de uma mulher. — Bati no volante e percebi como estava puto com tudo aquilo. — É isso que a minha vida vale.

Ela queria ouvir mais, mas eu não iria revelar nada. Perguntei-lhe como ela acabou fazendo o que fazia. Àquela altura, eu já entendera que ela era uma prostituta, que ela e a amiga tinham sido enviadas para manter Sienkiewicz em casa.

— Você ainda tem um pouco de sangue no rosto — disse ela.

Olhei no retrovisor e, em seguida, seu pequeno dedo tocou a parte de baixo do meu queixo.

— Bem aqui.

Limpei a mancha com um pouco de saliva. O outro lado da fita tocava Loretta Lynn e o local em minha mandíbula onde ela encostara pulsava com um ligeiro calor. Tentei fazer com que ela continuasse falando, porque assim seria mais fácil lidar com ela. E eu não queria que a garota ficasse ainda mais em choque. Talvez eu só quisesse ouvir a voz de alguém. A ficha estava começando a cair, e era possível que eu quisesse alguém para conversar.

— Continue. Continue o que você estava dizendo.

— Como assim?

— Como acabou indo parar onde estava.

— Ah. Bem.

Ela já me dissera que era de Orange, Texas, bem na fronteira da Louisiana, não muito longe de Port Arthur, onde eu crescera. Alegou ter dezoito anos. Fugira de casa para Nova Orleans havia uns cinco meses, indo atrás de um rapaz alguns anos mais velho.

— Ele era meio que um desastre. Toby. Não havia sujeito pior com quem eu pudesse me envolver. Ele disse que conhecia muita gente na cidade que poderia nos arranjar um emprego. E fez parecer que realmente tinha contatos, sabe. Ele era gay, então achei que estava dizendo a verdade. Tudo o que ele acabou fazendo em termos de trabalho foi transportar pequenos pacotes de droga para algumas pessoas nos arredores de St. Roch e Lower Ninth. Então, ele teve a ideia de pegar um pouco para ele. Malhar a droga, sabe. Fazer o seu próprio pé de meia. Aquela não foi uma época boa para mim. Certo dia, ele sumiu. Não voltou para o quarto. Não sei se ele morreu ou se teve apenas que fugir porque fez alguma coisa. Mas ele sumiu.

Ela mordeu o lábio e encarou a noite com um rosto que tremia no limiar da insanidade, como o estremecer de uma folha sob um vento forte.

— Ninguém nunca foi procurá-lo. Eu estava farta àquela altura. Mas também quase não tinha mais dinheiro. Ele não me deixou nada. Então conheci uma garota.

Ela fez outra pausa, estremeceu um pouco, um calafrio descendo pela sua espinha, e tapou a boca com a mão.

— O que foi?

Seu rosto se contorceu e ela começou a chorar. Então, enxugou os olhos e endireitou os ombros.

— Conheci essa garota chamada Vonda. Ela estava no mesmo hotel e me disse que trabalhava por conta própria. Ela era... bem... você sabe o que estou querendo dizer. Eu não sabia nada sobre essas coisas, mas o modo como Vonda falava... era engraçado. E parecia uma coisa normal, porque até

mesmo constava na lista telefônica. Elite Escorts. Como se fosse um negócio de verdade. E ela dizia: “Se é boa em alguma coisa, nunca faça isso de graça.” Não é engraçado? Quase faz sentido, não é mesmo? — Ela se virou para mim. — Sabe, você me lembra alguém. Um cara de uma dessas bandas que o meu padrasto gostava. Os Almond Brothers. Um cara na capa do disco.

— Um dos proprietários da Elite Escorts é um cara chamado Stan Ptitko. Já se encontrou com ele? — perguntei.

— Não. Acho que talvez eu possa ter ouvido esse nome algumas vezes. Quero dizer, ainda sou nova. Quem é esse cara?

— É o sujeito que tentou me matar esta noite.

— Ah.

— Você estava falando sobre a sua amiga. Vonda.

— Sim. — Seus olhos se encheram de lágrimas e as luzes do painel refletiam neles. — Vonda era legal comigo. Conheci algumas outras meninas que ela conhecia. Na verdade, isso foi bem recente, sabe. Eu não podia pagar o aluguel. Quero dizer, eu estava meio que sem saída. Mas... mas ela...

Rocky balançou a cabeça, como se negasse uma acusação, e tapou a boca com a mão.

— Aquela era Vonda? — perguntei. — Na casa? No quarto.

Ela assentiu. Seus ombros pequenos e musculosos tremiam.

Eu a deixei quieta por algum tempo.

Quando voltou a conseguir falar, disse:

— Eles nos garantiram que seria fácil. Apenas nós duas para trabalhar com aquele sujeito. Justo quando ele começou com Vonda, os três caras entraram. E quando entraram, Vonda estava tirando a roupa. Eu ia esperar um pouco mais. E eles... Eles não a deixaram se vestir de novo. Bateram nesse cara por algum tempo, até ele falar onde alguma coisa estava. Depois,

simplesmente atiraram nele. Mas Vonda... ela estava nua, sabe. E nós duas estávamos apavoradas. Eu nunca tinha visto nada como aquilo. Eles. Hum. *Eles...* — Ela balançou a cabeça outra vez, fechou um pequeno punho e golpeou a própria coxa diversas vezes. Tinha pernas bonitas e me ocorreu que ela não deveria machucá-las dessa forma. — Levaram-na para o quarto. Eles disseram... me obrigaram a ficar sentada. Disseram que iam, que iam... — Ela gaguejava muito enquanto continuava a contar. — Eles disseram que eu era a saideira. Ah, *Deus*, eu era... *ah...* — Ela cerrou os dentes e retesou a barriga como se tivesse levado um soco. — Estou *tão, tão* feliz que você tenha matado aqueles filhos da puta, cara.

— Também estou feliz.

Ela esfregou os olhos com as mãos. Era delicada e, mesmo perturbada, tinha uma resistência robusta que era puramente caipira — um orgulho furioso e idiota que eu reconhecia. Então, me dei conta de algo.

Fazia algum tempo que eu não pensava no meu câncer. Mais do que isso, eu me sentia *bem*. Como se eu fosse alguma espécie de herói.

Como se eu tivesse salvado a menina.

E eu também estava pensando na ideia de sorte, e quão perfeitamente atirara. A sorte que eu tivera por eles não terem encontrado o estilete ou que o dispositivo não tivesse disparado quando me apagaram e me arrastaram até o vestíbulo.

Deixei Rocky chorar e cravar as unhas nas próprias coxas com o máximo de privacidade que a caminhonete permitia. Coloquei uma fita de Roy Orbison.

Dependendo dos lugares por onde passávamos, a tonalidade da noite ao nosso redor variava de nanquim, vermelho e roxo até um amarelo desbotado que pendia como gaze diante da escuridão, como se desse para ver a escuridão sentada sob a luz e, em seguida, voltar a ser nanquim, e o cheiro

do ar variava de sal marinho, polpa de pinho, amônia e óleo queimado. Árvores e pântanos nos cercavam enquanto cruzávamos a Atchafalaya Basin, uma longa ponte suspensa sobre uma escuridão líquida, e eu pensei nos densos aglomerados de vinhas e florestas quando eu era criança, como aquelas coisas verdes e folhosas pareciam tão repletas de sombras, parecendo que metade do mundo estava escondida naquelas sombras.

As torres das refinarias queimavam na noite e seus rastros de fumaça cinza-clara me faziam imaginar Loraine sentada naquela praia em Galveston, com a cabeça aninhada no meu peito, enquanto eu contava para ela sobre os campos de algodão. Perguntei-me o que ela acharia disso.

Alguns anos antes, eu pagara um sujeito para descobrir onde Loraine estava. Ela havia se casado. Eu ainda tinha o seu novo nome e endereço anotados e, de vez em quando, pensava em ir procurá-la. Mas isso foi há dez anos, e sempre fui muito velho para ela.

Perto de Lafayette, Rocky já voltara a se acalmar e sua disposição se desviara para um tipo de excitação que me deixou alerta. Essas rápidas alterações de humor que vemos nas mulheres sempre me pareceram encenadas, suspeitas.

— Aonde estamos indo agora? — perguntou ela.

— Vou deixá-la em algum lugar depois que entrarmos no Texas. Posso deixá-la em Orange, se quiser. Você pode voltar para a sua família.

— Não. Não vou voltar para lá. É melhor me deixar aqui mesmo.

— Em algum outro lugar, então, se não for em Orange. Mas você fica comigo até o Texas. Aqueles caras estarão procurando você. Vão querer descobrir o que aconteceu por lá. Sabe o que isso significa?

A forma como ela afundou no banco indicava que tinha começado a entender como as coisas haviam mudado.

— Ah.

Luzes aleatórias passavam pelo rosto dela, e seus olhos brilhavam como o pântano lamacento abaixo de nós. Ela mordeu o lábio como se estivesse tramando algo.

— Então vamos para algum lugar juntos — disse Rocky.

— Como assim?

Ela se virou de lado, e senti uma onda de animação quando suas pernas se cruzaram sobre o assento, a saia puxada sobre as coxas esguias.

— Olhe... você acabou de dizer que está fugindo, certo? E eu estou fugindo... você acabou de dizer, não foi? Somos do mesmo lugar, cara. Por que não fugimos juntos por um tempo e a gente vê no que dá?

Minha nuca ficou quente e senti alguma coisa presa na garganta, mas claro que não deixei transparecer. Lancei um olhar para as pernas dela, seu cabelo louro acima do pescoço, frisado em cachos exuberantes, partidos ao redor do seu rosto, o rosto anguloso feito o de um pássaro, com olhos tão grandes cuja cor eu ainda não conseguia identificar. Ela reaplicara a maquiagem e continuava passando rímel demais, tentando parecer mais velha, imagino, mas as grossas camadas de rímel só a faziam parecer ainda mais infantilizada.

Provavelmente era o tipo de garota do interior que ficava maluca se não houvesse um homem por perto.

— Só estou dizendo — começou ela, baixando os olhos — que me sentiria muito mais *segura* agora se pudesse ficar mais um pouco com você.

Balancei a cabeça.

— De jeito nenhum. Meu Deus. *Não*. Aonde você acha que iríamos?

— Não sei. — Ela deu de ombros. — Em algum lugar do Golfo? Algum lugar com praias? Corpus, talvez? Ou o que me diz de percorrermos todo o caminho até a costa oeste? Hein? *Califórnia*.

Ela sorriu, e me incomodou que falasse como se aquilo fosse uma viagem de férias.

— Quanto dinheiro você tem? — perguntei.

Ela virou o rosto.

— Eu? Cerca de zero a nada.

— *Ah!* — exclamei.

Ela endireitou os ombros.

— Você acha que quero o *seu* dinheiro, seu merdinha? Consigo muito bem me bancar. Eu *tinha* meu próprio dinheiro, mas está lá. Em Nova Orleans. Você não *perguntou* se precisávamos passar na *minha* casa. É você quem está *me* sequestrando. — Ela cruzou os braços, fez uma cara emburrada, sinais daquele orgulho estúpido e rancoroso, fermentado por anos difíceis. — Não preciso da porcaria do seu dinheiro.

— Então não precisa de mim, Rocky. Você poderia desaparecer com muito mais facilidade se não estivesse presa a mim.

— *É. Desaparecer.* — Ela mexeu as pernas e voltou a olhar pelo para-brisa. — Não sei. Só não quero ficar sozinha, está bem? Nesse momento, quero dizer, devido ao que aconteceu, eu realmente não quero ficar sozinha. Tudo bem?

Luzes vermelhas irromperam no meu retrovisor, estilizando a noite da mesma forma que um tiro ou um grito. Sirenes. Ela ofegou.

— Está tudo bem — falei.

Mas meu coração estava prestes a arrebentar o esterno, de modo que desliguei o rádio, freei e conduzi para o acostamento. Ela puxou a bolsa para o colo e apertou-a com ambas as mãos.

— Não deixe eles nos prenderem — disse ela, e sua voz não soava fraca nem amedrontada, mas firme e sem compromisso. — Não deixe eles fazerem isso, cara.

Porém, assim que parei o carro no acostamento, o policial passou direto por nós com a sirene fazendo barulho, piscando as luzes. Aquela foi uma das mais belas visões que já tive na vida, as luzes esfumaçadas piscando cada vez menores ao longe.

Nossa respiração era o único som então. Suas mãos soltaram a bolsa e começamos a rir. Ela tinha uma risada estridente, histérica, que fazia a sua boca se abrir como um alçapão. Esperei até as luzes da polícia desaparecerem e voltei com a caminhonete para a estrada.

Seguimos em silêncio por algum tempo.

— Não há nenhuma boa razão para ficarmos juntos — falei.

Realmente não sabia por que eu tinha voltado a tocar nesse assunto.

O que percebi mais tarde foi que eu estava pedindo para que ela me convencesse, que me desse uma desculpa. Como se uma parte não completamente formada de mim tivesse visto a sua chance de nascer.

— Que tal, sei lá, *solidariedade*, cara? Agora somos como parceiros no crime — disse ela.

— Crimes muito, muito diferentes.

— Tanto faz.

Ela se voltou para a janela e cruzou os braços. Estava cansada de tentar me convencer daquilo, mas talvez fosse apenas porque ela tivesse percebido que eu era fácil de levar.

— Diga-me: por que você não quer ir para Orange? — perguntei.

Ela projetou o queixo para a frente e respondeu:

— Não se preocupe com isso. Tenho os meus motivos.

— Sua família ainda está lá?

Ela revirou os olhos e suspirou.

— Alguns parentes.

— Você não pode ir para a casa deles?

— Não somos próximos, cara. Entendeu?

Ela apertou a bolsa na barriga e sugou o lábio inferior.

— Mãe e pai?

— Padrasto. Qual é, cara, vai começar a vasculhar essas coisas? Fala sério. O que você tem a ver com isso?

— Calma aí. Então é só o seu padrasto?

A floresta serpeava em torno da interestadual e ela contorceu a boca.

— Olhe, se eu falar só porque fui obrigada a isso, você não terá nenhuma maneira de saber se estou mentindo ou não. *Nenhuma*. Então, deixe isso para lá, ok? Quero dizer, como *você* acabou indo parar em Nova Orleans?

Aumentei o volume do rádio e ela se recostou no assento, mas na minha cabeça uma resposta se formulou por conta própria. Minha própria história sempre me pareceu arbitrária.

Trabalhava para Harper Robicheaux em Beaumont desde os meus dezessete anos. Depois que ele morreu, em 1977, em Breaux Bridge, Louisiana, Sam Gino assumiu as ações. Então, Stan Ptitko foi chamado para administrar o bar. Mais tarde, não havia mais Sam Gino, mas seu pessoal ainda queria me oferecer trabalho. Na cidade. Essa era a resposta de como fui parar em Nova Orleans.

Pensei sobre isso. Era verdade, mas a história não parecia correta. Realmente não explicava nada, certo?

Eu tinha sete anos quando John Cady voltou da Coreia, e menos de dois anos depois, ele caiu de uma torre de refrigeração da refinaria e quebrou o pescoço, bêbado antes do meio-dia. Eu o chamava de pai, mas, enquanto crescia, diversos fatos deixaram bastante óbvio que ele não era meu pai: nossa aparência, a linha do tempo da minha concepção. Ele sempre foi gentil comigo, embora não tivéssemos convivido por muito tempo. Cerca de um ano depois de o sepultarem, Mary-Anne caiu de uma ponte. Ela preferia

que eu a chamasse de Mary-Anne em vez de mãe, o que, segundo ela, envelhecia dez anos uma mulher. Disseram que foi ela que pulou, mas eu não acredito que as pessoas com quem ela estava fossem confiáveis. Então, veio a casa comunitária, os Beidles e os campos de algodão.

E agora eu estava morrendo e tudo o que já tinha acontecido comigo começava a me parecer vagamente importante.

Lake Charles surgiu após três horas de estrada, e as luzes além das árvores ficaram mais claras.

Rocky se endireitou no banco.

— Onde vamos parar hoje à noite? Até onde iremos?

— Ainda não decidi. A ideia principal era sair de lá. Parece que escapamos.

— Acho que sim.

— Estou achando que pode levar algum tempo até eles descobrirem o que aconteceu, até entenderem tudo. Mas, quando descobrirem... o que vai acontecer? A polícia não vai ouvir falar de nós. Eles não poderiam nos entregar sem se ferrarem. Esse cara, Stan Ptitko. As pessoas sabem quem ele é. Ele não quer fazer estardalhaço.

— Tudo bem.

— Então, se continuarmos quietos e formos cada vez mais longe... Sim. Provavelmente vamos conseguir escapar.

Ela assentiu.

— Mas, quero dizer, estamos indo para o Novo México, Nevada ou o quê?

— Não sei.

Nenhum de nós agiu como se tivesse percebido que não contestei o fato de ela ficar por perto.

— Sabe, se você cortasse o cabelo e tirasse a barba aposto que ninguém o reconheceria.

— Sei disso.

— Eu meio que quero uma bebida.

— Eu meio que quero várias. Tipo uma jarra de uísque single malt.

Ela me encarou e ficou de joelhos em cima do banco.

— Estou começando a sentir que nunca precisei tanto de uma bebida como agora.

— Bem, você ainda é jovem.

Suas sobrancelhas se moveram de forma maliciosa, sacana — até demais. Mas era uma máscara frágil, porque ela também parecia cansada, atordoada, prestes a sucumbir, como se estivesse lutando contra tudo aquilo ao mover as sobrancelhas.

A fita chegara ao fim e os pneus zumbiam sobre o asfalto. Estávamos quase fora da cidade, nos aproximando de Sulphur, onde a longa extensão costeira de refinarias lembrava Chicago à noite. Pensei em alguns lugares que eu conhecia em Lake Charles.

— Você tem uma identidade? — perguntei.

Ela assentiu.

Foi um tanto irreal, até um pouco onírico, o modo como o asfalto baixou e as árvores cederam lugar para os postes amarelos da Prien Lake Road, a rua principal.

Encontrei um lugar onde estivera anos antes chamado John's Barn. Um tanto pequeno, tinha um pé-direito baixo e três mesas de bilhar e era recheado de mulheres gordas e homens irritados bebendo Miller Lite à espera de uma briga. Lake Charles era um dos lugares da Costa do Golfo onde era mais fácil levar uma surra. E qualquer lugar ao sul dali era um campo de terror caipira.

Demos a volta no estacionamento de cascalho e deixei a caminhonete à sombra, embaixo de algumas árvores nos fundos. A fumaça pairava sobre os penteados altos e duros das mulheres como névoa em torno de icebergs. Duas bandeiras, a nacional e a confederada, estavam penduradas ao longo de uma parede nos fundos, acima de uma imagem de Ronnie Reagan e o seu cabelo heroico. Percebi que Waylon tocava no jukebox, além de risos e vozes amistosas conversando ao redor, de modo que parecia estar tudo bem.

Algumas pessoas nos lançaram olhares, uma vez que Rocky tinha idade suficiente para ser minha filha. Para eles, talvez fosse mesmo. O barman usava o colarinho erguido e havia cortado as mangas da camisa. Ele olhou para a identidade e para o rosto da garota umas dez vezes.

Pedi uma garrafa de Bud e uma dose de Johnnie Walker.

Rocky ficou na ponta dos pés e tamborilou os dedos no balcão.

— Você tem suco de toranja?

O sujeito assentiu. Seu bigode era fino, de aparência doentia, o cabelo, liso e repartido como o de um contador.

— De que tipo? — perguntou ela. — Amarelo ou rosa?

Ele foi até um refrigerador e ergueu uma lata pequena.

— Amarelo.

— Legal — disse ela. — Quero um salty dog duplo com sal extra.

Era o tipo de drinque que poderia angariar antipatia em um lugar como aquele, mas vi que ela sorria de um modo que seria capaz de desamarrar qualquer cara feia. Porém, não gostei muito da forma como o barman sorriu de volta para ela.

Todo mundo que estava no balcão parou de falar para nos olhar. Todos bebiam Bud ou Miller e é provável que tenham se ofendido com o ar levemente pretensioso dos nossos pedidos. Havia apenas algumas mesas no

centro do salão e todas estavam ocupadas, por isso nos encostamos em um corrimão ao longo da parede dos fundos.

Terminamos nossas bebidas em cerca de cinco minutos.

— Mais quatro ou cinco desses e eu poderia me sentir bem de novo — disse ela.

— Nem fale...

Ela deslizou seu copo vazio na minha direção.

— Você pode pagar para mim? Só hoje.

Assenti. Mas, enquanto andava até o bar para pagar a próxima rodada, instintos antigos já incitavam a minha animosidade. A primeira e a mais útil das regras da prisão é que você cumpre a própria pena, não a de outra pessoa.

Todo mundo me viu fazer o pedido, e o barman não preparou o salty dog da mesma forma. Quando voltei, havia dois rapazes perto de Rocky, inclinando-se em tacos de sinuca e sorrindo que nem idiotas enquanto ela lhes lançava aquele sorriso fácil e torcia um tornozelo.

Apoiei as bebidas no corrimão.

— Ei — disse ela. — Obrigada. Estes são Curtis e David.

Ambos eram magros, só pele e osso, usavam bonés sobre os rostos comuns e finos e tinham olhos pequenos e muito próximos um do outro, o que eu sempre associei à endogamia dos pântanos. Assenti, reconhecendo a amarga percepção que cintilou nos rostos dos garotos.

— Eles trabalham nas fábricas de Sulphur — disse ela. — Curtis é peão de rodeio.

— É — falou um deles, estendendo a mão para me cumprimentar. — O que vocês dois estão fazendo por aqui?

Apertei a mão dele.

— Prazer em conhecê-lo.

Então virei as costas para ele. Pelo rosto de Rocky, dava para ver que eles ainda estavam atrás de mim, então olhei por cima do ombro.

— Ei — disse o sujeito. — Vocês querem jogar sinuca?

— Não, obrigado. — Eu me virei. — Caíam fora, caras.

Seus peitos se estufaram e seus olhos ficaram estreitos. Eles se entreolharam e voltaram a me encarar com olhos pequenos, frios, idiotas e sombrios, como olhos de peixe. Conheci caras assim a vida inteira, caipiras idiotas presos a um estado de permanente ressentimento. Torturam animais pequenos, crescem e dão surras de cinto nos filhos e destroem suas caminhonetes dirigindo bêbados, descobrem Jesus aos quarenta anos e começam a ir à igreja e a sair com prostitutas.

— Não precisa ser grosseiro, senhor.

— Ah, *por favor*, gente. Não se preocupem com isso. Meu tio é legal — disse Rocky.

Eles se entreolharam enquanto eu os encarava, e senti a pequena veia em minha testa pulsar duas vezes mais rápido que o normal. Em seguida, pararam de tentar me encarar nos olhos. Os rapazes deram uma espécie de aceno de cortesia para Rocky e retornaram para o seu jogo sem olhar para trás.

— Meu Deus, cara — disse ela. — Qual é o seu problema?

Tomei um gole do Johnnie Walker.

— Não estamos tentando conhecer pessoas aqui. Está me entendendo?

— Bem, tratar os caras desse jeito não é exatamente ser discreto.

Não respondi, mas fiquei atento ao fato de como era fácil e rápido invocar uma fúria que me permitiria deixar aqueles garotos aleijados.

Aquele era o meu negócio. Sempre fora.

Comigo, tudo fica muito à flor da pele.

Mas eu não podia fazer nada naquele momento, dada a situação e aquela garota sendo quem era. Os rapazes nos avaliavam da mesa de sinuca, conversando entre si. Tomei um gole da cerveja e olhei para um cartaz das líderes de torcida dos Saints pendurado na parede. A maneira como Rocky olhava para mim havia mudado, ficara mais cautelosa, e a luz do jukebox iluminava seu rosto e fazia os olhos dela brilharem. Fitei-os.

— O que foi? — perguntou ela.

— Seus olhos são verdes. Eu estava curioso.

— Que inferno, cara. Você é meio estranho.

Acendi um cigarro.

— Por que você os chamou?

— Bem, eu pretendia filar um cigarro deles. Mas então vou simplesmente ficar com um dos seus.

Ela enfiou a mão no bolso da minha jaqueta e tirou um maço de Camel, pegou um cigarro e devolveu o maço, e toda aquela série de gestos pareceu muito calculada e amadora.

— Você não está falando a verdade.

Ela tentava me seduzir.

— Como você sabe?

— Muitas pessoas desviam os olhos um pouco para a esquerda quando mentem.

— Ah, fala sério.

— É verdade.

— Os meus não fizeram isso.

— Pode apostar que fizeram.

Ela riu e acendeu o cigarro. Fechou os olhos ao tragar e deixou a fumaça exalar lentamente da sua boca. Ao voltar a falar, sua voz soou baixa, quase um queixume.

— Você disse que eu precisava de dinheiro, não disse? Quero dizer, nós concordamos com isso.

Uma canção triste e fanhosa ascendeu em meio às outras vozes e o jukebox brilhava em tons de branco e rosa através da fumaça.

— Isso é muito baixo. Sem querer ofender. Você é bem jovem. Deveria almejar metas profissionais um pouco mais elevadas.

Ela deu um passo para mais perto e pousou a mão no meu pulso. O calor se espalhou rapidamente pelo meu braço e pelos meus ombros.

— Não gosto disso, cara. Mas todo o meu dinheiro está lá na cidade.

— Você poderia ter vendido o seu peixe, mas exagerou. Não deveria ter colocado a mão no meu pulso. Foi demais.

Mas não tirei a mão e, em seguida, ela deu um passo para trás, o lábio inferior caído e ligeiramente trêmulo.

Terminei meu Johnnie Walker.

— Não foi nada grave. Só não tente brincar comigo, garota. Não vai conseguir nada de bom fazendo isso.

Ela cruzou os braços e trincou os dentes, começando a construir para si uma bela fortaleza de indignação, mas eu a detive antes que pudesse falar.

— Acalme-se. Apenas pare. Corte essa baboseira de baby-doll e esses pequenos flertes, ok? Assim, não serei falso com você. — Baixei a garrafa e seus lábios relaxaram em um belo e confuso sorriso. Ela bateu o pé. — Olhe. Estou lhe oferecendo algo, e acredite quando digo que é *muito* mais do que a maioria das pessoas consegue de mim. Estou dizendo para ser honesta comigo. Não tente fazer joguinhos e serei franco com você. Se eu não confiar em você, então não poderá vir comigo.

Ela deu uma tragada no cigarro de forma desafiadora.

— Então, pensou sobre isso? Podemos nos esconder juntos?

— Talvez. Apenas durante algum tempo. Basta ser sincera comigo.

— Sobre o quê?

— Sobre quem você é.

— Tudo bem. Você primeiro. — Ela ergueu o queixo, soprou a fumaça e tirou o cigarro da frente do rosto. — *Quem é você?*

Dei de ombros.

— Sou o que eles chamam de cobrador. — Terminei minha Bud com um longo gole e apaguei o cigarro. — Além disso, descobri hoje de manhã que estou morrendo de câncer.

— Eu acho que... espere aí. O que foi que você disse?

— Hoje de manhã.

— *Você... está mesmo?*

Assenti.

— Você é a primeira pessoa para quem estou contando.

Eu ri.

— Ai, meu *Deus*. Sinto *muito*, cara. Eu tinha uma tia. Espere. É mesmo? *Você realmente* está me dizendo a verdade?

— Olhe para o meu rosto. — Ela obedeceu. — Meus pulmões estão cheios de merda e vou morrer logo. Descobri hoje de manhã.

— *Ab*, cara. Eu tinha uma tia com câncer. Aquilo a consumiu. Ela parecia uma cartilagem.

— Não quero falar sobre isso nem nada. E não quero que fique me lembrando disso. Você não me conhece há tempo o bastante para se importar.

Acendi outro cigarro e seus olhos se arregalaram.

— Ei. Você devia...?

Soprei um anel de fumaça.

— Por que parar agora?

— Uau. Felicidades para você, cara.

Um bêbado com cicatrizes de queimaduras no pescoço meneou a cabeça com malícia entre nós dois enquanto cambaleava até a porta do banheiro.

— Você não... você não tem uma namorada, uma família ou qualquer pessoa? Quero dizer, alguém para quem você devia *contar*? — perguntou Rocky.

— Não. O que acabei de lhe dizer sobre não ficar me lembrando disso?

— Desculpe. Droga.

Ela riu baixinho para si mesma. Seu rosto floresceu quando ela sorriu, e seus olhos brilharam e ficaram franzidos.

— O que foi? — perguntei.

— Este dia foi mesmo um inferno para você, hein, cara?

— O mais infernal de todos.

Pensei na casa de Sienkiewicz, nos homens no vestíbulo, no crânio de Angelo, mas, acima de tudo, pensei em quão rápido agi, como a minha mente e as minhas ações fluíram como mercúrio. Como se a certeza da morte tivesse queimado tudo o que era desnecessário, tornando-me mais rápido, mais puro, da mesma forma que acontecia com os caubóis e os espadachins nos filmes de que eu gostava.

Assim, ali mesmo no bar, com ela, senti que estava mudando, tornando-me algo diferente. Ela sacudiu o gelo que derretia no copo.

— O que você quer fazer? — perguntou ela.

Girei minha garrafa no corrimão, observando o rastro de condensação.

— Que tal ficarmos bêbados?

— Com certeza.

Fui até o bar e voltei com mais bebidas, e Rocky estava sozinha, mas os rapazes na mesa de sinuca continuavam de olho nela.

Ao brindarmos, ela disse:

— Mas e depois?

Dei de ombros.

— Amanhã continuamos.

Nada mais me parecia muito arriscado agora. Como se eu estivesse protegido por uma camada. Eu me sentia tão alerta e desperto que quase podia detectar cada átomo individual de fumaça rolando sobre a minha pele como se fosse cascalho esmagado.

Ela tomou um gole da bebida e as extremidades dos seus lábios se curvaram, marcando duas covinhas nas suas bochechas. No sorriso dela brilhou o perigo do ímpeto de seguir em frente sem qualquer plano.

Mas eu não precisava de um plano, apenas de movimento. Como o mais puro assassino, eu já estava morto.

As pessoas nos observaram, em especial quando saímos do bar, porque ninguém gostou da ideia do que aparentemente faríamos em seguida... Um homem como eu e uma garota como ela. Eu forçava os olhos através do para-brisa e Rocky batia a cabeça. Saí da interestadual onde eu sabia que havia alguns hotéis, mas, de certa forma, todos eram muito iluminados, então dirigi para o sudeste, para a parte sombria da cidade, onde paguei por um quarto de motel com vista para um terreno baldio e um shopping falido. Um lugar chamado Starliter. Paguei em espécie, e a velha do outro lado da mesa era quase careca, mascava tabaco e não pediu as nossas identidades. Ela me fazia lembrar de Matilda, a mulher que cozinhava na casa comunitária refeições com chouriço e ovos em pó.

O quarto tinha uma única cama king-size e o ar-condicionado sacudia as vidraças. Rocky foi ao banheiro enquanto eu tirava as botas, enfiava a pistola em uma delas e as colocava junto ao cofre debaixo da cama. Tirei o casaco e o cinto e tombei na única cadeira do quarto, os pés plantados no chão e os olhos fechados voltados para o teto, esperando o mundo parar de rodar.

A porta do banheiro rangeu e entreabri os olhos. Ela saiu de calcinha e uma blusa regata, o cabelo curto molhado e penteado para trás. A lâmpada no banheiro lhe fornecia uma iluminação digna de um desses pôsteres centrais de revistas masculinas de alto nível. Ela deixou as outras roupas em um canto, dobradas debaixo da bolsa, e eu mantive os olhos semicerrados, de forma que parecesse que eu estava cochilando. Ela se aproximou de mim e pude sentir o seu cheiro, uma atmosfera almiscarada e florida.

Ela pousou a mão no meu ombro.

— Roy?

Abri os olhos. Sua calcinha era azul-clara, do tipo que tem tiras nas laterais, e os ossos de seus quadris se projetavam nitidamente para fora. O pequeno monte em forma de concha no centro das suas pernas estava na mesma altura dos meus olhos. Seus dedos se moviam suavemente pelo meu ombro.

— Você quer vir para a cama?

— Estou bem aqui.

— Está tudo bem. Você pode vir.

Soergui-me e pisquei para afastar a confusão da minha cabeça. Seu rosto voltado para baixo, lembrando o de uma raposa, exibia lábios úmidos e entreabertos.

— Outra coisa — falei. — Aquilo que conversamos no bar. Sobre sermos sinceros. Não fique andando de calcinha na minha frente ou algo assim. Não quero você fazendo isso.

— Por que não? — perguntou ela, deslizando a outra mão ao longo da coxa e esfregando a barriga reta. — Depois do que aconteceu hoje? Você não gosta de mim?

— Estou lhe pedindo para parar.

Ela deu um passo para trás em direção à cama.

— Tudo bem.

Ao subir na cama, sua bunda se projetou para cima, pequena, redonda, com a divisória parecida com a de um pêsego, o tipo de bunda com a qual quase todos os homens brancos que conheço fantasiam, incluindo eu, e os triângulos de seda da calcinha faziam as laterais das nádegas dela escaparem, e não havia nada nela que fosse flácido ou enrugado. Não sei o que havia de errado comigo. Ao ficar bêbado, andara pensando em Carmen e Lorraine, me perguntando se ela teria se divorciado, e Rocky era mais bonita do que qualquer uma das duas e, assim como a maioria dos homens, a ideia de fazer

sexo com uma jovem implicava um pouco de imortalidade para mim. Mas eu simplesmente não estava nessa. Ela se cobriu com o lençol enquanto o ar-condicionado rugia e estremecia, o ar frio penetrando no meu peito.

Sem se virar da parede, ela sussurrou:

— Pode dormir aqui se quiser. Você deveria dormir na cama. Eu não vou fazer nada.

Ela puxou as cobertas sobre si mesma. Levantei-me e me deitei na cama, e o colchão rangeu e afundou. Deitei-me de costas, com as mãos cruzadas sobre a barriga. Seu corpo enrolado se aproximou um pouco mais do meu, tenso e virado de costas.

Fechei os olhos para ignorar o barulho do ar-condicionado e, gradualmente, senti a respiração dela se acomodar em um ritmo lento e profundo. No escuro, comecei a pensar no homem cujo apartamento visitara no início do dia, aquele com os bilhetes de apostas, as garrafas vazias e a foto da mulher e da criança. Agora, ele não precisaria se preocupar mais em me ver.

Eu me perguntava o que ele faria com o tempo que ganhara.

Eu me perguntava se ele fugiria.

Pela manhã, Rocky roncava suavemente ao meu lado, as cobertas afastadas daquelas pernas incríveis, a calcinha fina e surrada grudada na bunda, uma das tiras puída. Acordei pensando em Mary-Anne. Minha mãe tinha o cabelo louro arruivado e um rosto bonito, dramático, com uma bela formação óssea. Quando não se maquiava, exibia escuras olheiras de guaxinim, seu único defeito de verdade, mas que tornava o rosto dela ainda mais profundo, e o seu olhar vasculhava as coisas, procurando bugigangas. Ela traíra John Cady durante algum tempo. Isso era óbvio, e posteriormente passei a acreditar que ele não deve ter se importado.

Às vezes, ela ficava em casa e ouvia discos de Hank Williams com a mão no queixo, sentada à mesa da cozinha. Bebia ponche de rum até os olhos assumirem uma expressão vadia, atordoada. Então, podia querer que eu dançasse com ela. Sempre fui alto, e ela pousava a cabeça em meu ombro, e o ventilador barulhento soprava o quente odor do seu suor com sabão na minha direção, e a pele dos seus braços acabava colando um pouco ao redor do meu pescoço.

Nessas noites, às vezes ela me contava algumas histórias. Suas histórias eram sobre um tempo antes de mim, quando ela trabalhara em Beaumont para um homem chamado Harper Robicheaux, que gerenciava uma boate. Ela gostava de falar sobre ele. Aquele homem era um mandachuva que fora bom para ela, e Mary-Anne contava histórias de ter cantado para os frequentadores da boate, usando vestidos longos e brilhantes e fumando com uma piteira de ébano. Ao falar sobre essas coisas, ela podia começar a cantar, e realmente tinha uma voz cheia e trêmula que era quase muito grave e esfumaçada para uma mulher. Ela cantava coisas de Patsy Cline ou Jean Shepherd, mas, quando parava de cantar, o jeito como ela sorria era como uma triste encenação que quase me amedrontava.

Ela nunca se recuperou depois que John Cady caiu daquela torre de refrigeração e começou a sair com pessoas que eu não conhecia.

Seu corpo apareceu em Rabbit Island, aquele trecho vazio da floresta no meio do Prien Lake, onde a autoestrada I-10 se ergue sobre as águas.

Quando despertei, essas lembranças de Mary-Anne estavam bem vívidas. A luz do dia — aguada, cinza e triste — era peneirada pela janela do quarto em que estávamos no Starliter. Eu não me sentia mais como na noite anterior. Toda aquela certeza e sensação de sorte pareciam ter desaparecido.

Havia uma promessa quebrada nas frias paredes daquele quarto. Esperanças antigas ladrando como cães fantasmas dentro de mim, apenas as frustrações antigas, os velhos ressentimentos, e fiquei furioso ao encontrá-los nos meus calcanhares naquela manhã, tendo me rastreado ao longo dos anos.

Levantei-me para ir fumar um cigarro e deixei Rocky enrolada na cama. Um pinheiro rachado estendia-se sobre o estacionamento e marcava o início de um campo de ervas daninhas que despencava em um barranco raso repleto de garrafas quebradas e sacos de lixo rasgados. O sol ainda não havia surgido no horizonte e uma luz perolada preenchia o céu, arrancando sombras das lascas de tinta branca do motel, revelando uma mancha de infiltração que se estendia por todo o edifício em forma de U. Rachaduras mapeavam a estrada até as bordas, onde o asfalto se fraturava em pequenos pedaços.

Considerarei o clima, a forma como o ar pousava em mim feito uma língua gigante, úmida, quente e áspera como brasa. Pensei em Stan e Carmen e me perguntei se ela sabia o que ele tentara fazer comigo.

Joguei o cigarro fora e voltei para o quarto.

Ouvi o chuveiro aberto atrás da porta, e a cama vazia estava um emaranhado. Sentei-me na beirada dela e cerrei os punhos para deter os

tremores matinais.

Ela saiu do banheiro enrolada do peito às coxas em uma toalha branca. O cabelo penteado para trás isolava o seu rosto como se tivesse um holofote direcionado para ela.

— Ei — disse Rocky. — Vou me vestir agora. Só vim pegar as minhas roupas. Não estou tentando nada.

Havia um tom de timidez em sua voz que me irritou.

— O que isso quer dizer?

— Como assim?

— Está tentando afirmar que há algo de errado comigo só porque não quero transar com você?

— Não. Não...

— Vou deixar você aqui.

— *O quê?*

— Chega dessa baboseira de baby-doll e vem-cá-meu-bem.

— Qual é o seu problema, cara?

Levantei-me, e ela voltou para o banheiro com as roupas nas mãos.

— Pare com isso, cara. Você está, tipo, parecendo os caras de ontem à noite.

— Vai ter que ligar para alguém. Vou deixar alguma grana com você.

Seu rosto estava amedrontado, e, com o cabelo puxado para trás, ela parecia inocente, inatacável. Olhei para minhas botas, abri e fechei os dedos.

— Olhe, eu andei pensando — disse Rocky. — Muito. Sobre o que você disse na noite passada. Você vai precisar de alguém, Roy. Eu sei quanto as pessoas ficam mal quando estão doentes.

— Cale a boca e não fale mais sobre esse assunto.

— Tudo bem. Mas olhe só. Veja o que você me falou na noite passada. Então chegamos aqui e eu faço algo assim. Sinto muito sobre aquilo. Não sei

o que me deu. Acho que foi só a bebida. Ou o jeito como você falou comigo. Mas gostei disso, Roy, do jeito como falou comigo na noite passada.

Olhei para meu reflexo no espelho. Minhas narinas pálidas, as rugas da minha testa profundas e sem cor.

— Eu queria lhe dizer que gostei mesmo. De tudo. De tudo o que você fez. Poderia ter feito o que que quisesse comigo, mas me ajudou. Quando eu estava tentando obter algo de você... sendo que eu nem *sei* o que era. E você falou direito comigo. Bem, eu estava pensando nisso agora no banheiro, Roy.

Enquanto ela falava, o vago orgulho da noite anterior agitou-se dentro de mim, aquele sentimento heroico, e ela se sentou na cama e levou a roupa ao peito.

— Eu também estava pensando em você — disse ela. — No que está acontecendo com você. Não estou falando para lembrá-lo daquilo. Não *mesmo*. Mas ouça. Sei que você não precisa de mim por perto, Roy. *Sei* disso. Mas *acho* que, quero dizer, da forma como as coisas estão, acho que você *devia*. No fim das contas. Pensei que se talvez tivesse uma amiga para ajudá-lo, para fazer as coisas quando você precisar. — Ela se voltou para a parede e apertou ainda mais a toalha. — Só estou dizendo que, se for o caso e você precisar de alguém por perto... Você quer sinceridade, como disse. Então eu faria isso. Não vou mentir para você. Eu *posso* me virar sozinha. E se houver alguém me procurando, terei você para me ajudar. E se você ficar mal, ou, *você sabe*, então terá a *minha* ajuda.

Abri as mãos e agarrei meus joelhos, senti o meu rosto abrandar. Éramos um casal improvável refletido naquele espelho de motel.

— Tudo bem, Rocky. Vamos ver no que vai dar. Por um tempinho. — Baixei a cabeça e respirei fundo. — E comece a me chamar de John. Esse é o meu nome agora.

Meus novos documentos estavam em nome de John Robicheaux.

— Pode contar comigo, John. — Ela se levantou, foi até o banheiro e parou à porta. — E eu posso contar com você.

A primeira coisa que fiz depois de deixar o Starliter foi comprar um *Times-Picayune* e uma caixa de donuts em um Kroger's, e Rocky e eu nos sentamos no estacionamento para comer os donuts com café, enquanto eu folheava o jornal.

Verifiquei o jornal de cabo a rabo, mas não havia qualquer menção a homicídios em Jefferson Heights, e, quanto mais eu pensava sobre isso, percebi que o único som naquela noite haviam sido dos dois disparos da minha arma, que poderiam ter sido abafados pelas antigas paredes de alvenaria, de forma que se misturaram com o barulho geral da cidade. Ou talvez as pessoas tivessem ouvido, mas ninguém havia se importado. Em qualquer um dos casos, Stan teria limpado tudo.

— Nunca vi alguém colocar essa quantidade de açúcar no café. Foi quase a metade do copo — disse Rocky.

Deixei meu café no painel e peguei a pasta de papel pardo recheada de documentos sob o assento. O sangue nas páginas estava seco e tinha cor de ferrugem, e eu a abri em cima do jornal. Manifestos. Registros de contêineres perdidos. Folhas de pagamentos. Um longo testemunho, assinado por Sienkiewicz. O nome Ptitko em letra cursiva. *Ptitko* por toda parte.

— O que é isso? — perguntou Rocky, enchendo a boca de donuts.

Fechei a pasta e guardei-a de volta debaixo do assento.

— Ainda não sei.

Dirigi até um Hibernia Bank e esvaziei minha conta bancária, mais seiscentos dólares para adicionar aos meus três mil. Rocky ficou muito animada com as notas em mãos. Seu cabelo secara em um louro felpudo e saltitante, quase punk rock.

Sua beleza era fácil. Era consoladora, de certa forma. Do modo como um rosto bonito pode ser tranquilizador.

Oeste na autoestrada I-10. Ela encontrou uma fita de Patsy Cline e começou a cantar baixinho acompanhando a música, e quase pedi para ela parar, por causa do que aquilo me lembrava, mas acabei não fazendo isso. A terra que atravessávamos era como um tablete de argila estilhaçado, repartido em ilhas verdejantes, e toda a água escura e barrenta se espalhava até o Golfo na distância ao sul. A luz do sol incendiava as ondulações e os lamaçais dos baixios com fogo branco.

Atravessamos Sulphur e as refinarias de petróleo, um reino de tubulações, concreto e odores nocivos. Ela parou de cantar e desligou o rádio.

— Roy? Você poderia seguir em frente e nos levar até Orange, como disse que faria?

— O quê? Por quê? — Minha voz quase falhou. — Quer que eu a deixe sozinha agora?

Ela balançou a cabeça.

— Não. O que eu disse hoje de manhã continua valendo. Cada palavra. Mas também disse que posso me virar sozinha. Posso arranjar algum dinheiro.

— Em Orange, Texas?

— Posso.

— Como?

Ela estreitou os olhos voltados para o para-brisa e, em seguida, virou-se para observar os ciprestes partidos que passavam, como ossos marrons erguendo-se da lama.

— Não se preocupe com isso. Alguém lá me deve dinheiro. Vá em frente e pare um segundo em Orange.

- Agora você *quer* ir para Orange.
- Estamos na I-10 mesmo. Não vai fazer diferença.
- Quem você vai procurar?
- Um cara lá que me deve dinheiro. Só pensei nele hoje de manhã.
- Você acha que ele vai lhe pagar?
- Ele vai, sim. Tenho certeza *absoluta* disso.

Sua voz baixara um tom e seu olhar parecia profundamente concentrado. Pensei por um instante.

— Você quer que eu fale com ele, é isso? Sou eu que devo pegar o dinheiro para você? Sou seu leão de chácara agora?

— Não.

— *Não?*

— Não. Só preciso que você me dê uma carona.

Pensei a respeito.

— Tudo bem, então.

— Mas você o faria se eu pedisse? — perguntou ela. — Se eu pedisse que você conseguisse o dinheiro para mim, você faria isso?

Apertei o volante e fiz uma careta para mim mesmo.

— Talvez.

— Tudo bem. Não preciso de você para isso. Mas obrigada. — As formas esguias das árvores nuas e retorcidas eram como troncos cerebrais e as garças brancas empoleiradas em um cipreste esparramado pareciam seguir a caminhonete com os seus bicos. Ela revirou o conteúdo da bolsa. — Vou falar com ele sozinha.

— É seguro?

— Ah, sim, é seguro.

— Você realmente quer se arriscar tanto assim? Temos dinheiro. Quero dizer, eu não estava falando sério antes. Você não precisa arranjar dinheiro

agora, de verdade. Quando chegarmos aonde estamos indo, vamos pensar em alguma coisa.

— Não. Está tudo bem. Preciso fazer isso. Fiz uma promessa. — Rocky olhou pela janela com uma reserva fria e prática que eu ainda não tinha visto nela.

— Você quer me contar sobre o que diabo está falando?

Ela virou a cabeça.

— Se você perguntar, eu falo, porque disse que faria isso. Mas realmente preferiria que não perguntasse.

Uma placa verde informava que Orange ficava a treze quilômetros de distância.

— Tudo bem — concordei. — Eu acho.

Ela cruzou os dedos e suspirou. Todo aquele mundo de trepadeiras kudzu, árvores retorcidas e água escura parecia significar algo para ela, da mesma forma que também tinha significado para mim, e ela olhou pela janela com uma expressão de rendição. Para nós dois, a paisagem tinha uma gravidade que nos atraía para o passado e nos possuía com as pessoas que tínhamos sido.

Passamos por uma pequena rua principal de botecos, um posto de gasolina, cooperativa de crédito. Grama alta, silvestre.

— O Tastee Freez. Era aonde todos íamos — disse ela, mas não estava realmente falando comigo.

A pradaria plana se estendia sob o céu, sendo margeada por árvores espessas, bafordadas de amônia e madeira úmida. O próprio ar nesses locais é tão claro que realmente absorve a luz, e você tem que semicerrar os olhos, mesmo ao olhar para o chão.

Ela me orientou a entrar em alguns lugares. Os bairros eram modestos e afastados da estrada, casas em ruínas ficavam à sombra de carvalhos e

salgueiros tombados. Neste clima, todas as coisas procuram a sombra; dessa forma, uma das qualidades básicas do Sul Profundo é que aqui tudo é parcialmente oculto.

Ela nos levou para o sudoeste e, por fim, através de vales estreitos repletos de vinhas, passamos por trailers tomados pela ferrugem. Chegamos a outro posto de gasolina onde as bombas haviam sido arrancadas das fundações, as janelas não tinham vidro e eram quase inteiramente dominadas por ervas daninhas e kudzus. Passamos pelo campo de futebol da escola e, deixando a cidade propriamente dita, havia um outdoor preto ao largo da estrada onde se lia em letras brancas O INFERNO É REAL.

No meio do nada, depois de deixar para trás até mesmo os mais remotos estacionamentos de trailers, ela me fez parar a algumas dezenas de metros de uma pequena cabana de madeira ao lado de um bosque de arbustos emaranhados e grama tostada pelo sol até ficar da cor do trigo. A cabana assemelhava-se a um pequeno acampamento de caça muito velho e pobre. Havia um aquecedor enferrujado encostado em uma parede e um joão-teimoso inflável em meio à grama alta, sendo que o plástico do brinquedo estava tomado pelo bolor. Vinhas marrons infestavam a casa, e uma das janelas tinha sido forrada com jornal. Um Chevrolet abandonado se apoiava em tijolos, cercado de vegetação, como se o campo o digerisse lentamente, e havia também um pequeno galpão de zinco empenado junto à floresta. A indispensável porta de tela rasgada. A coisa toda assemelhava-se a um lugar onde motoqueiros cozinhavam sua metanfetamina.

Ficamos sentados dentro da caminhonete, em ponto morto. O sol clareava os campos e o ar estava claro e livre. Ela simplesmente apertou a bolsa entre as mãos e olhou para a pequena cabana como se pudesse fazê-la desmoronar com os olhos.

— Você tem certeza disso? — perguntei. — Por que eu não entro com você? Só vou ficar ali parado. Acredite em mim, isso geralmente basta.

— Não, obrigada. Não há nada lá dentro que possa me machucar. — Mas ela parecia estar falando com alguém do lado de fora da janela. — É melhor eu ir sozinha.

— Como quiser — falei, mas ela não se moveu, e ficamos ali sentados por mais um minuto. A grama estava tão seca que estalava com a brisa. — Se algo acontecer, grite — acrescentei. — Vou correndo.

Ela abriu a porta e desceu.

— Só me dê, tipo, uns dez minutos.

— Você tem certeza de que essa pessoa está em casa?

— É claro que está. Ele não vai a lugar algum. As pessoas vêm a ele se quiserem.

Ela fechou a porta e andou cuidadosamente pela vala com a bolsa debaixo do braço, através do quintal bagunçado onde latas de alumínio achatadas brilhavam em meio à grama. O campo iluminado pelo sol a fazia parecer muito pequena e solitária, e sua figura encolhia à medida que se aproximava da casa. Ela seguiu a linha das árvores e deu a volta na cabana em vez de usar a porta da frente, desaparecendo na lateral. Gorjeios e um farfalhar seco arranharam o silêncio.

Peguei a pasta de papel pardo e a abri outra vez. Imagino que Sienkiewicz pensava que aqueles papéis eram uma salvaguarda ou algo assim. Ponderei as possibilidades de extorsão. Mas elas realmente não importavam, porque eu não poderia chantagear ou negociar àquela altura.

A casa estava em silêncio, sem ruídos ou sinal de vida, suas madeiras desbotadas e gastas como a pradaria ali em volta.

Um estrondo claro e inconfundível ecoou através do espaço. Um tiro.

Olhei ao redor, e a estrada de terra estava vazia, erguendo-se em uma colina às minhas costas. Poderia ter sido alguém caçando esquilos ou pombos ali por perto. Nada se movia na casa.

Pulei da caminhonete com a Colt em punho, saltei a vala e corri até o quintal, mas minhas botas escorregaram na lama e eu caí de joelhos. Peguei a arma e corri ofegante, encharcado de suor. Eu estava quase a meio caminho da casa quando Rocky saiu pela porta da frente. Tentei recuperar o fôlego, curvado. Quando me ergui, ela estava mais perto, e o horror tomou conta de mim.

Rocky estava levando uma menininha para a caminhonete, uma menininha loura.

Eu me virei e corri de volta para o Ford. Ela gritou atrás de mim:

— Roy! Roy, espere!

— Espere você! — gritei, correndo, as botas deslizando na grama escorregadia.

Bati a porta da caminhonete e o motor demorou a pegar, de modo que tive que observar em pânico Rocky tentando correr pelo campo com algumas mochilas, puxando a menininha atrás dela e gritando para mim. Elas chegaram à vala quando acelerei, espalhando pedras e terra, derrapando a traseira, de volta à estrada.

Pisei fundo e, pelo retrovisor, vi as duas de pé na estrada, Rocky acenando com a mão enquanto uma montanha de poeira marrom as engolia.

A estrada adiante era de terra batida e parecia levar a matas mais fechadas, desertos impiedosos, possivelmente água. Tentei me lembrar do último posto avançado de civilização que tínhamos visto no caminho até a cabana, no quanto elas teriam que andar.

Comecei a frear.

Disse a mim mesmo que eu as abandonaria. Que as deixaria sozinhas. Mas primeiro lhes daria uma carona, algum dinheiro.

Quando voltei, elas estavam de pé ao lado da estrada, as mochilas aos seus pés. Rocky tinha as mãos nos quadris, e uma fina camada de poeira cáqui cobria as duas. O queixo da mais velha se projetava de uma maneira contrariada, mas também como se ela soubesse que eu voltaria.

Ela ergueu a menininha primeiro, e a criança tinha olhos verde-acastanhados e atrevidos que encararam os meus por mais tempo do que qualquer adulto se sentiria à vontade. Ela se acomodou no meio do banco, me observando.

— Hum — murmurei.

— Quem é você? — perguntou ela.

— John.

A menina franziu as sobrancelhas.

— Não, você não é — disse ela.

— Tiff! Seja boazinha. — Rocky fechou a porta e afastou um pouco do cabelo sujo da testa. — Esta é Tiffany.

As mochilas estavam no chão, entre as suas pernas, e ela segurava a bolsa com uma das mãos e mantinha o outro braço ao redor da cintura de Tiffany, puxando-a para perto. Ela ligou o ar-condicionado enquanto a garotinha me avaliava. A menina fedia como um cachorro molhado.

— Vai ficar tudo bem, Tiffy. Vamos fazer uma viagem. Tiffanizinha.

Ela fez cócegas na menina, que riu, mas continuou me encarando. Rocky dividia o olhar entre ela e o para-brisa enquanto eu dirigia de volta à interestadual.

— Deixe-me ver a sua bolsa, Rocky — falei.

— Por quê?

— Entregue-me agora. Ou eu a arranco de você.

Ela soprou a franja da testa, agarrou a bolsa e jogou-a no meu colo. Estava pesada.

Abri, e a pistola estava logo em cima. Pertencera a um dos homens com máscaras de esquí na casa de Sienkiewicz. O silenciador havia sido removido e guardado no fundo da bolsa, debaixo de lenços e de maquiagem. Acho que finalmente soube o que ela tirara daqueles homens quando os revistou. A arma ainda estava quente.

Encarei tudo aquilo como uma enorme traição.

— Que porra é essa, Rocky?

— Ei, cara, cuidado com seu linguajar.

— *Meu...?* — Parei no acostamento. — Você está se arriscando em um jogo perigoso comigo, garota.

A criança olhou feio para nós dois. Suas bochechas eram rechonchudas e macias, com listras de sujeira, e tremiam o suficiente para que eu alterasse o tom. Ela parecia muito magra, e seu cabelo era tão louro que quase chegava a ser branco. Rocky apenas acariciou a cabeça da menina e olhou pela janela. Um carro de xerife passou por nós.

— Esta é minha irmã. Ela vem comigo. Você pode nos deixar em algum lugar se não a quiser por perto, mas ela vem comigo.

A camisola da menina tinha a mesma cor de nuvens carregadas, e sua pele toda era recoberta por uma penugem brilhante, o que fazia a minha pele parecer um tijolo.

— O que o pai dela acha disso? — perguntei. — O que você fez com essa arma? O que foi o tiro que eu ouvi?

Ela riu com desdém.

— Ele está bem. Eu só o assustei. Para ele saber que eu era capaz de fazer aquilo.

Engatei a marcha e voltei à interestadual. A estrada estava começando a ficar mais cheia de carros. Quando ela não disse mais nada, falei:

— Você atirou no seu padrasto.

— Eu atirei na *parede*. Ele teve sorte.

— Deus do céu. Não acha que ele pode estar ligando para a polícia?

— Ele não está. Não quer nenhum policial perto da casa dele.

— Meu Deus, que coisa idiota de se fazer.

— Eu preferia que você falasse palavrões em vez de dizer Jesus isso, meu Deus aquilo. Qual o seu problema com Jesus para usar Seu nome assim?

Outra viatura empoleirada em um viaduto pareceu nos observar com o apetite indiferente de uma coruja.

— Você não acha que talvez devesse ter me falado sobre isso? Que pretendia fazer isso? Qual foi a palavra que usamos? *Sinceridade*.

— Eu teria dito se você tivesse perguntado.

— Você me disse para *não* perguntar.

— E realmente gostei de você não ter feito isso.

— Isso é sequestro. Eles vão cair em cima de nós.

Coloquei um tom confidencial absurdo na voz.

Tiffany olhava para mim e para a irmã, mas parecia não estar mais assustada ou especialmente incomodada por estar ali.

— Não é sequestro. Ele não vai dizer nada a ninguém. Ele vai ficar feliz. Vai continuar recebendo os cheques quando chegarem — retrucou Rocky.

Balancei a cabeça e voltei a verificar a estrada pelo retrovisor em busca de policiais. Vans, carros, caminhonetes e um bando de caminhões de dezoito rodas lotaram o espelho; para-choques cromados brilhavam, vidros escurecidos observavam.

— O que você acha que vamos fazer com isso? — perguntei. — Não sei qual é o jogo aqui, Rocky. Isso não faz sentido.

— Bem, eu e ela vamos nos estabelecer em algum lugar por um tempo. Vou arranjar um emprego ou algo assim. Cuidarei dela a partir de agora. Ela vai começar a ir à escola em breve.

— *Escola?* Você tem... Meu Deus.

Ela se virou para mim, acariciando o cabelo branco da menina.

— Você se lembra do que eu lhe disse ontem à noite? Sobre Vonda? — Rocky assentiu para a irmã. — Ela terá uma oportunidade melhor.

A menininha também me observava com uma suspeita inconfundível, e comecei a achá-la bastante esperta. Então, ela bocejou e enterrou o rosto no braço de Rocky.

— Você sabe que nós estamos... Estou falando das coisas que podem acontecer, das pessoas que estão atrás de nós. Agora você a está envolvendo na coisa toda. Já pensou nisso?

Ela não desviou o olhar do meu.

— Você vai ter que acreditar em mim quando eu lhe digo que isso é melhor do que o lugar onde ela estava. E como alguém vai nos encontrar? Corte o cabelo. Vou pintar o meu ou algo assim. E agora somos *três* pessoas. Quem está procurando *três* pessoas?

Meu saco encolheu quando uma viatura da polícia se arrastou para fora do canteiro. Mas o veículo entrou à nossa frente, e eu o deixei se afastar.

— Eu vou lhes dar uma carona. Mas vocês duas estão por conta própria. Não foi isso que combinamos.

— Podemos fazer tudo o que faríamos antes. Só que agora vou cuidar de Tiffany.

— Você está fazendo isso parecer muito fácil, considerando como tem cuidado de si mesma até hoje. Como se realmente não soubesse do que está falando. Como se estivesse apenas desejando muito que isso aconteça. E quando não acontecer, o chão vai se erguer e esmagar você.

Tiffany estendeu a mão e acariciou as extremidades da minha barba. Ela olhou para Rocky e disse:

— Que nem o Papai Noel?

— Sim, querida, isso mesmo. Que nem o Papai Noel.

A menina voltou-se para mim.

— Você não é o Papai Noel.

Isso me frustrou ainda mais.

— Pelo menos você conseguiu algum dinheiro?

Ela franziu as sobrancelhas.

— Não muito. Gary tinha cerca de uns oitenta dólares, que eu peguei. Não havia mais nada nem para vender, sério.

— E quem vai cuidar da sua irmã enquanto você trabalha nesse seu suposto emprego?

Ela lambeu os dedos e usou a saliva para limpar uma mancha de sujeira na bochecha da irmã.

— Talvez eu trabalhe em algum lugar que me deixe levá-la junto. Algumas vezes ela estará na escola. Que droga, cara, as pessoas mais idiotas do mundo conseguem criar filhos.

Minhas mãos apertaram o volante.

— Não muito bem.

— Sabe, quanto mais penso sobre isso, menos entendo a sua reclamação.

Eu queria gritar, mas me dei conta de que todas as minhas objeções envolviam o futuro, uma coisa que eu realmente não tinha.

— Lembra-se do que você disse? Bem, nós estamos lhe dando uma *oportunidade*, cara. Você não precisa de nós agora. Eu sei. Mas pode acabar precisando amanhã — disse ela.

Tiffany fez um barulho suave e aninhou-se para tirar uma soneca sob o braço de Rocky.

— Vou deixar vocês duas.

— Tudo bem — disse ela.

Ficamos em silêncio por um longo trecho, com o vento sibilando lá fora no ritmo de um esquiador. Um céu repleto de nuvens selava o horizonte, e senti como se fôssemos insetos rastejando pela borda do mundo. O que éramos, de certa forma.

Segui para o oeste, o sol às nossas costas, os rostos das meninas ficando sonolentos. Lembrei-me da velha regra. Você cumpre a própria pena, não a de outra pessoa. Mas eu me perguntava o que acontece depois que você cumpriu a própria pena. Olhei para a menininha dormindo, com um punho enroscado debaixo do queixo.

— Por que você tirou o silenciador? — perguntei.

Rocky deu de ombros e acompanhou algo fora da janela.

— Achei que pareceria mais assustador sem ele.

— Você já esteve em Galveston? — perguntei.

Ela balançou a cabeça.

**DOIS**



Você não sobrevive a certas experiências, e, depois delas, não existe mais de forma plena, apesar de não ter morrido. Tudo o que aconteceu em maio de 1987 ainda está acontecendo, só que vinte anos mais tarde, e o que aconteceu é apenas uma história. Em 2008, estou passeando com a minha cadela na praia. Tentando passear. Não consigo andar rápido nem bem.

Recebi um bilhete esta manhã. Cecil escreveu dizendo que um homem está me procurando. Cecil é dono do motel onde alugo uma quitinete e trabalho como faz-tudo.

Bem aqui e rumo ao sul o nevoeiro bronze da manhã parece interminável, e sua cor sombria me faz pensar em tempestades de areia soprando das águas do Golfo, como se houvesse um deserto para além do horizonte. E, ao observar os barcos camaroneiros, rebocadores e superpetroleiros se materializarem dali, você acredita que deve estar vendo outro plano de existência irrompendo neste, e tudo isso é carregado de história.

E a lição da história, acredito, é que até o momento da sua morte, você será basicamente inautêntico.

Mas ainda estou vivo.

Sage descreve círculos ao meu redor, latindo, mas eu não me mexo rápido o bastante para ela, de modo que jogo a girafa de pelúcia na arrebentação e a observo correr atrás do brinquedo. A cadela se ergue e mergulha na água rasa, então fico sozinho na areia. A madrugada inflama o nevoeiro, e os sons suaves de aves grasnando e o gemido baixo das buzinas dos navios mobilizam o mundo. Em setembro, no meio da temporada dos furacões, o céu fica espiralado, nuvens cor de chumbo que lembram algodão-doce.

2008.

Que ano impossível.

Meu pé esquerdo está curvado para fora, como se estivesse sempre tentando se afastar de mim. Arrasto-me por trilhas tortuosas. A areia em Galveston é áspera e cinza, salpicada de partículas laranja e amarelas, e, no início da manhã, as praias estão quase desertas, e Sage corre livremente para cima e para baixo com a girafa retorcida na boca. Passo a língua pela prótese de porcelana em minha gengiva e me recordo.

O bilhete que Cecil deixou na minha porta é um pequeno post-it, e sua mensagem ecoa na minha mente como uma onda gigantesca: *Roy, tem um sujeito durão, de terno, perguntando por você. Não disse o nome.*

Imagino que eu poderia voltar ao meu quarto e começar a fazer as malas, fugir para um novo território um pouco mais a oeste. Não me parece possível que estejam me procurando agora, mas não poderia ser mais ninguém.

Talvez, vinte anos depois, algum carcamano tenha aberto os livros e tido a ideia de acertar um velho negócio. Talvez.

Avalio a minha história e admito que ninguém que esteja me procurando poderia ter boas intenções. Meu estômago está pesando com essa sensação de promissória vencida.

E o bilhete me faz pensar em Rocky mais do que o normal.

Penso nela falando sobre si mesma em um bar em Angleton enquanto as luzes verdes e roxas da pista de dança deslizavam pelo brilho de seus olhos, e o rosto dela ficava mais vívido quando me lembro daquele rosto me dizendo coisas.

Ela me contou que tinha quatro ou cinco anos e estava dormindo no banco de trás de um carro na floresta, para onde um homem levava a sua mãe. Havia um monte de caminhonetes estacionadas em torno de alguns trailers, e sua mãe só voltou pela manhã, quando saiu de um trailer com a

maquiagem borrada. Então o homem levou as duas de volta para casa, e ninguém disse uma palavra sequer.

Sage corre até os meus pés e sacode a água do pelo.

Desço a enseada ao lado do cais abandonado onde instalei armadilhas para caranguejos. Minhas pernas estão rígidas e o ar úmido faz minhas mãos doerem e se cerrarem em garras. Quando entrego dinheiro para as pessoas, elas notam as minhas mãos. Meus dedos são tortos e as juntas, protuberantes como bolhas.

Eu poderia fugir, dar o fora.

Mas o consolo de passear com Sage e recolher as armadilhas para caranguejos é uma coisinha que posso me permitir fazer esta manhã.

Estas são as mesmas praias onde os homens de Cabeza de Vaca foram reduzidos a canibais, onde os piratas Aury, Mina e Lafitte escaparam da lei. Aqui, Lafitte — que construiu uma fortaleza chamada Campeche — tinha escravos, prostitutas, bares, e foi governador da ilha, até ter que fugir após disparar contra um navio americano. Mas, antes de fugir, promoveu na ilha uma orgia repleta de uísque e mulheres que durou quatro dias. Andando pelas praias enevoadas pela manhã, o ar denso de sal e decadência, você tem a impressão de que este lugar ainda está se curando de uma ressaca por conta de toda essa história.

Penso em Rocky segurando a minha mão e me contando sobre estar naquele carro quando criança, e como ocorre a mesma coisa com a história desta ilha. As histórias se tornaram o lugar. Li certa vez que um escritor disse que as histórias nos salvam, mas é claro que isso é besteira. Não nos salvam nada.

Mas as histórias salvam *alguma coisa*.

E me ajudaram a passar bastante tempo nos últimos vinte anos. Mais da metade deles na prisão.

Mais além, o cipreste cinza do cais apodreceu e as pranchas estão quebradas e afundam no nevoeiro cor de bronze. Algumas gaiotas empoleiram-se nos postes perto da extremidade daquele troço, peitos estufados como se fossem pequenos presidentes. Caranguejos se afastam dos meus pés. O chapinhar calmo e ritmado da maré. Dá para ver os ventos se formando ao longe, no Golfo — o céu começando a se mover em uma agitação lenta e arrebatadora. O clima faz os parafusos na minha cabeça parecerem mais apertados.

Estou de pé sob o cais e o modo como os pilares convergem no centro dele o faz parecer uma catedral inundada. Estremeço, fechando os dedos em torno da linha, e iço a gaiola de arame, uma fina camada de espuma lavando meus tênis. Viro a armadilha e despejo quatro caranguejos azuis no saco de lona pendurado ao ombro, então volto a montar a armadilha e atirá-la ao mar. Os caranguejos se debatem e investem contra o saco, a lona pesada se esticando, e percebo que também estou pensando em Carmen nesta manhã. Quase consigo sentir o cheiro dos cigarros Camel mentolados e de seu perfume Charlie em vez deste ar coagulado de sal.

Subindo de volta, paro com Sage, porque além do cais em ruínas, logo além da névoa clara, vejo um grupo de golfinhos-nariz-de-garrafa romper a superfície descrevendo arcos graciosos. Sage deixa seu brinquedo cair aos meus pés e volta a sacudir a água do pelo. A cadela tem um espírito curioso e sedutor, uma pastora-australiana com pelo vermelho e branco, magra, com olhos verde-claros e uma língua pendurada. Ficamos ali por um minuto, porque eu tinha esperança de ver os golfinhos novamente, mas isso acaba não acontecendo. Cardos e trepadeiras encrespam as dunas, e uma barça se arrasta para fora da neblina em direção aos canais de navegação, deslizando diante do meu olho bom.

Eu me pergunto por que Cecil se referiu ao cara como um “sujeito durão”. Imagino quais exatamente foram as perguntas que aquele homem fez sobre mim.

Eu poderia fugir.

Ou poderia ficar onde estou e esperar. Encarar as consequências, como as pessoas dizem.

Eu me dou conta de que esta poderia ser uma boa morte. E há muito adiada. Então, meu pulso acelera e a velocidade dos meus pensamentos se transforma em uma sensação de consciência total e cuidadosa, como um despertar.

Arremesso para a frente o brinquedo de Sage e me volto para encarar minhas pegadas tortas. Minhas costas e meu pescoço são tão tortos que não dá para acreditar que eu media um metro e noventa, e o tapa-olho no meu olho esquerdo me deixa superficialmente parecido com os piratas que outrora governaram este litoral.

Minha sombra à frente é torta o bastante para ser confundida com a de algum crustáceo delgado que se arrastou do mar. Movendo-se para fora da história.

Após ter esvaziado as armadilhas de caranguejo, atravesso alguns estacionamentos e vou com Sage até a loja de donuts. O clima da Finest Donuts está tão tenso quanto eu. Roger mal acaricia Sage, e faz isso somente após ela fuçar a perna dele com persistência. Ele olha para o tabuleiro de xadrez e depois para o rosto de Deacon, que está de queixo caído, os olhos sem brilho, seus longos braços balançando, tão negro que parece ter sido polido com graxa de sapato. Deacon andara sumido nos últimos dias e agora ali está ele, ao romper do dia. Ainda à porta, sinto cheiro de gim e urina.

A Finest Donuts ocupa o último espaço na extremidade oeste de um pequeno shopping isolado do Seawall Boulevard e das praias por um shopping muito maior e mais novo, ao sul. A pizzaria ao lado da loja de donuts fechou há meses, então ali agora só funcionam uma farmácia e uma tabacaria, e na maior parte dos dias o estacionamento vazio e acossado pelo vento é ocupado apenas por redemoinhos de areia e folhetos descartados. O sétimo aniversário do 11 de Setembro ocorreu recentemente e uma pequena faixa fora da loja anuncia NUNCA ESQUECEREMOS.

Acho que essa é uma das coisas que fazemos por aqui. Ficamos sentados, sem esquecer.

— E agora você precisa começar tudo de novo — diz Roger para Deacon. — Do zero. Devolva a ficha da sobriedade. Você acha que valeu a pena?

Olho para Errol, junto ao balcão soprando o seu café, e ele ergue as sobrancelhas como quem diz que as coisas andaram delicadas por ali durante toda a manhã. Um dos três bules de café já está vazio, os cinzeiros, repletos de pontas de cigarro, e por isso me pergunto há quanto tempo eles

estariam acordados. O jogo de xadrez parece ter terminado, com Roger de posse de uma coleção de peças de Deacon.

— Comece admitindo que é impotente — diz Roger para ele, acendendo outro cigarro.

Ele toma café preto após a primeira tragada e cruza os braços grossos sobre a mesa. Roger mantém um pequeno bigode aparado de acordo com as normas militares, e a facilidade com que o seu rosto expressa decepção pode parecer um tanto tirânica. Não invejo Deacon, cujos olhos estão vidrados e atordoados, então vou até Errol e coloco meu saco de caranguejos no balcão.

— Você começa de novo. Várias vezes. A cada vez, custe o que custar — diz Roger para Deacon.

Ele meneia a cabeça lentamente, uma lágrima riscando a sua bochecha. Ergue a xícara de café com ambas as mãos, leva-a devagar aos lábios, como vinho sacramental, e o seu olhar de confusão e vergonha me faz lembrar de Rocky.

A imagem de Deacon de cabeça baixa reflete na vitrina da frente da loja, uma sombra penitente sobre as fileiras de donuts e bolos sob lâmpadas fluorescentes. Penso no bilhete de Cecil, no sujeito que anda fazendo perguntas, e fico imaginando se enviaram mais de um homem para me encontrar. Eu faria isso.

Errol balança a cabeça, dobra um jornal que estava aberto na página de corridas.

— Não vou sair da linha de novo — me diz ele. — Não dá para encontrar uma mulher que valha a pena por lá.

Sento-me no reservado, entre ele e a mesa de xadrez, e Sage descreve oitos em torno dos meus tornozelos antes de se acomodar entre os meus pés. Deacon meneia a cabeça para mim e tenta sorrir. Percebo que ele está com um hematoma roxo recente na testa e uma mancha vermelha na parte

branca de um dos olhos. Ele cresceu aqui e conseguiu uma bolsa de estudos de basquete na Texas Tech e trabalhava em algum setor do Walmart, mas o clima esta manhã sugere que este não é mais o caso. Às vezes, ele me chama de Capitão Morgan, por causa do tapa-olho.

— Como vai, Deacon?

— Tudo bem, tudo bem.

Ele sopra a caneca. Seu bafo de gim supera o cheiro do café, dos doces e até mesmo dos cigarros.

Todos aqui estamos no programa, embora eu realmente não tenha escolha: não posso beber, com ou sem reuniões, mas ainda venho para ouvir as histórias. E isso me faz sair do meu apartamento.

Roger verifica o relógio e diz:

— Por que não começamos?

Ele sobe os doze degraus e pergunta se alguém quer compartilhar alguma história. Todos os olhos estão voltados para Deacon. Ele começa a falar, mas leva o punho à boca e balança a cabeça. Outra lágrima escorre impotente por sua bochecha e ele diz:

— Eu não sei se, agora, quero dizer...

Com a intenção de ajudá-lo, suspiro e digo:

— Quero compartilhar uma história.

Isso deixa todo mundo um pouco surpreso. Roger e Errol me observam atentamente.

— Meu nome é Roy. Sou um alcoólatra. Tenho mais de dezenove anos de sobriedade. — Todos dizem “oi” para mim como se estivéssemos nos reunindo pela primeira vez, e eu olho para Deacon. — Você me fez lembrar de alguém esta manhã. Uma garota que conheci há muito tempo. Acho que estou pensando muito nela hoje. Ela teve uma vida difícil.

O saco de lona sobre o balcão balança e se agita. Nós nos reunimos aqui para contar histórias, de forma que possamos administrar o passado sem sermos engolido por ele. Eles esperam que eu continue.

— Estou pensando nela agora. Aconteceu uma coisa... recebi um bilhete hoje de manhã. Isso me fez pensar nela.

Por um segundo, achei que finalmente ia contar tudo, mas me detenho. No entanto, todo mundo está esperando que eu continue, e acabo só falando um pouco sobre Rocky.

Ela me disse que tinha de fazer uma longa caminhada do ponto onde parava o ônibus escolar até a sua casa, e que era obrigada a passar por baixo de um velho viaduto repleto de pichações estranhas, e, às vezes, na outra extremidade do túnel, meninos mais velhos iam para lá beber e fumar, e quando esse era o caso, ela precisava esperar na escuridão debaixo do viaduto até que eles fossem embora e não houvesse mais vultos contra a luz ao fim da passagem. Certa vez, ela esperou até depois da meia-noite, e quando chegou em casa, ninguém notou que estava atrasada. Ela tinha treze anos.

Gaguejo e murmuro contando a história, e todo mundo parece estar confuso quando termino, mas todos me agradecem. Obviamente, é uma daquelas histórias que ninguém sabe como encarar. Eles não conseguem entender o propósito.

O ponto principal da história é como ela me disse aquilo, a forma como desviou o olhar enquanto falava, olhando para trás para ver se eu estava ouvindo. A qualidade lenta e contida das palavras dela.

Sei que os testemunhos de todos aqui, no capítulo *Finest Donuts de AA*, nos permitem administrar as nossas memórias, unir anos de degradação e culpa em unidades gerenciáveis que podemos colocar numa prateleira, pegar e folhear na segurança das fábulas.

Nunca contei minha verdadeira história.

Errol fala sobre ter perdido um monte de dinheiro nas corridas no fim de semana. Nós agradecemos.

Deacon finalmente consegue reunir coragem para nos falar sobre o velho amigo com quem se encontrou no trabalho, que se ofereceu para lhe pagar uma bebida, e, quando acaba sua confissão e enxuga os olhos, nós agradecemos.

Quando terminamos, todos se levantam para tomar mais café, e eu me lembro do livro na minha jaqueta. Tiro dela um fino livro de bolso e o entrego para Roger. Um romance sobre dois lutadores de boxe no sul da Califórnia que eu pegara emprestado com ele.

O livro parece interessar Deacon, porque ele o desliza pela mesa e começa a ler a contracapa. Roger bufa.

Quando está coberto de farinha e açúcar até os cotovelos, não dá para ver a tatuagem de fuzileiro naval no antebraço esquerdo de Roger, mas agora aquilo é uma mancha turva e azul-esverdeada sob o dossel de uma vasta cabeleira, que tem uma vaga forma de âncora.

— Estou dizendo que precisamos bolar um plano para conseguirmos *bucetas*. Temos que entrar no jogo. Quem está comigo? — diz Errol.

Deacon ergue o livro para Roger e pergunta:

— Sobre o que você disse que era isso?

— Lutas — responde Roger.

Errol balança a cabeça, baixa a aba do boné e abre o jornal. Errol começou a frequentar as reuniões logo depois de mim, emergindo das planícies de areia e falando sobre como transportara cargas através de vastos desertos e terras de ninguém, dirigindo em meio ao gelo no Canadá, atravessando as rodovias do sudoeste para cima e para baixo. Quando está falando com você, ele rói as unhas mesmo quando não quer fazê-lo e olha

para baixo e pede desculpas pela fraqueza do hábito. Vi a sua carreta, mas não sei quando foi a última vez que ele transportou algo naquilo.

Errol fecha o jornal novamente e diz:

— Você precisa projetar uma aura de segurança, de amizade. Acima de tudo, elas precisam sentir que você as está ouvindo, mesmo quando não há nenhum sentido naquilo que dizem.

— Eu acho que, em certa medida, você prefere ficar sozinho — diz Roger.

Ele tem três ex-esposas e comprou a loja de donuts no fim da sua última bebedeira, em 1992. Roger e Errol começam a falar sobre o novo furacão que se formou ao largo de Cuba há algumas semanas e que vinha dançando ao longo da costa do México. Todos os furacões têm nomes masculinos agora, e este é o Ivan, o Izzy ou algo assim.

— Vai ser ruim.

— Talvez não.

— Você viu no noticiário como ele é?

Então, Leon entra pela porta de vidro e os sinos tocam.

— Desculpem pelo atraso — diz ele. — Quem aqui deve pensão alimentícia?

— Poderia virar a placa, por favor? — pergunta Roger, e Leon se volta para mudar a placa na porta para ABERTO. Quando ele se vira, Roger diz: — Pensei que sua ex tinha se casado.

— Não sou eu. Parece que é um de vocês.

— O quê? — pergunta Errol.

Leon se recosta no balcão dos donuts e estica as pernas, desfrutando do suspense da informação não divulgada.

— Um cara lá fora está de olho na loja. Parado do outro lado do estacionamento. Eu o vi chegar pela interestadual.

Eu me levanto e Sage me segue até a janela.

— Consciência pesada — diz Leon, acenando para mim.

Pela janela, vejo um solitário Jaguar preto nos fundos do terreno. Há um homem dentro do veículo usando óculos escuros, claramente observando o local. Não há mais nada para se ver a esta hora da manhã.

— O que é? — pergunta Roger.

Recuo da janela.

— Ele está certo. O sujeito está vigiando a loja.

Vou até o balcão e pego minha bolsa de caranguejos.

— O que deu em você? — pergunta Leon.

— Nada. Tenho que ir embora cedo — digo para ele. — Vou pintar a casa do chefe hoje.

Estalo a língua para Sage. Ela pega seu brinquedo do chão de linóleo e abana o rabo nos meus tornozelos.

Todos estão me observando.

— O furacão pode nos atingir nos próximos dias e ele quer pintar a casa? — pergunta Errol.

Dou de ombros, passo pelo balcão e atravesso a cozinha com a cabeça latejando, o bilhete de Cecil queimando em meus pensamentos.

— Aonde você vai? — pergunta Roger.

Atravessando rapidamente a porta de vaivém, respondo por sobre o ombro:

— Vou sair pelos fundos.

Quando saio no beco atrás da Finest Donuts, meu coração está disparado e começo a avançar em direção à barragem de areia que separa o próximo parque empresarial. Minha respiração sibila no ar quente. Lembro-me de ter saído cambaleante do Stan's Place há vinte anos, correndo pelo campo com os gritos se avolumando atrás de mim, engasgando com minha

própria língua. Digo a mim mesmo que não tenho razão alguma para supor que o homem no Jaguar está me seguindo, mas continuo com medo de olhar por cima do ombro.

Ainda não decidi como responder a esta paranoia. Ficar ou correr.

Rocky me faz querer ficar.

**TRÊS**



Livre das cidades, o Texas se transforma em um deserto verde disposto a esmagá-lo com a sua vastidão, um pilão repleto de céu. As meninas olhavam para aquilo como se fosse um espetáculo de fogos de artifício.

Na 45 sul, lado norte da ilha, veleiros das cores do arco-íris atulhavam os portos, traineiras de pesca cujas redes pendiam dos paus de carga como musgos de ciprestes. Vagabundos agachados à sombra de palmeiras e postes telefônicos. As palmeiras estavam despidas de folhas e pareciam costelas roídas enterradas na sujeira. Um cão magrelo com pelo emaranhado trotava mancando pela calçada, talvez a caminho da Pelican Island. Adolescentes com biquínis minúsculos sentadas nos capôs dos carros, o sol nos seus dentes, nos frisos cromados, o sol nas tampas das garrafas espalhadas ao redor dos pneus e nas latas de cerveja grudadas no asfalto. Sujeitos mais velhos se aglomeravam em torno delas, compartilhando latas de cervejas High Life ou Lone Star.

O Golfo estava azul-escuro, salpicado com napalm por um sol com quilômetros de largura que pairava no céu. O ar tinha uma camada que ampliava a luz do sol, partindo-a em lâminas. Com o reflexo do sol, todas as pessoas tinham rodela, que mais pareciam moedas, em seus óculos escuros.

Meninas de biquíni patinavam pelo calçadão sobre o quebra-mar, um grupo de skatistas estrondava e ricocheteava em corrimãos e meios-fios. Bolas de praia eram arremessadas nas sombras dos grandes resorts ao longo da costa. Dava para sentir o cheiro dos mercados de peixe ao ar livre, das cestas de camarão e dos cozidos apimentados de lagostins, onde os velhos cães de praia vasculhavam em busca de entranhas e cascas sob as mesas.

Sinais da história: antigas igrejas espanholas endurecendo no calor; pedra branca e tijolo rosa, adobe, estuque. Um navio de três mastros do século XIX, repleto de falso orgulho, no Seaport Museum.

Dava para começar um futuro ali. Descartar suas memórias na luz branca do Golfo como folhas em uma fogueira.

A menina apoiava as mãos na janela, boquiaberta. Ela sussurrou, como se fosse um segredo:

— O que é isso?

Rocky falou no ouvido dela:

— É o mar, querida.

— O que é?

— Água, meu amor. Muita, muita água.

As praias marrons estavam repletas de erva do Golfo, as quais formavam uma linha irregular ao longo da arrebentação. Rocky observou pessoas junto a churrasqueiras fumegantes e viu as meninas quase peladas e os meninos seguindo-as como cães famintos. Dava para ver que ela estava pensando em outras vidas. Muitas pessoas da idade dela esperavam viver para sempre e viam a vida como uma espécie de direito inato a bons tempos intermináveis.

Nunca vi as coisas dessa maneira e sabia que ela também não.

De vez em quando ela parecia atormentada pelo próprio potencial, como alguns jovens ficam. E então dava para notar o modo como uma quietude se espalhava pelos seus olhos, e seu rosto desprotegido se esquecia de desempenhar um papel, parecendo apenas atordoado pela confusão e pelo remorso, enquanto suas características se conformavam de acordo com uma espécie de orgulho caipira que não admitia confusão ou remorso. Eu também sabia algo sobre isso.

Mas não sabia o que fazer com ela.

E não entendia muito bem por que eu estava ali, mas sabia que não continuaria.

Uma linha de ação razoável, e até mesmo gentil, seria conseguir um hotel para elas, pagar algumas diárias e cair fora. No entanto, era difícil olhar

para a pequena e não ter vontade de ser mais generoso. Mas esse é o tipo de desejo que fode com você, que o faz ficar pagando multas que não são suas.

Homens de meia-idade carregavam pranchas debaixo do braço. Ônibus de turismo balançavam feito bêbados pelas esquinas.

O lugar tinha mudado desde que estivera ali com Loraine e parecia pior. Alugamos uma casa sobre palafitas na beira da praia, e, na época, o local parecia mais com uma cidadezinha. Grelhávamos camarão na massa de cerveja e brindávamos com tequila. Fumávamos maconha na banheira. Ela dizia que ficávamos melhor quando não éramos sérios, que não havia sentido em levar as coisas a sério. Acho que nunca acreditei nela de verdade. Loraine me disse certa vez que o casamento era um conceito social que transformava o prazer em um acordo de negócios, e tentei levar isso numa boa. Ela era muito mais jovem do que eu, nove anos. Contudo, Loraine me fez ter vontade de tentar uma vida correta, como soldador ou algo assim, tentando me ajeitar com ela, mas ela dizia: “Será que vale a pena?” e “Por que estragar uma coisa boa?”

Às vezes, eu me perguntava como teria sido. Jantares em casa à noite. Ter uns dois moleques, vê-los crescer. Penso agora que não teria me importado em tentar, que deveria ter dado uma chance.

As meninas apenas olhavam pelas janelas. Vez por outra, a pequena ofegava, virava o rosto para Rocky e apontava.

Atravessamos todo o caminho para oeste ao longo do quebra-mar e, em seguida, voltamos, e elas olharam para as mesmas coisas duas vezes com entusiasmo renovado. Eu estava tentando localizar a casa que alugara muitos anos antes, mas acho que agora havia um resort feito de pedra e vidro no lugar. Ou talvez eu simplesmente não tenha conseguido encontrar.

Escolhi um motel algumas quadras ao norte de uma pequena enseada na FM 3005. Tinha forma de L e o estacionamento no centro era tomado por

cavalinhas e ervas daninhas. Suas paredes eram de tijolo antigo pintadas de azul-bebê, e o estabelecimento tinha um único andar, com um telhado plano e o braço inferior do L projetando-se em um escritório de vidro ao lado de uma velha garagem que era do formato de uma paleta de pintor. Uma placa informava TAXAS SEMANAIS sob um letreiro vertical cujas letras empilhadas anunciavam EMERALD SHORES. Do lado de fora do estacionamento, junto à rua, uma palmeira nua se curvava em direção ao solo, inclinada sobre uma pilha de folhas amareladas.

Desliguei o motor da caminhonete e disse para Rocky:

— Vocês duas são minhas sobrinhas, ok?

Ela assentiu e disse:

— Você é irmão da minha mãe.

— Onde ela está agora?

Ela pensou.

— Vegas.

— Onde está o seu pai?

Ela deu de ombros.

— Morreu em uma plataforma de petróleo. Um cabo jogou-o ao mar. Aconteceu alguma coisa assim a uma pessoa que conheci.

O estacionamento estava vazio, exceto por uns dois carros com antenas quebradas e frisos enferrujados, uma van com dois estepes, uma moto pairando sobre uma escura poça de óleo. Papéis de alumínio cobriam um conjunto de janelas. Era o tipo de lugar para pessoas que não tinham mais aonde ir, um motel em que o hóspede ocasional se hospedava para cometer suicídio, pessoas muito absorvidas com os próprios fracassos para prestar alguma atenção em nós.

Abri a porta do escritório para as meninas. Três pequenos ventiladores rodavam ao redor do balcão e o zumbido deles se misturava ao áspero ruído

de um volumoso ar-condicionado entalado num buraco na parede. Rocky segurou a mão da irmã e ambas olharam para um estande repleto de folhetos turísticos.

Dava para ouvir um rádio ou uma TV numa sala ao lado, alguém reclamando sobre os liberais, e toquei a fosca campainha no balcão.

Tiffany continuava girando a cabeça, olhando para tudo, o teto enrugado, o papel de parede com estampas de conchas desbotado, o surrado tapete cor-de-rosa. Aposto que o ar-condicionado lhe parecia algo extraordinário.

Uma mulher emergiu da sala que ficava atrás do balcão. Tinha uma pele tão enrugada e desidratada que parecia ter sido curada em um defumadouro. Era tostada de sol, da cor de carvalho dourado, esticada sobre os ossos salientes. Cabelo grisalho de esquilo. Nos seus óculos havia um quadrado de fita adesiva unindo-os no centro, e ela os empurrou nariz acima.

— Posso ajudar?

Ela olhou para as meninas por cima do meu ombro. As duas rugas profundas que emolduravam a boca da mulher pareceram ter chegado até o osso.

Um pedaço de papel fixado à parede definia os preços, informando que a taxa semanal para um quarto de solteiro era de cento e cinquenta dólares.

— Ficaremos com dois quartos de solteiro — falei. — Por uma semana cada um.

Ela inclinou a cabeça.

— Elas são suas o quê?

— Sobrinhas, filhas da minha irmã.

— Bem, essa menina é linda.

Rocky aproximou-se e disse para Tiffany falar “olá”, mas a menina se escondeu atrás das pernas da irmã, envergonhada.

— Qual é o seu nome, minha lindinha?

— Fale seu nome para ela, querida.

A menina deu uma risadinha.

— É Tiffany — disse Rocky.

— Quantos anos ela tem?

— Três anos e meio.

O sorriso fez o rosto da mulher ruir. Fiquei imaginando como ela deveria ser antes que o sol tivesse feito aquilo com ela.

Dava para ouvir o rádio do quarto ao lado. Agora eu sabia que era um rádio, porque as vozes eram de um programa com a participação de ouvintes, e um homem discutia a Nova Ordem Mundial e a Marca da Besta. Na parede, um relógio em forma de estrela do mar tinha parado às 11h20.

Ela pediu para ver a minha carteira de motorista e eu lhe apresentei a falsa sobre duas notas de cem e cinco notas de vinte dólares.

— Há mais 24,67 dólares de imposto.

Dei-lhe mais duas notas de vinte e observei-a preencher a ficha. Sua mão tremia enquanto empunhava o lápis, e ela parecia ter uma orelha voltada para as vozes no rádio.

— Acho que está tudo certo — disse ela, inclinando a cabeça em direção à outra sala. — No estado soberano do Texas. Se a ONU invadir, seremos os únicos a revidar.

Tentei sorrir, mas minha expressão a fez franzir um pouco a testa.

— Somos da Louisiana — falei.

— Bem. — Ela voltou a escrever o recibo. — A Louisiana pertence aos católicos.

Olhei para Rocky e disse à mulher:

— Tudo bem.

Ela me entregou um recibo com duas chaves, cada uma com chaveiros de borracha em forma de pranchas de surfe.

— Quartos dezenove e vinte, lá fora, do outro lado do estacionamento. Meu nome é Nancy Covington. Se precisarem de algo, estou sempre aqui.

Agradei a ela, mas sua expressão sugeria haver algo mais.

— Só para vocês saberem — acrescentou. — Sou uma boa amiga de muitos policiais. Só para vocês saberem. Cuidado com o que acontecer nos quartos.

Rocky e eu nos entreolhamos e as duas garotas sorriram para a mulher.

— Meu *Deus*, mas essa menina é adorável. Você deve ser a coisa mais fofa que já passou por aqui.

— Vamos torcer para que continue assim — disse Rocky, e ambas riram.

Nossos quartos ficavam lado a lado e os dois tinham um carpete verde-escuro barato e resistente, paisagens de praia pintadas a óleo e uma cômoda, um criado-mudo e uma pequena mesa de madeira falsa. Cheiravam a óleo bronzeador e a suor. O papel de parede tinha o mesmo padrão de conchas cor de pêssego do escritório, e, no meu quarto, o papel estava descolando nas juntas e enrolando por causa da umidade. Quando aberta, a torneira da pia engasgava e chacoalhava por algum tempo, e manchas de ferrugem coloriam os cantos. Havia grandes aparelhos de ar-condicionado enfiados em buracos sob a janela de cada quarto, e as cortinas eram grossas, azul-marinho, e seu revestimento de plástico bloqueava o sol como uma parede de tijolos. Tinha até TV a cabo.

Tiffany sentou-se na cama e logo ficou entretida com um programa de fantoches e cenários de papelão. Observei Rocky desfazer as mochilas e guardar as roupas da irmã nas gavetas da cômoda. Quando ela se agachou, a saia grudou ao redor da sua bunda e senti meu sangue se agitar em sinal de admiração.

Mas ainda havia alguma coisa falsa naquela cena. Como se nós dois fingíssemos algo e não estivéssemos dispostos a falar sobre isso.

— E agora? — perguntou Rocky.

Pensei por um instante.

— Acho que devemos fazer algumas compras.

— Hum.

— Não se preocupe com isso — falei. — Tenho tudo sob controle.

Uma severa advertência soou dentro de mim. Antigos alarmes ativados por favores, o incentivo de certas dependências.

— Você não deveria estar pagando para nós, Roy.

— O dinheiro não terá nenhuma serventia para mim quando eu estiver morto.

Não conseguia me conter. Também queria muito uma bebida. Creio que me ajudaria a ignorar aqueles instintos que me diziam para fechar a carteira e acabar com aquela encenação. Deixe-as *agora*.

Encontramos uma loja JCPenney em um shopping, e esperei enquanto ela escolhia algumas roupas. Shoppings me deixam nervoso, as pessoas se esforçando tanto para comprar coisas, e, a cada dia, parecia que eu via mais gente gorda.

Observei Rocky erguer uma saia e uma blusa, uma peça ao lado da outra, e mulheres grandes gingando por entre as prateleiras, vasculhando cabides, verificando etiquetas, deixando calças desdobradas sobre os estandes, e todas pareciam inchadas, infelizes e ansiando para gastar.

Descobri que todas as pessoas fracas compartilham uma obsessão básica: elas se fixam na ideia de satisfação. Em qualquer lugar a que você vá, homens e mulheres são como corvos atraídos por objetos brilhantes. Para alguns, esses objetos brilhantes são outras pessoas — e seria melhor ser viciado em drogas.

Algo se torna muito agradável, muito consistente, e antes que você perceba, está atraído.

Foi o que aconteceu com Loraine, e acho que também foi um pouco assim com Carmen. Eu me arrependia disso.

Rocky escolheu uma saia, uma blusa e um biquíni, e quando eu a incentivei, ela voltou para comprar duas regatas e uma calça jeans. Em uma farmácia, compramos escovas de dentes e coisas desse tipo, e também comprei uma máquina elétrica de cortar cabelo. Almoçamos em um lugar perto do hotel, próximo ao quebra-mar, madeira surrada com o seu próprio dique de concreto, um mural desbotado de criaturas marinhas pintadas em toda a sua extensão. Comemos em um pátio e alguns adolescentes se reuniam encostados no mural, fumando e fazendo pose, e Rocky encolheu um pouco os ombros e desviou o olhar. Ela deu apenas algumas mordidas no cheeseburger.

Tiffany comeu as batatas fritas com elegância, e Rocky dividia os olhares entre a irmã e os adolescentes. Parecia que não queria ficar observando-os, mas não conseguia evitar. Ela remexeu a sua comida, olhou para os jovens e, em seguida, fez desenhos de ketchup com uma batata encharcada.

Engoli dois hambúrgueres com uma Budweiser, reclinei-me um pouco e inalei o ar salgado e quente, alojando-o nos pulmões.

— O que você acha? — perguntei a ela.

— Hein? — Ela deixou a batata cair. — Quero dizer, obrigada.

— O que você acha daqui? Parece estar tudo bem.

— É legal.

— Aposto que ela vai gostar da praia.

— É.

Rocky cruzou os braços sobre a mesa, olhou para Tiffany e deu um breve e retesado sorriso.

— Aposto que consegue algum emprego de garçõnete por aqui. Você é bonita. Eles vão contratá-la.

— Talvez.

Um garçom usando um short folgado recolheu os nossos pratos e perguntou se Rocky queria que embrulhasse a comida dela para viagem. Ela respondeu que não, mas eu disse para embrulhar mesmo assim. O garçom se afastou e ela mal ergueu o rosto, ajeitando o jogo americano ceroso.

Olhei para as paredes e vi redes de pesca amarradas do lado de fora com caranguejos e lagostas de plástico presos na malha, um marlim montado acima da porta, artigos de jornal sobre o furacão de 1900 emoldurados. O passado continuava a se revelar ali. As superfícies estão sempre erodindo.

— O que há de errado com você? — perguntei.

Ela parecia magoada.

— Como assim?

— Você está quieta e de mau humor.

— Não sei. Quero dizer, às vezes simplesmente fico assim. — Seus olhos brilharam quando ela disse isso. — Eu estava me saindo bem sem pensar muito. É apenas tudo. Você sabe.

— Certo.

— Só isso. Tudo ontem à noite.

— Ficaremos bem. Ninguém vai nos encontrar.

A cabeça de Tiffany surgiu entre nós e ela enfiou um dedo na minha barba.

— Eu *encontrei* você!

— Eu sei. Quero dizer, acho que você tem razão. É apenas a maneira como as coisas *são*. De vez em quando, fico pensando. Não me parece justo — disse Rocky, enxugando os olhos e mordendo o lábio em seguida. — Fico me perguntando se posso esperar uma coisa diferente.

Pensei no problema dela e peguei um cigarro. Bati com ele na mesa e disse:

— Não parece justo porque é aleatório. Mas é justamente por isso que é justo. Está me entendendo? É tão justo quanto uma loteria.

— Que merda, Roy. Isso deveria me ajudar?

Acendi o cigarro e me afastei da mesa para poder esticar as pernas.

— Sim — respondi.

— Não pareceu.

Suas bochechas e nariz ficaram muito vermelhos, e ela piscou para conter as lágrimas.

— Mas veja: isso funciona nos dois sentidos. Amanhã você pode ficar rica e se apaixonar.

Eu não acreditava de verdade naquilo, mas tentei soar convincente.

— Ah, sim. Com certeza.

Ela começou a dobrar e a desdobrar o jogo americano e olhou para além do dique, para o mar. Parecia especialmente pequena, muito jovem e frágil em contraste com o pano de fundo de nuvens vermelhas compridas e céu dourado. Observei Tiffany desenhando com os dedos no ketchup. Ela olhou para mim e depois para as mãos sujas, riu, lambeu os dedos para limpá-los e enfiou-os de volta no ketchup.

No caminho de casa comprei um jornal para que Rocky pudesse ver os classificados. Eu queria que ela voltasse a pensar no futuro, principalmente porque achei que seria mais fácil deixá-las assim. Tiffany começou a cochilar no momento em que chegamos de volta ao motel, e as pálpebras de Rocky estavam pesadas, uma rápida exaustão tomando conta dela, então fomos para nossos quartos.

Havia um engradado de latas de cerveja vazias junto ao meio-fio, como se esperassem por um ônibus. Do outro lado do estacionamento, um homem sem camisa estava sentado na varanda de um quarto, com a cabeça apoiada nas mãos.

Fechei a porta. Antes de ligar a máquina para cortar meu cabelo, peguei a faca e cortei o cacho na minha nuca. Segurei-o por um tempo porque fiquei um tanto surpreso com seu comprimento e meio que senti como se tivesse perdido uma parte de mim mais importante do que supunha. Então, joguei-o no lixo e liguei a máquina. Coloquei uma proteção de seis milímetros e raspei a cabeça, usando a mesma configuração em minha barba, para que meu rosto e o couro cabeludo tivessem uma cobertura contínua de pelos cinza-alourados.

Confrontei meu rosto. Meu reflexo sempre fora o que eu sabia que seria e nunca exatamente o que eu esperava, mas desta vez foi brutal: os grandes trechos de pele nua, o pequeno nariz torto, a fenda da boca e o queixo largo e quadrado. Durante toda a vida, parecia que eu ansiara vagamente ver outro

rosto além daquela máscara grave que Loraine certa vez comparara a um totem de Choctaw. A comparação era verdadeira quando eu era jovem, e ainda mais verdadeira agora com sobrancelhas mais compridas, o cabelo recuando em um bico de viúva, os olhos fundos e as bochechas flácidas. Os olhos eram estranhos para mim. Castanho-escuros, amplamente espaçados, pareciam maiores sem todo aquele cabelo. Contudo, desde que eu conseguia me lembrar, parecia também que meu verdadeiro rosto sempre permanecera oculto, que havia dentro de mim outro rosto, com características mais puras e elegantes, um queixo afilado e nariz romano, o busto de um centurião que conquistou o mundo antigo. Quarenta anos com a mesma cara, e, ainda assim, uma parte de mim esperava ver outro sujeito no espelho.

Passsei depressa a mão pelo couro cabeludo eriçado e pensei nos pacientes de quimioterapia.

Desliguei a TV e estendi-me na cama. Manchas de infiltração cobriam o teto como pequenos continentes que ninguém nunca mapeara, e imaginei algas florescendo no meu peito em uma cadeia de erupções.

Perguntei-me quanto aquilo ainda iria piorar, e como eu lidaria quando ficasse pior.

Guardei o meu Colt e a arma que Rocky pegara do cofre com o dinheiro e enfiou tudo no fundo da minha mochila de lona. Uma bala tinha mais apelo do que ficar doente, mas o problema com o suicídio é que quando alguém chega a esse ponto, o estrago já está feito. E para ser honesto, aquilo me assustava, embora no meu tempo eu tivesse feito muitas coisas que me assustaram.

Beber até morrer no México também tinha o seu encanto.

Mas, em ambos os casos, a ironia me importunava. Fui o único que continuou de pé naquele vestíbulo. Por que o único homem a sair vivo

daquela casa era justamente o que estava planejando morrer de qualquer maneira?

O mais estranho era que eu não tinha a menor vontade de me vingar. E isso nada tinha a ver comigo.

Chego a pensar que havia ainda uma parte de mim feliz por estar se livrando de tudo aquilo, dos jogadores, dos viciados, de Stan Ptitko e dos armênios, e talvez eu tenha me sentido assim por algum tempo, e essa, para início de conversa, foi a verdadeira razão para eu ter mandado fazer aquela outra carteira de identidade.

Eu estava *fora*.

Além do quarto, os insetos chilreavam e o mundo começava a escurecer, tons de vermelho e azul escorrendo pelas cortinas, cores que lembravam uma esquina em Hot Springs, anos antes, e os insetos e o suave som do oceano se juntaram ao ruído do ar-condicionado. Ouvi uma voz feminina do outro lado da janela, rindo, e em seguida escutei alguém tropeçando e uma garrafa se quebrando.

Fechei os olhos e lá estava Carmen, sorrindo por cima do ombro. Loraine agarrada ao meu lado. Lembrei-me de que, naquela esquina em Hot Springs, com iluminações vermelha e azul, as luzes alcançavam uma poça e eu estava sentado no meio-fio assim como o sujeito no estacionamento. Meus joelhos dobrados e minha cabeça entre eles, os nós dos meus dedos ensanguentados.

Minha temporada no reformatório: esquentando uma escova de dentes sob uma caixa de fósforos até que eu conseguisse curvar as cerdas e grudar uma lâmina de barbear no plástico derretido.

Certa vez, quando eu tinha dezessete anos e era auxiliar de cozinha no Robicheaux's, um velho baixinho e solitário bebeu tranquilamente a noite

inteira, sem falar com ninguém. Por volta da meia-noite, eu o vi cair do banco. Abriu a cabeça e morreu ali mesmo, aos pés de todos.

Abri os olhos.

As coisas não duram por aqui. O sal gruda em tudo, arrancando a tinta, oxidando para-lamas, corroendo muros. Eu podia sentir o quarto repleto de sal, e nas manchas de infiltração no teto vi cidades e campos erodidos.

Você está aqui porque isto aqui é um lugar. Cães ficam ofegantes nas ruas. A cerveja não continua gelada por muito tempo. A última música nova que você gostou saiu há muito, muito tempo, e o rádio nunca mais a tocou.

Uma batida tímida soou à minha porta, e fiquei de pé. Rocky estava sob a fria luz de sódio, vestindo uma camiseta e um minúsculo short azul que deixava a maior parte das suas pernas de fora. Abraçava a si mesma e um rubor tomava conta do seu nariz e das bochechas, seus olhos aborrecidos.

— Roy.

Ela entrou. Fechei a porta e acendi o abajur. Sentei-me na cama, de frente para ela. Rocky ergueu os joelhos e cruzou as pernas sobre a cadeira, e eu não consegui suportar aquela visão, de modo que tive que tomar cuidado para fixar o olhar em um ponto logo ao seu lado. Ela fungou e abraçou os joelhos.

— O que há de errado?

— Olhe para você. Não tem mais cabelo.

— O que aconteceu?

— Nada. Andei pensando.

— Já era hora.

— Certo. — Ela riu, fungou e afastou um cacho do cabelo louro da testa. — Andei pensando. Acho que... quantos anos você tem?

— Quarenta.

— Quer dizer, eu tenho *dezoito anos*, cara. Isso não é nada. Certo? Quer dizer, não importa o que aconteceu até agora.

— Dezoito *não* é nada. Você tem tempo para reiniciar a sua vida umas três ou quatro vezes se quiser.

Quando disse isso para ela foi a primeira vez que realmente me senti muito jovem para morrer. A reclamação mais idiota. Pensei em como todos diziam a mesma coisa quando eu ia visitá-los usando luvas e empunhando um cassetete. *Espere, espere*, diziam. Espere.

Seus olhos estavam úmidos e ela esfregou o nariz com força. Depois se voltou para a janela, onde a luz em forma de cordas de harpa contornava as cortinas, e os olhos dela se concentraram em algo mais além.

— Fale comigo, Roy. Preciso ouvir alguma coisa, cara.

Eu não disse nada. Não conseguia parar de olhar para as pernas e as coxas dela. O desejo sempre me pareceu vagamente humilhante.

— O que você estava fazendo quando tinha dezoito anos, Roy?

Peguei um cigarro e lhe ofereci um. Acendi os dois e disse:

— Eu trabalhava em um bar, controlando apostas em todo o sul. Geralmente na Louisiana, Arkansas e Mississippi.

— O que é isso?

— É quando você aposta dinheiro em cavalos para alterar as probabilidades para os *bookmakers*.

— Ah.

Mais sons vinham do lado de fora, e a fumaça dos nossos cigarros rodopiava e se chocava com as ilhas desbotadas no teto. Música do rádio de um carro a um quarteirão, uma mulher descendo a calçada gritando com um homem sobre *res-pon-sa-bi-li-da-des*, realmente destacando cada sílaba.

— Como você se envolveu nisso? — perguntou Rocky.

Dei de ombros.

— Eu deveria ter me alistado nos fuzileiros navais.

— Ah, é? — Ela dobrou as pernas debaixo do corpo e voltou o rosto para o meu. Seu nariz e suas bochechas estavam cobertos de sardas pálidas e alouradas e a umidade fazia seus olhos parecerem maiores. — O que isso quer dizer?

— Quando fiz dezessete anos, peguei o ônibus para ir ao centro de recrutamento. Fiz isso. Fiquei sentado lá por umas duas horas. Havia um monte de garotos lá também. Estavam com as mães ou com os pais e usavam calças jeans tão remendadas quanto a minha. Camisas cerzidas. As mãos eram de fato calejadas pelo trabalho no campo. As mães e os pais não foram capazes de limpar o encardido dos seus corpos. Observei os homens que faziam o recrutamento conversarem com os pais. Foi o que fizeram. Mal conversavam com os garotos. Apenas disseram para os pais: *Nós vamos lhe ensinar isso, ele vai aprender aquilo, vai voltar um homem.* Você sabe. Não gostei do fato de só falarem com os pais. Não gostei como os outros meninos ficaram de lado, feito cavalos em um leilão. Além do mais, eu andava pensando em fazer algo além daquilo. Outra coisa.

Parei de falar e ergui o cigarro fumegante. Ficou parecendo uma das torres de refinaria que ficava do outro lado do lago, no lugar onde cresci.

— O quê? — perguntou Rocky. — O que estava pensando em fazer?

— Havia um lugar em Beaumont, onde minha mãe tinha trabalhado antes de eu nascer. Ela falava muito sobre aquele lugar. Um bar chamado Robicheaux's. Ela falou sobre seu antigo patrão, Harper Robicheaux, que aliás era um ótimo sujeito. Era um tipo de homem inigualável. Ela me disse que cantou ali algumas vezes. Na época, ela cantava de verdade. No bar.

— Cantava bem?

— Sim. Acho que parou de cantar quando eu nasci.

— Então, o que você fez?

— Deixei o centro de recrutamento, peguei outro ônibus para Beaumont e encontrei o lugar. Robicheaux's. Na verdade, chamava-se Robicheaux's-on-the-Bayou. Entrei e encontrei o homem de quem ela havia falado, Harper. Era o proprietário. Tive de esperar por ele. Era um sujeito poderoso, de reputação duvidosa, mas realmente amigoso, com um monte de amigos. Eu disse a ele quem era minha mãe, e ele foi gentil comigo. Ele me perguntou como ela estava e pareceu triste quando contei que minha mãe tinha morrido. Então me perguntou o que eu queria e respondi: "Um emprego." Foi assim que comecei. Trabalhei no bar por algum tempo, e, quando ele descobriu que eu era inteligente, me escalou para controlar as apostas.

Rocky fumava e cutucava a unha do dedo do pé.

— Antes de ir para esse bar, você morava com quem?

— Com o Sr. e a Sra. Beidle. Eles administravam a casa comunitária.

— Sua mãe já tinha morrido?

— Já, anos antes. Ficou doente.

— Teve essa mesma coisa que você tem?

— Não sei. Talvez.

Apaguei o cigarro e acompanhei com o olhar a linha de sal podre da cor de sangue que manchava os rodapés do quarto. Mary-Anne não ficara doente. Ao menos, não como eu. Quando eu tinha dez anos, as pessoas na ponte da autoestrada I-10 disseram que tentaram lhe estender a mão, mas que ela simplesmente se jogou do parapeito. Não emitiu som algum, disseram. Um ou dois correram até o parapeito e viram a sua queda, o vestido dela florescendo ao seu redor, cento e cinquenta metros abaixo.

Sempre me imaginei caindo. Parece ser um trajeto muito longo para percorrer caindo sem emitir qualquer som.

— E o seu pai? — perguntou Rocky.

— Ele era legal. Foi fuzileiro naval. Coreia. Morreu. Não na Coreia. Nas refinarias. — Dei de ombros. — Faz muito tempo.

Eu tinha uns vinte anos quando me dei conta de que John Cady devia saber que eu não era seu filho. Ele media 1,70m e eu, 1,90m por volta dos quinze anos, e não tinha o mesmo cabelo castanho-escuro que ele ou Mary-Anne tinham, ou um queixo que nem os deles, mas ele nunca me pediu para chamá-lo de outra coisa a não ser de “pai”.

— Esse sujeito, o tal Robicheaux. Você gostava dele, não é? Dá para notar. Pelo modo como você falou dele.

— Acho que eu gostava, sim. Ficou muito surpreso na primeira vez que me viu.

— Por quê?

Revirei os olhos e suspirei, mas foi sem querer, pois estava dizendo essas coisas que nunca contara a outras pessoas. Comecei a tirar as botas.

— Bem — resmunguei. — Ele era um cara grande, como eu. Na verdade, se parecia muito comigo. Tinha o mesmo rosto. Ficou surpreso ao ver que nosso rosto era o mesmo.

— Ele se parecia com você?

— Era exatamente como eu.

Rocky pensou um instante e achei que ela não tinha me entendido.

— Estranho. Como ele era? — perguntou ela.

— Esperto. As pessoas gostavam dele. Fazia bons negócios com os italianos ao longo da costa, em Nova Orleans, e com uma porção de motoqueiros do Arkansas e do Texas.

— Hum. O que aconteceu com ele?

— Alguém o matou.

— Matou?

— Foi isso mesmo que eu disse.

— Sinto muito, Roy.

— Tudo bem.

— Desculpe.

Ela apagou o cigarro, enfiou as mãos sob as coxas, esticou as pernas e os músculos se retesaram como cabos de um navio.

Cocei o joelho e senti meu novo rosto, a pele flácida.

— Acho que realmente ferrei tudo — disse ela.

— Não precisa encarar dessa forma — falei.

Levantei-me, fui até a pia, bebi um pouco de água e lavei os olhos. No espelho, meu rosto já estava começando a parecer comum.

Ela olhou para mim por cima do ombro.

— Você já matou alguém, Roy? Além daqueles homens na casa.

Sequei o rosto e voltei até ela.

— Alguns.

— Como você se sente sobre isso?

— Ah, dá um tempo.

— Desculpe.

O desapontamento no olhar dela era um tanto estimulante. A morte estava tornando desnecessários todos os meus hábitos e a minha consistência. Certos comportamentos estavam mudando. Como falar tanto quanto agora.

— Sinto-me como um soldado deve se sentir com isso — falei. — As pessoas que matei não eram espectadoras inocentes. Elas mesmas se colocaram em seus próprios lugares. Para mim, é como se elas tivessem criado situações que me obrigaram a tomar providências. Pediram por isso.

Ela fungava e respirava pela boca, contraindo os dedos dos pés.

— Andei pensando e acho que você vai nos deixar aqui.

Não respondi, mas me levantei, para ver se ela se animava a voltar para o seu quarto.

— Se vai fazer isso, pode me falar, cara. Eu entendo. Faz sentido. Mesmo que esteja doente. Quero dizer, não faz sentido você ficar por aqui. Não sou louca ou algo assim.

— Você vai arranjar um emprego. Cuidar da Tiffany. Ganhar na loteria.

— Eu estava olhando para ela mais cedo, e meio que pensei que você estava nos deixando, e fiz uma confusão com tudo. Mesmo quando segui aquele sujeito, Toby. Ele era gay. Eu pensei que ficaria tudo bem. Que confusão. — Ela observou o cigarro fumegante. — Mas quer saber, cara? Nunca fui outra coisa além de uma grande confusão.

— Não vou embora por enquanto — falei.

— Bem. — Rocky suspirou. — A confusão não é sua, cara. É minha.

— Você vai ficar bem.

— Sabia que nunca muda lá fora? Simplesmente está sempre quente. Os mesmos campos, a mesma grama. Nada para fazer. Quero dizer, eu vi o restante da minha vida. Dia após dia dessa maneira.

— Eu tinha um lugar assim — falei.

Mas estremei ao dizer isso e senti raiva de mim mesmo por estar conversando com ela, com raiva principalmente por querer falar sobre esses campos vazios, sobre o sol escaldante, sobre Loraine e Carmen. Eu queria dizer coisas sobre elas, mas não sabia o quê.

— Vendo aquelas crianças lá fora, hoje, na praia... fiquei pensando que eu só queria uma vida real — disse ela.

— Tudo é vida real.

— Você sabe o que quero dizer. Queria que Tiffany também tivesse isso. Um lugar normal.

— Então é isso que vai acontecer.

O rosto dela estava seco. Ela sorriu e franziu os olhos.

— Você parece tão estranho sem todo aquele cabelo.

— Eu não me reconheci. Isso é bom, acho.

— Não está mais parecendo um psicopata.

Liguei o ar-condicionado, e o barulho do aparelho tomou conta do ambiente, fazendo o vidro da janela chacoalhar.

— Você devia dormir um pouco. Pensaremos em alguma coisa amanhã.

Ela estendeu a mão para que eu a ajudasse a se levantar. Por um segundo, seus olhos ficaram semicerrados e brincalhões, o que me incomodou. Ela viu que não gostei daquilo, então parou e muito lentamente foi até a porta. Eu não conseguia deixar de olhar para o short que ela usava, que aliás havia subido por ela ter ficado sentada.

Ela fez uma pausa e disse:

— Se quiser ir embora, tudo bem. Sem problemas. Você fez muito por nós, Roy. Pode seguir em frente. Ficaremos bem.

Abri a porta e disse:

— Talvez eu vá.

O homem que estava sentado na varanda havia se mudado para um trecho de grama junto à calçada, onde se deitara perto de um poste. Os mosquitos fervilhavam no facho de luz ao seu lado.

Ela se virou para mim antes de ir para o quarto e fez uma pausa, como se fosse dizer algo.

— Se eu estiver aqui pela manhã, quer dizer que ainda não fui embora — falei.

Fechei a porta e, ao ficar sozinho novamente, uma inquietação começou a me importunar. Passei por todos os canais de TV umas quatro ou cinco vezes. Dobrei todas as minhas roupas e guardei-as na cômoda, uma peça de cada vez, depois peguei-as e guardei-as de volta na mochila de lona.

Desmontei e limpei minha .380 com um lápis e um pano de prato. Parecia que estava faltando alguma coisa agora, alguma coisa difícil de definir, mas notável pela sua ausência.

Senti que traíra a mim mesmo por ter falado tanto.

Aparentemente, Emerald Shores tinha alguns hóspedes. A van com dois estepes pertencia a uma família que estava no quarto número dois. O sujeito da motocicleta no quarto número oito forrara as janelas com papéis de alumínio. Duas mulheres mais velhas compartilhavam o quarto número doze e tinham o modelo antigo do Chrysler com suspensão arriada e a frente afundada como um *dragster* de corrida. Pela manhã, um sujeito do outro lado cutucava linguças em uma pequena churrasqueira a carvão que espalhava uma fumaça gordurosa por toda parte. Ele se sentou em uma cadeira dobrável e acenou para mim.

Era um velho desengonçado que usava bandana, sandálias e uma camiseta com uma estampa da cerveja Corona. O cheiro me deu fome, então me aproximei e percebi que ele tinha uma pequena pilha de pratos de papel aos seus pés.

— Este é o café da manhã que o local oferece, cara. Meu nome é Lance.

Ele pegou um prato e jogou duas linguças nele.

— Você trabalha aqui?

— Na verdade, não. Eu era casado com Nancy. A mulher que fez o seu check-in. Ela me deixa ficar aqui. E gosta que eu prepare o desjejum para os hóspedes pela manhã. Não há cozinha, então uso a churrasqueira.

— Tudo bem. Obrigado.

— Ela disse que você está com duas meninas. Elas também podem pegar algumas linguças se quiserem.

Ouvi uma porta se abrir e duas crianças saíram do número dois com o pai logo atrás. O cabelo dele era espetado para cima e o seu rosto estava vermelho e inchado, os olhos, brilhantes e injetados.

A primeira coisa que ele fez foi olhar para mim.

Ele deu um tapa na cabeça do menino.

— Não pule na frente da sua irmã. Deixe-a pegar o dela.

As crianças estavam ofuscadas e semicerravam os olhos por causa da luz, como se tivessem acabado de ser acordadas em uma caverna. Lance sorriu para elas, serviu duas linguiças em um prato para a menina, depois fez o mesmo para o menino.

Eu acabara com as minhas.

— Voltem para dentro agora — disse o homem para as crianças.

— Mamãe disse para levar um pouco para ela.

— Ela não precisa de linguiça nenhuma. E fale que fui eu que disse isso.

Ele pegou um prato com Lance e observou as crianças voltarem para o quarto. Tinha um rosto grande, comprido e largo, um queixo pequeno e protuberante e um pescoço gordo e liso que apagava a linha do queixo. Seu cabelo era comprido e despenteado, uma camiseta sem mangas, dura e encardida, calça jeans fedorenta esticada sobre uma barriga grande que obrigava suas costas a se curvarem para a frente.

— Bom dia — disse Lance.

— Sim — concordou o homem. — É mesmo.

Ele mordeu metade da linguiça de uma vez. Queria que todos soubessem que era o maior durão. Tinha olhos paranoicos e ingênuos. Havia sido o maior cão de um pequeno quintal, mas agora seus braços tinham amolecido e assumido a forma das coxas de uma velha.

— Nada sobre o *Kestrel*, acabei de descobrir — disse ele para mim. — Então, isso é um fracasso.

Olhei para Lance e de volta para o outro homem.

— Não sei o que é isso.

— É uma plataforma de petróleo. Viemos até aqui porque eu deveria embarcar numa plataforma da Cities Service. Mas, quando cheguei aqui, eles disseram que nunca haviam me contratado. Falei que recebi uma carta.

Eles alegaram que a carta não diz o que diz. — Ele olhou para Lance em busca de apoio. — E eu estou com a carta *na mão*.

Ele terminou as linguças e deixou o prato de papel no chão do estacionamento.

Ele me viu pegar um cigarro.

— Tem outro desses?

Dei-lhe um.

— De onde você é? Achei que fosse caminhoneiro.

— Não. Estou de férias.

— De onde vem?

— Louisiana.

— De que parte?

— Nova Orleans.

— Lamento muito por você, cara. Já estive lá. Toda aquela chuva, e os católicos, e os pretos.

— Isso pode confundir algumas pessoas — falei. — Você precisa saber o que é o quê.

— Conheci um rapaz de Nova Orleans. Ele disparou um tiro na própria *coxa*. Aquele menino era um *idiota*.

— Deve ter sido por isso que o mandaram embora.

Sua testa ficou enrugada enquanto ele tentava entender o que eu queria dizer. Percebi que o outro cara saíra do quarto, o motoqueiro do número oito, com os papéis de alumínio achatados colados nos vidros das janelas. Ele era jovem e magro, tinha um cabelo comprido e ficou um pouco para trás, observando-nos por trás de seus grandes óculos escuros. O outro homem ainda me encarava, tentando entender o que exatamente eu dissera para insultá-lo.

— Quantas crianças você tem naquele quarto de hotel? — perguntei, sendo um pouco debochado.

— Só aquelas duas. E uma mulher. — Ele balançou a cabeça. — Que fica mais gorda a cada dia.

Como um gesto de concessão, começou a falar sobre a esposa. Ele tinha feito algum comentário sobre os trajes de banho dela havia alguns dias e a mulher não saíra mais do quarto desde então.

— Ela quer agir como se eu a tivesse magoado ou algo assim. Você sabe como são as mulheres.

Joguei fora o cigarro e voltei para o quarto. O rapaz do quarto número oito se inclinou para fazer uma pergunta a Lance, e o outro homem apenas ficou por ali, olhando ao redor, se virando para a frente e para trás, desnortado por ninguém estar ouvindo o que ele falava sobre a esposa.

Ao fechar a porta, vi que o rapaz de cabelo comprido olhava para mim e retribuí seu olhar.

Ele sorriu como se fôssemos velhos amigos. Então disparou na minha direção, imitando uma arma com os dedos.

Depois que as meninas acordaram, comeram e se arrumaram, não sabíamos mais o que fazer. Eu achava que deveríamos levar a criança à praia. Então, vesti uma calça jeans rasgada e uma camisa havaiana colorida que comprara com sandálias no dia anterior e fui à praia com elas. Não havia nenhuma boa razão para eu fazer aquilo, mas ainda tinha tempo para matar, e queria ver também o que a menina acharia do mar e da areia. Estava curioso.

O pai do quarto número dois estava do lado de fora com uma cerveja Michelob e acenou para mim ao sairmos.

— Bela camisa — disse ele, erguendo o queixo.

Andamos cinco quarteirões e atravessamos duas pistas até chegar à pequena enseada ao largo da estrada. Folhas de jornais e embalagens de alimentos eram levadas pelas rajadas de areia e oscilavam à brisa, e altos tufos de grama cobriam o declive arenoso em direção ao mar. Tiffany sorriu, pulou ao lado de Rocky e apontou. O eterno chapinhar e recuar do oceano.

Rocky tirou o short e a camisa. Ela percebeu que eu estava olhando, então desviei o olhar. Seu biquíni era muito pequeno, quatro triângulos de tecido vermelho, e minha respiração ficou mais pesada diante daquela visão. Curvas enganosas e linhas esguias a moldavam, músculos de dançarina ficavam vermelhos através da pele pálida onde o sol a aquecera, nariz e bochechas corados, e o sol no seu cabelo produzindo reflexos brancos e dourados. Ela se agachou e dobrou as roupas no chão com uma propriedade que me pareceu extremamente erótica. Tinha ombros largos para o seu tamanho, e as costas dela eram um trecho montanhoso de músculos, daqueles que você precisa conquistar.

Sentei-me em um banco de areia raso. Trouxera duas latas de Coors e abri uma enquanto Tiffany corria até o mar, totalmente atordoada e quase tropeçando nos próprios pés. Rocky levou-a para a água e as duas foram

perseguidas pelas ondas, o riso da menina ecoando como sinos, um som de pura emoção que não parecia idiota.

Quando Rocky mergulhou, o traje de banho colou no seu corpo como pele molhada e pude ver os seus mamilos e o vinco da sua bunda. Ela acenou para mim e ficou ali com a irmã enquanto as ondas quebravam em cima das duas, cobrindo-as de bolhas. A menina gritava e ria, e as águas em tons de azul e roxo atrás delas estavam repletas de espuma, prolongando-se tão completamente que dava para imaginar a época em que todo o planeta era apenas mar e céu. Mas um barco rebocando um esquiador cruzou o horizonte, e, através da névoa a leste, dava para ver uma plataforma de petróleo.

Elas voltaram da água. Rocky sentou-se com Tiffany para mostrar como construir castelos de areia. Tiffany apontou para o Golfo e perguntou:

— Onde vai dar?

— No oceano.

— O que é isso?

— Mais água.

— E *onde* isso vai dar?

— Ora, fique quieta — disse Rocky e fez cócegas na barriga da menina.

As pernas de Rocky estavam esticadas enquanto ela moldava a areia úmida, e era difícil não olhar para ela, por isso desviei o olhar para outras coisas na praia. Um trecho de vegetação onde algo brilhava. Dois meninos gorduchos correndo para a arrebentação. Gaivotas surfando as correntes térmicas, mergulhando para roçar a superfície com os bicos. Uma pipa das cores do arco-íris empinada por alguém ao longe na praia, alguém que eu não conseguia ver. A pipa vacilava, dançava e rodopiava em círculos estreitos, e Tiffany a viu e apontou para ela com o dedo.

Um bando de meninos passou, arremessando uma bola de futebol americano, e todos se aquietaram e olharam para Rocky enquanto passavam. Ela notou a presença deles e começou a mostrar para Tiffany como socar a areia.

Tirei a camisa e me deitei voltado para a luz. Tentei imaginar minhas células armazenando a luz do sol.

— O que são essas cicatrizes? — perguntou Rocky.

— Quais?

— As redondas, na lateral.

Toquei a pele enrugada e mantive os olhos fechados.

— Chumbo grosso.

— De uma espingarda?

— Eu estava longe. Só me crivaram.

— E essa outra? No seu ombro.

— Faca.

— Deve ter sido uma faca grande.

— Era.

— E essa aqui, na sua perna?

— Cachorro.

— Eu sabia. Percebi que era de um cachorro. Você o matou?

— O cachorro?

— Sim.

— Não me lembro.

Mas matei.

Esperava que me perguntasse mais alguma coisa, mas quando não disse nada espiei através das minhas pálpebras e vi que ela voltara a se concentrar em Tiffany.

Quando acabei minhas cervejas, cochilei por alguns minutos, e, quando acordei, Rocky estava deitada de costas, tomando sol ao meu lado. Pequenas gotas de água e areia tinham grudado em sua pele e o suor se acumulava em uma poça no seu umbigo. Eu tinha que fugir daquilo, então fui até a água.

Tiffany se animou e correu ao meu lado, pulando. A pipa com as cores do arco-íris ainda estava lá em cima, investindo e cortando o ar pálido e dourado.

A menina parou na arrebentação, ergueu os braços e gemeu, como se pudesse alcançar os meus ombros com o esforço. Então, eu a ergui acima da água, fingindo que a jogaria no mar, e ela berrou e riu ao mesmo tempo. Tive vontade de gritar algo com ela, mas não fiz isso. Tapei seu nariz e nos joguei nas ondas, segurando-a enquanto mergulhava e a água salgada rebentava em cima de mim. Ela riu, cuspiu e engasgou, espantada, incerta. Então, pediu que eu fizesse de novo.

Pelo resto do dia, seu peso ecoou nas minhas mãos vazias, leve, mas denso, seu espernear, seus pontapés. Voltei com ela para a areia, e de vez em quando a menina fazia algum gesto que me parecia muito feminino, como colocar o cabelo molhado atrás da orelha ou ajeitar o maiô com uma expressão séria e compenetrada.

Rocky ficou deitada no banco de areia, sorrindo para nós.

Lembro-me de um amigo ter me dito certa vez que toda mulher que você amou é, ao mesmo tempo, uma mãe e uma irmã que você não teve, e que o que você realmente está sempre procurando é a parte feminina de si mesmo, o seu animal fêmea ou algo assim. O cara podia dizer essas coisas porque era um viciado que lia muitos livros.

Ao voltar para casa, foi impossível não ficar para trás e observar Rocky de costas com aquele biquíni, mas não acho que eu seria capaz de tocá-la.

No fim da tarde, comemos camarão frito e sanduíche de ostras, e eu as levei ao fliperama do cais. Elas jogaram Whac-a-Mole, Pac-Man e arremessaram anéis. Vaguei por ali, mas não as perdi de vista.

Havia alguns homens negros empoleirados ao longo do cais com varas de pescar e um barco a remo emborcado na praia mais abaixo. Havia um buraco no casco e dava para ouvir um gato miando através dele, e milhares de talões de loteria escarlate estavam espalhados pela areia.

Mais tarde, à noite, assistimos a um filme na TV com Richard Boone, eu acho, e, quando eu as deixei, estavam cansadas e satisfeitas, e percebi que me sentia bem com aquilo.

De volta ao meu quarto, me senti bem com relação ao modo como eu as deixara.

Então comecei a ser atormentado por algo que não conseguia expressar em palavras. Como se tivesse me esquecido de alguma coisa importante, embora não soubesse o quê.

Saí do quarto e olhei para a noite mosqueada, o vento quente agitando as palmeiras e soprando em direção ao rio celestial de estrelas. Caminhei um pouco.

Antigos elevadores de grãos e depósitos margeavam o sul, reminiscências dos antigos tempos da exportação de algodão. Alguns dos elevadores tinham holofotes. Uma chuva salgada e os aromas das armadilhas de camarões e ostras pairavam no ar. Um sujeito ajudava o amigo a andar, com um braço em torno do seu ombro.

O baque das minhas botas no asfalto soava como o ponteiro de um relógio. Um gato cinza-fumaça me acompanhou na calçada oposta durante algum tempo. Em um ponto de ônibus, um velho barbudo bebia alguma coisa dentro de um saco de papel e chorava. Ele me disse que estava feliz. Havia saído da prisão naquele dia.

Quando voltei para o meu quarto, estava tão silencioso lá dentro que o tique-taque do despertador parecia reverberar, e aquele pequeno som me dizia que era tarde, mais tarde, e mais tarde ainda.

O tempo passara. Eu estava velho.

Pela manhã, acordei antes das meninas e assisti ao nascer do sol na baía, onde a água amarelou um pouco e onde se espalhavam as frotas de barcos camaroneiros, pequenas escunas com paus de carga esqueléticos e redes largas. Aqueles barcos se arrastavam para o mar no lento e coordenado processo de migração natural. O sol da tarde ou o da manhã carregava o céu com cores históricas e irreais, como verdes, roxos, vermelhos quentes e laranja, feito as nuvens dos antigos filmes de caubói da MGM.

Movimentos lentos. Cores se alterando.

Eu estava percebendo coisas novas.

Rocky me disse que achava que começaria a procurar um emprego naquele dia, mas falei que, em vez disso, deveríamos ir todos à praia, e foi o que fizemos.

\* \* \*

Naquela noite, conhecemos mais duas hóspedes, as idosas que compartilhavam o Chrysler com a antena quebrada. Seus nomes eram Dehra e Nonie Elliot, irmãs com o mesmo cabelo rijo e grisalho no formato de couve-flor. Vestiam-se com tecidos escuros e grosseiros, como freiras, e usavam crucifixos pesados pendurados nos pescoços.

Lance estava grelhando alguns hambúrgueres e eu levei um engradado de Coors. As meninas também vieram, e depois de verem Tiffany pela janela do quarto doze, as duas irmãs se aventuraram a sair para encontrá-la.

Elas se curvaram para apertar a mão de Tiffany, que mordeu o polegar um tanto envergonhada.

Tinham rostos divertidos e gentis, e as costas eram curvadas com a dignidade de fardos silenciosos. A que se chamava Dehra usava óculos e

falava mais.

Você parece menos suspeito quando está disposto a conhecer pessoas.

Dehra me disse:

— Temos quatro irmãs que são freiras da Congregação das Irmãs de São José, em Houston. Morávamos em Denton, mas vendemos a casa dos nossos pais. Pensamos em comprar um lugar na Flórida, mas, você sabe, na verdade só temos dirigido pelo Texas.

— Bem, queríamos estar perto das nossas irmãs — disse Nonie.

— Isso é verdade. Mas estamos aqui há três semanas.

— Ainda queremos encontrar um lugar para ficar de vez.

— Não sei por quê. Mas não conseguimos ter ânimo para achar um.

Havia algo de infantil naquelas duas, uma falta de malícia naqueles rostos calmos e assexuados.

— Vocês vão muito à praia? — perguntei.

— Oh, não. Não gostamos muito de tomar sol.

Ela disse isso enquanto a irmã oferecia um chiclete de cravo para Tiffany, e a menina, envergonhada, se escondeu atrás das pernas de Rocky. Senti o desejo fugaz de contar àquela mulher sobre os meus pulmões.

Lance armou uma mesa de jogo dobrável e Nancy trouxe um saco de pães de hambúrguer, ketchup, mostarda e pratos de papel. Ela os pousou na mesa e olhou para mim.

— Lembro que outro dia mesmo você tinha todo aquele cabelo. Olhe para você agora. Está com medo de que alguém o reconheça?

— Aqui é muito quente para todo aquele cabelo — respondi.

Lance virou os hambúrgueres e disse:

— Aposto que estes ficarão tão bons quanto os daquele lugar em Austin. Greenbelt Grill. Você se lembra, querida?

Nancy arqueou as sobrancelhas para ele e franziu a testa.

Ele olhou para mim e disse:

— Era um lugar aonde costumávamos ir que servia comida de fazenda.

— Então se virou para Nancy: — Você se lembra?

Ela apenas suspirou bem alto e revirou os olhos para ele com uma expressão de pena, como se Lance estivesse fazendo um papel ridículo. Nancy voltou para o escritório.

Agora, Tiffany ria com as velhas irmãs, e a menina as fazia rir.

— Ela era muito diferente — disse Lance. — Ela se endireitou antes de mim e acho que talvez tenha ido um pouco longe demais. Sei o que você está pensando, mas não vejo Nancy como ela é agora, entende? Vejo as várias Nancys que conheci, e havia de todos os tipos. Ela gosta que eu me lembre dessas histórias, mesmo que aja como se não gostasse.

Rocky saíra do quarto, assim como o rapaz do quarto número oito. Ele tinha um cabelo ruivo comprido e jeito de estudioso, delicado. A calça jeans rasgada e as botas de motoqueiro que usava pareciam completamente inadequadas.

Eles começaram a conversar encostados na parede em frente aos quartos. Ele disse algo e Rocky riu. O rapaz usava uma camiseta cinza de manga comprida, tinha ombros estreitos um tanto curvados e estava com as mãos nos bolsos.

Ele me viu olhando e acenou. Rocky parecia nervosa.

O pai hospedado no quarto número dois saiu. Fechou a porta atrás de si, abrindo-a apenas o suficiente para poder passar. Lambeu os beiços enquanto examinava a comida.

Ficou junto à churrasqueira e olhou para todos ali ao redor.

— Todo mundo implorando hambúrgueres como cães famintos! — anunciou para ninguém em particular.

Ele esperou alguma reação e, não vendo nenhuma, tentou parecer ocupado com os próprios pensamentos.

— Eu me chamo Tray — disse o rapaz de cabelo ruivo.

Ele me estendeu a mão e piscou em meio a suas olheiras acinzentadas. Rocky pegou uma das minhas cervejas e deu um gole.

Apertei a mão do rapaz.

— Tray Jones — disse ele. Seus olhos se direcionaram para os meus antebraços, e em seguida voltaram aos meus olhos. Ele parecia querer me dizer algo. Era tão magro que tive a impressão de que sua camisa o puxava para baixo. — A maioria das pessoas me chama de Matador.

— Claro que chama — falei.

O pai pegou os três hambúrgueres seguintes. Pensei em dizer alguma coisa, mas, quando vi que ele voltava para o quarto, fiquei feliz por ele estar indo embora e deixei para lá.

Ele os empilhara em um único prato e olhou para mim por cima do ombro enquanto andava até o quarto e destrancava a fechadura. Voltou a olhar para mim quando entrou, abrindo apenas alguns centímetros da porta e deslizando para dentro em seguida.

Tray Jones ainda estava de pé ao meu lado.

— Você viu os filhos dele lá dentro? Parece que não comem direito há algum tempo.

Assenti. Rocky se sentou na varanda, observando as velhinhas conversarem com Tiffany.

Tray pegou um maço de cigarros mentolados e me ofereceu um. Recusei. Ele acendeu um e disse:

— Onde você cumpriu pena, cara?

— O quê?

— Está tudo bem, cara. Sempre consigo identificar um condenado. O jeito como você comeu as linguixas, cara. — Ele riu. — Sabe?

Peguei um cigarro.

— Em lugar nenhum.

— Ah, sim. Tudo bem então.

Ele meneou a cabeça e me ofereceu fogo. Suas unhas tinham sido roídas até o sabugo, a camisa, puxada até os pulsos finos. Imaginei que ele teria cicatrizes de agulhas naqueles braços.

— Cumpri pena em Rowan, Oklahoma — disse ele. — Faça um favor a si mesmo e fique no sul.

— Quantos anos você tem?

— Fiz vinte e seis em março.

— O que estava fazendo em Rowan?

— Ah. — Ele ergueu os ombros para tragar o cigarro. — Trabalhando com um sujeito com quem eu costumava andar. Meu parceiro. Estávamos nos dando bem até ele se envolver numa briga de bar. Vieram levá-lo, quiseram revistar o carro dele. Nem mesmo sei como aquilo começou. Eu estava dormindo no banco de trás.

— Hum.

— Temos mais três prontos — anunciou Lance.

Falei para as meninas irem em frente e comer. As velhas levaram Tiffany até a mesa e a ajudaram a montar um hambúrguer. Tray ainda estava de pé ao meu lado.

Comecei a me perguntar o que aquele garoto queria de mim.

— Tenho algumas pessoas aqui agora — comentou ele. — Conheço algumas pessoas aqui.

Não falei nada e terminei minha cerveja.

— Sabe quem você me lembra, cara? — disse ele.

Ergui uma sobrancelha e abri outra cerveja.

— Um cara que fazia cinema. Quem era mesmo? Ele fez aquele filme sobre galos de briga. E aquele outro filme. Que tinha um cara dirigindo com uma cabeça dentro do carro.

Pensei um segundo.

— Aquele cara parece um cavalo.

— Mas não no mau sentido, juro.

— Tome.

Entreguei-lhe uma cerveja e levei o resto para o meu quarto. Eu não estava com fome.

O céu era de um vermelho profundo e as sombras se revolviam no asfalto rachado.

Após meia-noite abri uma garrafa de Jameson porque não conseguia mais dormir se não tivesse enchido a cara. Eu já havia avançado bem na segunda metade da garrafa quando o tempo começou a se contrair e a se expandir, momentos perdidos, fantasias que se abriam e se fechavam como caixas mágicas, e por isso tenho dificuldade em lembrar a sucessão exata dos acontecimentos. No entanto, havia uma obsessão nos meus pensamentos. Tive vontade de chorar, mas não conseguia. Quando vi as radiografias pela primeira vez, saí apressado do consultório médico, dei o fora assim que ouvi as palavras *carcinomas pulmonares de pequenas células*.

Agora, queria saber quanto tempo eu tinha. Devo ter ligado para o serviço de informações para pedir o telefone da casa do médico.

Tenho alguma lembrança de ter ficado furioso, xingando ao telefone um homem que parecia adormecido, e dava para ouvir a voz de uma mulher atrás dele. Acho que tive que lembrá-lo quem eu era, e quem o indicara para mim.

Acho que falei algo como: “Quanto tempo? Quanto tempo eu tenho?”

Ele disse que não sabia, não tinha como dizer, e tentou me explicar a necessidade de mais exames, biópsias. Sim, as probabilidades esmagadoras eram que eu tivesse carcinomas de células pequenas. Acho que o homem tentou me convencer a voltar.

— Da última vez, você simplesmente saiu correndo do consultório. Nós nem tivemos chance de falar sobre as opções de tratamento.

Acho que me lembro de ter me sentido profundamente insultado com sua incapacidade de me responder, com a sensação de que ele me tratava com condescendência, e de repente passei a sentir um grande ódio por aquele sujeito. Admito que certas conexões essenciais não estavam funcionando na minha cabeça naquele momento. Mas imaginei sua

aparência rosada, recentemente arrumada, o cabelo grisalho aparado e repartido com cuidado, o modo frio, experiente, como ele me falou sobre minha morte.

Pareceu que, por um segundo, naquele quarto de motel escuro e repleto de sal, no meio da noite, com a respiração quente atingindo o telefone, eu localizara o principal vilão, o inimigo de toda a minha vida.

Agora, acho que só queria ouvi-lo ficar com medo. Assim como eu.

— *Seu maldito açougueiro charlatão filho de uma puta* — falei. — Você quer que eu volte? Pois então vou voltar. E aí veremos se não consigo uma resposta direta.

Ele protestou contra a minha raiva, defendendo sua inocência.

— Tenho o endereço bem aqui, seu idiota. Royale, 2.341. Provavelmente uma casa grande. Claro que é.

— *O quê?* Não, não... ouça...

— Sua patroa sabe sobre as apostas? Ela sabe quão enrolado você está? Seu babaca degenerado.

— Olhe. Olhe, escute... espere um minuto...

Acho que foi por aí que bati o telefone. Devo ter jogado o aparelho pelo quarto porque, na manhã seguinte, estava em pedaços na parede oposta, o fio arrancado do soquete.

Quando acordei, o sol nascia e o quarto estava abafado; meu travesseiro, encharcado de suor. Eu estava sem camisa e havia escoriações vermelhas e arranhões em todo o meu peito, como se algo selvagem tivesse me atacado. Olhei para as minhas unhas e para as marcas no meu peito. A garrafa estava no chão, e questionei vagamente o deslocamento do telefone.

Experimentei o horror sombrio que vem com certas ressacas, quando você quer saber exatamente o que andou fazendo, quantas muitas levou.

Mas não me lembrava de ter dado nenhum telefonema. Classifiquei o telefone como um dano colateral comum que costuma ocorrer com objetos delicados quando alguém bebe daquela forma.

Comprei jornais. Um local, com classificados, o *Houston Chronicle*, e o *Times-Picayune*, de Nova Orleans.

O *Times-Picayune* tinha uma pequena matéria dizendo que Sienkiewicz estava sendo procurado para prestar depoimento numa investigação ainda em curso.

A dedução era que ele fugira da cidade.

Nenhuma menção a Stan Ptitko. Nada sobre Angelo, os outros homens, a mulher ou o que aconteceu na casa de Sienkiewicz em Jefferson Heights.

Imaginei o que Stan estaria fazendo. Se ele mandara alguém atrás de nós. Quantas pessoas seriam e de quão longe poderiam investigar. No fim das contas, não importava. Éramos agulha no palheiro.

Eu ainda tinha aquela pasta que peguei na casa de Sienkiewicz, mas não vi nada de mais no que tinha nela. Talvez eu a enviasse para o promotor público antes de continuar seguindo em direção ao México.

Eu ficava dizendo a mim mesmo que abandonaria as meninas. Primeiro, quando conseguisse um lugar para elas ficarem durante algum tempo. Então, decidi que seria assim que Rocky arranjasse um emprego.

Abri os classificados sobre a cama.

— Aqui tem uma vaga para recepcionista. Tem outra aqui. Babá. Você poderia fazer isso.

Ela andava de um lado para outro em frente à janela. Vestindo aquele shortinho outra vez. Nancy encontrara alguns jogos de tabuleiro antigos no escritório, e Nonie e Dehra perguntaram se poderiam ficar com Tiffany por algumas horas.

— O que foi? — perguntei.

— Quero dizer, o que eu faço? — disse Rocky.

— Você se veste bem, entra e pede uma solicitação de emprego. Pega uma caneta e preenche o formulário.

— Mas o que vou preencher? Eu nunca trabalhei, Roy.

Tive que pensar no assunto.

Peguei um bloco de papel amarelo de uma gaveta do criado-mudo e bati com o lápis em meus dentes. Anotei os nomes de dois lugares. Um era um bar em Morgan City, o outro uma churrascaria em Nova Orleans. Ambos tinham sido destruídos por incêndios nos últimos anos. Na verdade, eu os vi queimar.

Entreguei o papel a ela.

— Esses são os lugares onde você trabalhou. Crie uma linha do tempo para si mesma. Apenas diga que esses lugares estão fechados agora. E fale que ficou até ele fecharem, porque esse é o tipo de funcionária que você é: leal.

Ela se sentou na cama e balançou a cabeça como se protestasse contra aquilo.

— Mas eu não sei, Roy. Simplesmente não sei o que fazer. *Não sei* como fazer isso.

— Bem, você vai ter que ensinar a si mesma.

Seus olhos se encheram de lágrimas e ela me encarou com um olhar levemente perdido. Pensei em tudo o que eu não sabia sobre ela, e o que a levou à casa de Sienkiewicz. No mínimo era apenas falta de bom senso, mas poderia ser algo pior.

— Tudo o que precisa fazer é ser encantadora quando falarem com você. E você sabe fazer isso.

Seus olhos brilharam para mim e pareceram selvagens, tomados pelo fogo brando da histeria. Pensei em quão rapidamente sua risada poderia se tornar desesperadora.

— Você tem que pensar desta forma: os filhos da puta mais idiotas do mundo conseguem empregos. Você só precisa ir até lá e fazer isso.

Ela assentiu, enxugou os olhos e observou as cortinas.

Ouvimos sirenes passarem pela janela e a cama rangeu quando eu me levantei.

— Você pode ficar aqui por um tempo — disse ela. — Aquelas senhoras vão cuidar da Tiffany.

Parei à porta e ela esticou as pernas, recostou-se nos cotovelos, fazendo a cama ranger novamente. Lancei-lhe um olhar de advertência sobre o que ela estava fazendo com as pernas.

Então ela começou a falar:

— Nunca conheci meu pai. Minha mãe me contou algumas histórias diferentes sobre ele. Em uma, ele estava na prisão; na outra, estava morto. Minha mãe conheceu Gary na boate em que trabalhava. Às vezes, eu ficava sentada no banco de trás quando ela saía com alguém. Eu rodava por aí nos bancos de trás. Sempre que penso que Gary era mau, sempre penso nele como um preguiçoso. Aquele grande filho da puta gordo e preguiçoso. Ficava mais gordo a cada ano. Começava a ficar ofegante se tivesse que procurar o controle remoto. Acho que certos tipos de preguiça são malignos.

Voltei da porta, sentei-me e lhe ofereci outro Camel. Ela esperou até dar a primeira tragada para passar a língua nos dentes.

— Minha mãe foi embora há uns quatro anos. Quero dizer, Gary disse que ela fugiu. Talvez tenha feito isso mesmo. Ela era bem capaz de sair à noite e nunca mais voltar. Mas acho que aconteceu alguma coisa com ela.

Batemos a cinza ao mesmo tempo, e a ponta do cigarro dela estava trêmula.

— Certa vez ele fez uma coisa... Decidiu que ia criar coelhos. Gary se sustentava com algum dinheiro que o governo dava a ele. Trabalhou por um

tempo nas fábricas, mas machucou a perna, então vivia principalmente disso. Minha mãe achou que era uma ideia idiota. Ela trabalhava em uma boate em Beaumont. Havia noites em que eu sabia que ela não voltava para casa. Então, talvez tenha mesmo fugido. Talvez estivesse pensando naqueles coelhos.

Ela cruzou as pernas e voltei os olhos para as cortinas.

— Gary gastou um bom dinheiro. Ele me fez ir até lá para ajudá-lo a construir as cercas com arame de galinheiro, roçar toda a área atrás da casa com um cortador de grama que ele teve que pedir emprestado. Todo aquele sol. Passamos algumas semanas construindo um tipo de galinheiro para os animais, e o que ele disse foi que bastava pegar alguns daqueles coelhos grandes de uma raça especial, colocá-los ali dentro, talvez apenas um casal, e, em alguns meses, você teria um monte de coelhos. Bastava alimentá-los e dar água. Ele os venderia na cidade. Carne e pele, porque esse tipo de coelho tinha pele boa. Eu e minha mãe ficamos bastante surpresas quando aconteceu exatamente o que ele falou. Acho que eu tinha uns onze anos na época. Não tínhamos nenhum cão ou gato, e eu gostava de ter todos aqueles coelhos ao meu redor. Eles eram enormes. Se você os segurasse por baixo dos braços e deixasse suas patas tocarem o chão, eles chegavam até a altura dos seus ombros. Coelhos brancos, pretos e malhados. Gary fazia contas e anotava números em um papel na mesa da cozinha, tentando calcular quanto ganharia com a primeira ninhada, já gastando por conta. Mas tudo isso foi antes de agosto, quando realmente fica quente, a grama seca e os quintais viram terra. Havia muitos deles para alimentar, então Gary tirou metade de lá. Fez minha mãe e eu irmos com ele até Lake Charles para vender aquele lote, um monte de gaiolas de arame em sua caminhonete. Ele não ganhou tanto quanto esperava. Não chegou nem perto. As lojas que vendiam casacos de peles disseram que o negócio não funcionava da

maneira que ele pensava. Foram todos para o açougue por um preço baixo. Então, ele ficou chateado, e minha mãe ficou aborrecida por ele não ter conseguido arrecadar nem perto do que esperava. Lembro-me de ter me sentido muito mal por causa disso quando estávamos no açougue e os animais sem pele pendiam por toda a parte. Ele e mamãe ficaram muito aborrecidos e Gary disse: “Foda-se. Vamos beber.” E eles foram beber, e eu fiquei no quarto. Era nisso que eu estava pensando há pouco, na porta ao lado. Eu me lembro de ter ficado sentada sozinha naquele quarto porque fiquei lá alguns dias. Fiquei ali, assistindo à TV e comendo cereal na bancada todas as manhãs. Eu odeio esperar pelas coisas. Os dois voltaram dois dias depois e num estado deplorável, putos, as roupas em farrapos. Fedendo. Gastaram todo o dinheiro que ganharam, então minha mãe tinha que trabalhar, por isso voltamos para Orange. Eu estava pensando nisso, sentada naquele quarto. Como se estivesse sentada no banco de trás de um carro. — Ela cutucou uma unha e brincou com o cigarro. — Mas, voltando aos coelhos de Gary... Quando chegamos, a primeira coisa que vimos foi que o quintal estava cheio de pássaros. Havia um bando de pássaros lá dentro, alguns eram uns abutres grandes que me fizeram começar a chorar só de olhar. Gary gritou com eles e os espantou, e vi um dos abutres puxar uma tira de carne enquanto se afastava. Todos os coelhos estavam espalhados pelo quintal. Estavam todos estirados no chão, mais de uma dúzia, simplesmente deitados ali. Todos tinham sido mastigados. Acabamos descobrindo que o clima havia esquentado muito, eles não tinham água e provavelmente sufocaram. Lembro-me da minha mãe batendo em Gary com a bolsa. Ela chorava e estava furiosa. Eu também estava chorando desde que chegamos e vimos os pássaros grandes, então acho que nessa hora comecei a gritar. Nós duas gritávamos com Gary e chorávamos, e ele apenas pareceu patético: um gordo de ressaca chorando. De qualquer forma, isso é o

que ele era. Acho que essa foi a última vez que ele tentou ganhar algum dinheiro. Além de vender a maconha vagabunda que cultivava atrás da casa.

Ela afastou a franja da testa e ergueu o olhar. Seus lábios voltados para baixo pareciam toscos, um tanto desajeitados, e a maneira como suas pálpebras pesadas se assentavam sobre os olhos tinha significados muito específicos.

Levantei-me e fui até a porta. Parte de mim queria que eu a desejasse e eu não conseguia descrever em palavras exatamente o que me detinha. Eu não queria pensar nisso.

— Durma um pouco — falei.

De volta ao meu quarto, dei-me conta de que, se a mãe dela tinha ido embora havia quatro anos, isso ocorrera então antes de Tiffany nascer. Mas também não quis pensar naquilo.

Ergui-me na cama com a respiração suspensa. Luzes da polícia brilhavam do lado de fora das cortinas, tons de vermelho e azul piscando pelo quarto. As sirenes eram silenciosas, mas eu estava ensurdecido pela minha pulsação, que estrondava nos meus ouvidos.

Rolei da cama, peguei o cofre, saquei a .380 e deixei uma bala engatilhada. Agachei-me ao lado da porta de metal, com ambas as mãos na arma, concentrado em conter a respiração, obtendo um ritmo lento e profundo. Alinhe a mira anterior com a posterior, enquadrando a anterior com duas barras paralelas de luz. Expire e aperte o gatilho, como se fechasse o punho. Não puxe.

Esperei pela batida à porta. Ouvia vozes distantes lá fora, baixas, oficiais, e me arrastei até a janela para espiar pela borda.

Dois carros da polícia estavam estacionados em frente ao quarto número dois. Havia outra viatura na rua, bloqueando a entrada de veículos, todos produzindo um carnaval paranoico com suas luzes.

Havia também uma ambulância.

Nancy estava lá fora vestindo um roupão comprido, braços cruzados. Lance pousou uma das mãos sobre o seu ombro e ambos ficaram observando sob as sombras roxas ao redor do quarto dele. Mais adiante, a porta do quarto número dois estava aberta. Ali se situava toda a comoção.

Dois delegados escoltaram o pai para fora do quarto. Seus olhos estavam sombrios e ele não usava camisa, tinha as mãos algemadas às costas, a barriga imensa caía sobre a calça jeans. Parecia desanimado, derrotado e assustado.

Logo depois, dois paramédicos empurraram uma maca para fora do quarto, com alguma coisa em cima coberta por um lençol. Um dos braços pendeu para fora, e a mão era como uma pequena garra ao fim de um

volumoso jarrete. A pele brilhava em tons de azul e vermelho em meio à noite.

Vi as crianças assistindo a tudo do banco traseiro de uma viatura, e a grade divisória entre os assentos quadriculava seus rostos com sombras. Fechei a cortina e me afastei da janela.

Eu não conseguia dormir e fiquei trocando de canal na TV durante quase uma hora, mas não era capaz de me concentrar em nada que acontecia na tela. As luzes das viaturas policiais se foram. Saí para verificar se Nancy ou Lance ainda estavam por ali, para ver se conseguia descobrir o que acontecera no quarto número dois.

A única pessoa do lado de fora era o rapaz ruivo, Tray Matador, de pé ao lado da porta do seu quarto, fumando um cigarro e bebendo uma garrafa de Lone Star. Ele ergueu a cerveja, balançou-a e inclinou a cabeça.

Eu não iria conseguir dormir, era óbvio, e a perspectiva de uma bebida gelada me fez atravessar o estacionamento.

— Ela estava assim já havia algum tempo — disse ele, apontando com a cabeça para o quarto número dois, onde uma fita amarela da polícia bloqueava a porta.

Ele entrou um instante e voltou com outra cerveja, entregando-a para mim.

— O que o cara fez? — perguntei.

A cerveja não estava gelada o suficiente, mas mesmo assim era reconfortante.

Ele deu de ombros.

— Levou algum tempo, mas uma das crianças finalmente disse algo para Nancy. — Ele deu um trago no cigarro com uma atitude um tanto lacônica, um maneirismo que ensaiara, mas que ainda não dominava completamente.

— Os policiais levaram as crianças. Levaram o cara também. Disseram para Nancy que a mulher tinha hematomas na barriga.

O que me lembrei do homem naquele momento foi quão desamparado ele parecia, e como era evidente que o desamparo o tornara cruel.

— Aquelas meninas são suas sobrinhas? — A voz do garoto tinha um sotaque extravagante, um texano ensaiado.

— São.

— Vocês estão de férias, certo? Andei conversando com a mais velha. Ela disse que você as trouxe para a praia. Disse que o pai delas morreu.

Assenti. Uma brisa quente agitou a fita amarela do outro lado da porta, folhas de palmeira farfalharam.

— Sinto muito. — Ele jogou a ponta de cigarro no estacionamento e passou os dedos pelo cabelo. — Também estou de férias. Dando um tempo.

Deixei essa passar e tomei um gole da Lone Star.

— O que veio fazer aqui, se não se importa de eu perguntar?

Lancei um olhar firme para ele e revirei os olhos com aquela pergunta.

— Ah. Sem problemas, cara.

Ele coçou o pescoço e a pele estava irritada, sombreada em tons de cinza e com um aspecto granulado sob a luz pálida que zumbia mais acima. Ele não ia muito à praia. O longo cabelo ruivo era feminino em sua delicada compleição, e as feições do rapaz refletiam privação, ângulos de carência. Mas talvez aquela mendicância tenha despertado alguma simpatia em mim, porque me lembrei de como me esforcei para não parecer assustado com a idade dele.

— O motivo da minha pergunta é que eu estava imaginando se você não estaria procurando trabalho — disse ele. — Se não gostaria de ganhar algum dinheiro. Enquanto está, você sabe, de férias.

Olhei para ele pelo canto do olho, aquele rapaz magrelo, cinzento. Ele ergueu uma sobrancelha com um quê de audácia que me revelou algo. Mais do que tudo eu só queria outra cerveja.

— O que você tem em mente, Matador?

Em seu quarto com janelas cobertas de papel-alumínio, havia um saco de lixo transbordando de roupas e uma bolsa cheia de roupa suja que também parecia repleta de objetos pesados, cortantes. A bolsa tinha uma corda elástica para ser atada à moto. Não havia muito mais no quarto, com exceção de dois livros e alguns esboços sobre a mesa. *Alarmes eletrônicos modernos*, lia-se na capa de um. O outro tinha capa branca e era intitulado *777 e outros escritos cabalísticos*. Páginas amarelas de papel ofício com desenhos, textos manuscritos, diagramas e rabiscos estranhos.

— Cara, eu sabia que você era do ramo. Dava para ver. Sei reconhecer esse tipo de coisa.

Peguei outra cerveja e acendi um cigarro, observando o cara reunir seus papéis e os empilhar sobre os livros. Seus gestos eram meticulosos, caprichosos, alinhando a pilha de papéis em todos os lados, ajustando os ângulos dos livros à superfície da mesa. Ele parecia quase envergonhado por isso, como se não pudesse se conter. Seus óculos redondos com armação de metal acrescentavam algo àquele ar colegial, o tipo de intelectual que é viciado em drogas.

— Tudo bem. É o seguinte, cara. Sr. Robicheaux. A coisa. O que você acha que eu faço, cara? Quero dizer, como você acha que eu me viro?

Dei um trago no cigarro e deixei a fumaça subir pelo meu rosto enquanto olhava para ele.

— Não faço ideia.

— Tudo bem. É isso aqui, cara. É isso que eu faço. Sou um ladrão. E um ladrão bom para caralho.

Não respondi. Apenas estreitei os olhos em meio à fumaça que flutuava entre nós.

— Tudo bem, certo. Você está se perguntando: “E daí?” Eu sei. Está pensando: “Que bom para você.” Bem, o lance é que nunca mais vou passar uma parte da minha vida em uma jaula de novo. O lance é que não me envolvo em nada a menos que seja *garantido*, a menos que não haja nenhum risco e uma grande recompensa.

Ele pegou algumas folhas amarelas com desenhos de plantas de salas e mapas toscos. Um monte de bons ladrões era viciado. Quando conseguiam controlar seus hábitos, podiam se tornar profissionais eficientes, mas isso nunca durava muito. Ficavam funcionalmente limpos, faziam alguns trabalhos e, em algum momento, eram tão bem-sucedidos que exageravam na droga e acabavam sendo presos, reiniciando o ciclo quando saíam da prisão. Percebi que as membranas entre os dedos de Tray tinham alguns vergões, como picadas de inseto.

— Eu tive um parceiro, cara. Um bom sujeito. Firmeza. Ele era tipo, bem, ele era o que você mais ou menos chamaria de “músculo” da operação. Ele me ensinou as coisas. Fazia transporte, às vezes financiava trabalhos. Um profissional. E um cara muito legal.

Atrás dele, os papéis de alumínio nas janelas refletiam os nossos rostos, e quase perguntei por que ele os colocava ali.

— Ele morreu, mas éramos uma boa equipe. Ele já era. Uns sujeitos o desovaram num pântano em Alabama.

Eu o considerara um golpista meia-boca, mas, ao mencionar o amigo, a melancolia tomou conta dos olhos dele e pensei que o rapaz era solitário, e isso também me fez lembrar de como eu era. Ele ainda não tinha aprendido a lidar com aquilo. Fingia desprezar coisas com as quais realmente se importava.

— Só agora consegui bolar algo — disse ele. — Tenho perspectivas.

— Você rouba o quê? — perguntei.

Ele contorceu o rosto como se a pergunta fosse absurda.

— Produtos farmacêuticos, cara.

— Você rouba médicos.

Ele deu de ombros e manteve a expressão para enfatizar a obviedade.

— Escuta, cara. A questão é que, juro por Deus, posso repassar o produto bruto em cerca de dois, três dias. Grana alta. Estou falando em uns trinta mil dólares, cara. É para um sujeito que tem uma clínica na Broadway. Conheço uma faxineira que trabalha lá, cara.

Eu não disse nada, e ele interpretou isso como um incentivo.

— Posso passar tudo em Corpus e Houston. Três dias. Na verdade, trinta mil pode ser uma estimativa baixa. Esse cara... ele é tipo o médico de todo homem honesto que tem uma casa de veraneio por aqui. E das mulheres, das esposas deles. É o cara que lhes fornece medicamentos. Mantém uma farmácia de amostras de narcóticos no local. Estou falando de benzies, dexies, bifetamina. Anfetamina. Ecstasy. Você sabe o que é isso? Tenho este lugar na palma da mão, cara. A faxineira me passou a informação sobre o sistema de alarme. Tenho fotos polaroides. Não é nada, cara. Alarme de contato. Lido com eles com um pé nas costas. Não é nada de mais.

— Por que você precisa de mim?

— Tudo bem. Tudo bem. — Ele apagou o cigarro e acendeu outro, arrastou alguns papéis pela mesa e me mostrou um esquema tosco e a planta de uma sala. — Preciso que alguém arranje uma van, e preciso de um ajudante. Alguém para me ajudar a entrar e abrir a porta do lado de fora quando eu estiver dentro. Alguém para me ajudar no transporte. Minha intenção é ficar escondido ali dentro até o lugar fechar. Então, saio do meu esconderijo, desligo o alarme... Basta provocar um curto-circuito. Transportamos o material... e isso tem que ser rápido. Da porta dos fundos até a van. Um cara como você realmente ajudaria *transportando* as coisas.

Tenho os clientes, mas, você sabe, as pessoas interessadas nisso são mais ou menos a escória da terra. Não são confiáveis. Sabe? Wilson era ótimo para esse tipo de coisa. Um cara grande como você. Andava sempre armado. Ninguém tentaria passar a perna em Wilson. Mas todos pensavam que ele passaria a perna em mim. Então. Você sabe. Acho que esse tipo de coisa funciona muito melhor quando há um sujeito durão na outra ponta para o caso de as coisas darem errado. Um cara como você.

— O que o faz pensar que pode confiar em mim?

— Sei que já foi preso. Mas vi você com suas sobrinhas, cara. Como trata as meninas. Você é, essencialmente, um homem branco. E quer juntar algum dinheiro para o seu pessoal, imagino. Você tem esse jeito, mas também é durão. Não é um viciado. Dá para ver.

Tamborilei os dedos na mesa. Um vento quente soprava lá fora.

— Como você se meteu nessa, Tray?

Ele riu para si mesmo. Seus dentes minúsculos pareceram estremecer.

— Eu morava em uma casa comunitária em Houston. Fugi quando tinha quinze anos. Comecei a roubar. Me dei bem por um tempo. Dormia em qualquer lugar. Conhecia uns outros garotos. Um dia encontrei Wilson. Eu tinha dezessete anos. Achava que não chegaria aos vinte. Estava numa tal de Maison Blanche, roubando alguns relógios. Hoje, sei que estava dando muito mole, mas, naquela época, pensei que estava sendo discreto. Enfim, estou carregado com algumas centenas de dólares em mercadoria e passa aquele sujeito grandalhão, logo atrás de mim. Ele meio que cutuca minhas costas e diz: “Dispense o flagrante, garoto.” E continua andando. Fico apavorado. Então coloco o material nas prateleiras de roupas e, quando estou saindo, é claro, dois seguranças me param e me revistam. Mas estou limpo. Saio da loja e o grandalhão está lá fora, parado ao lado de um belo Eldorado, fumando. Ele estava me observando o tempo todo. Disse que os

seguranças da loja também. Então, esse era Wilson, certo? Ele era o profissional. Eu, o amador. Andei com ele por quase oito anos. Bons tempos. Ele me ensinou muito.

Ele pegou mais duas cervejas para nós.

— Mas, como eu disse, há esse tal de Willie-Son, no Alabama.

Ele balançou a cabeça e abriu a cerveja. Dava para ver claramente o órfão dentro dele. A privação.

Baixei minha garrafa e me inclinei para a frente.

— Olhe, garoto. Você me parece um bom profissional. Mas teve a impressão errada. Saí da ilegalidade já há algum tempo.

— Ah, fala sério, cara.

— É verdade. Preciso cuidar dessas meninas agora, e estamos aqui apenas pelo sol e pelas ondas. Então, seguiremos em frente. Não tenho interesse no que você está me dizendo.

O desânimo apagou o brilho dos olhos do rapaz e o fez ficar ligeiramente boquiaberto.

— Você só pode estar brincando comigo.

Balancei a cabeça, levantei-me, terminei a cerveja e deixei a garrafa na mesa ao lado dos livros.

— Mas lhe desejo toda a sorte nesse trabalho. Se cuida.

Eu me virei para a porta e ele disse:

— Você poderia cuidar muito melhor das garotas depois desse trabalho. Não precisa de quinze mil, cara?

Olhei por cima do ombro e respondi:

— Não no lugar para onde vou.

Agradei a cerveja e saí do quarto.

O vento que corria por entre as árvores produzia um som esparso e, por trás dele, havia um grande silêncio, e os pequenos sons eram como

bugigangas espalhadas através desse silêncio. Olhei ao longo das paredes para todas as portas de metal vermelho sob a luz que zumbia, para a fita amarela no número dois, para alguns carros e para a moto do rapaz. O ar livre parecia confinante.

Alguns dias mais tarde, um jornal me convenceu a finalmente abandonar as meninas. Rocky fora ao centro procurar emprego. Terceiro dia consecutivo. Eu a fizera ir de ônibus, porque queria que ela se acostumasse a andar sozinha pela cidade. Nancy fora ao supermercado e alugara alguns desenhos animados para Tiffany. Ela foi até o quarto das meninas e perguntou se Tiffany gostaria de assistir a *Cinderela* no videocassete do escritório. As duas irmãs idosas a esperavam lá, e vi Tiffany correndo logo atrás quando atravessaram o estacionamento. Elas vinham passando muito tempo com a menina. A pequena parecia brilhar ao redor dessas mulheres mais velhas que com certeza estavam encantadas com a presença dela.

Fiquei sentado no estacionamento, tomando sol. Criara o hábito de expor meu peito à luz do sol, como se isso pudesse limpar as minhas entranhas. Bebi Johnnie Walker em um copo de papel, lendo o *Houston Chronicle* e o *Times-Picayune*. Nenhuma notícia sobre a investigação dos federais nos portos. Nada sobre Stan Ptitko ou sobre a casa em Jefferson Heights.

Eu tinha começado a beber mais Johnnie Walker do que o habitual. Nem esperava mais dar meio-dia. Um gole ajudava a começar a manhã. Achei necessário despertar meu espírito dessa forma. E isso me ajudava a ficar parado enquanto tomava sol.

Ao fim da página de crimes do *Chronicle*, escondido no canto inferior direito, havia:

### **Homem recluso é encontrado baleado em casa.**

### **Esposa e filhas desaparecidas.**

Na última quinta-feira, o corpo de Gary Benoit, de Orange, Texas, foi encontrado em sua casa ao largo da Big Lake Road por dois

rapazes locais. O legista afirma que o Sr. Benoit levou um tiro na barriga, e que aparentemente um animal chegou primeiro à cena do crime. Os delegados alegam que demoraram vários dias para encontrarem o corpo porque o falecido não tinha vizinhos ou emprego. O escritório do xerife não liberou outras informações, mas a esposa do Sr. Benoit, Charmane, é procurada para dar depoimento, e estão em busca de qualquer informação sobre o paradeiro da filha pequena deles, Tiffany, e de sua enteada, Raquel, 18.

Meu coração despencou até o estômago como uma pedra. As lágrimas de Rocky assumiram um contexto totalmente novo. Lembrei-me da distância estampada no rosto dela quando foi até o meu quarto e me contou sobre a sua vida, o choque, a gagueira e os olhos arregalados e esquivos. A loucura de algumas pessoas é pior que a de outras.

É por isso que você cria regras, é por isso que se mantém móvel e pronto para andar. Amassei os jornais e joguei-os no latão de óleo que servia como lata de lixo em um nicho entre dois quartos. O pingo de bom senso que ainda me restava gritava para que eu desse o fora, abandonasse aquela situação.

Foi o que fiz.

Enfiei minhas coisas na mochila de lona, peguei o cofre e a garrafa de Johnnie Walker. Vasculhei o motel da janela e, quando o caminho estava livre, joguei minhas coisas na caminhonete e saí do estacionamento, certificando-me de não olhar no espelho retrovisor até Emerald Shores estar fora de vista.

Meu pulso latejava como se eu estivesse fugindo da cadeia, e, junto a isso, ainda tinha aquela decepção incoerente que azedava minhas entranhas.

Havia algo nela que despertara a minha imaginação, admiti, algum tipo de esperança idiota no lugar errado. Uma cura.

Aquilo tinha acabado.

Não importava, disse a mim mesmo. Agora somos só eu e o Texas. Eu e o câncer.

Vários quarteirões adiante, entrei em um beco, limpei a arma e o silenciador que ela roubara, esmaguei-os e joguei as partes em diferentes caçambas de lixo.

Quando cheguei à rodovia, dirigi para o norte na autoestrada 45 fingindo não saber por quê.

Na altura da cidade de Teague, eu estava consideravelmente atordoado, e minha relação pensamento-ação, tão acelerada que eu estava ligando antes que pudesse me deter. Fazia anos que eu não ia a Dallas, mas havia algum tempo pagara para que um investigador conhecido descobrisse onde ela estava. Guardei a informação no meu cofre. Na verdade, não sei por que fiz aquilo. Quando cheguei a Dallas, consultei uma lista telefônica e confirmei o endereço. O nome do marido dela. Naquela época, todo mundo constava da lista.

— Estava só passando por aqui, na verdade. Pensei em ligar... Encontrei alguém por acaso. Clyde, em Beaumont. Ele me disse que você morava aqui. Que está casada... o que é ótimo. Eu estava só de passagem. Você está na lista telefônica... É. *Surpresa...* Não, não faço mais isso... Trabalho principalmente como soldador. Em alguns sindicatos. Fica em Galveston, em uma plataforma. Estou voltando para lá. Lembrei que você morava aqui. Tinha um tempo para matar... Escute, que tal almoçarmos? Não, não... apenas para dizer oi... Não. Eu não faço mais isso.

\* \* \*

Um bairro na área de Brentwood, petroleiros e subcelebridades, CEOs, políticos semiaposentados, esposas jogando tênis. Um ex-campeão peso pesado morou em algum lugar por ali. Mansões com ameias pairavam sobre arbustos precisamente esculpidos e cercas de ferro forjado, extensos tapetes de grama verde-clara com um centímetro de altura, longe da estrada, acessos de veículo sinuosos com calçamento de pedra e seus próprios nomes de rua, além de fontes de granito. Carros de segurança particular patrulhavam as alamedas sob os carvalhos que mosqueavam as calçadas com raios de sol.

Os carros de segurança eram pretos com sirenes azuis em cima, e desaceleraram quando passei com a minha caminhonete.

Encontrei o endereço e estacionei embaixo de um carvalho inclinado. Algumas crianças corriam entre sprinklers no alto de um dos quintais. Acho que elas deveriam estar na escola. Eu usava meu chapéu de palha de caubói e óculos escuros, e mesmo assim o ar estava tão ofuscante que precisei estreitar os olhos.

A casa de Loraine tinha tijolos vermelhos, telhas brancas, colunas emoldurando a porta. A garagem à direita era maior do que todas as casas em que morei em Metairie. Minha garrafa de Johnnie Walker estava vazia e eu não conseguia recuperar o fôlego.

“Você conseguiria morar aqui?”, pensei. “Será que alguma vez você soube o que fazer consigo mesmo?”

Eu a vi passar por uma janela da cozinha e minha garganta se estreitou.

De perto, o tijolo da casa tinha um tom avermelhado, quase cor-de-rosa, e a pintura das janelas era cuidadosamente descascada para dar a impressão de ser antiga. Havia heras nas paredes, tão bem-cuidadas quanto a barba de um professor. Minhas botas rangiam e se dobravam no caminho de seixos do acesso de veículos que circundava uma bacia para pássaros entalhada em pedra, grande o bastante para abrigar duas pessoas.

Uma porta pesada, profundamente manchada, com uma aldrava de bronze em forma de cabeça de águia. Bati com o punho. Nunca usei aldravas.

Coragem líquida, lógica de bêbado. Certa vez ouvi dizer que os botos podem cometer suicídio, mas não sei por que isso me veio à mente.

Som de saltos sobre azulejos. Fechaduras deslizando, um rangido. Loraine tinha um rosto amável, uma máscara cujo refinamento me fez sentir um tanto subumano naquele momento, um tanto rude.

Tirei os óculos escuros. Senti contrações sob os meus olhos enquanto observava a expressão dela desabar e esvaecer.

— Hum — disse ela. — Já imaginava.

Ela não tinha engordado, mas a pele do pescoço estava um tanto enrugada pelo sol, seu cabelo havia sido pintado da mesma cor das folhas de bordo em outubro e apresentava diferentes tonalidades. Uma calça escura marcava seu quadril e uma blusa branca escorria pelo seu corpo feito creme de leite. Ela usava um colar de pérolas e um anel grande, além da aliança de casamento com diamante. Ela passava as pérolas por entre os dedos enquanto estudava o meu rosto.

— Você está completamente diferente — disse ela.

— Oi, Loraine. Loraine. Oi.

Seus olhos baixaram até os meus lábios, em seguida, até minha barriga, e então voltaram-se para o meu rosto. Suas bochechas haviam caído um pouco, eu acho, e havia pequenas rugas em torno dos lábios. Desejei que as mulheres simplesmente ignorassem a vontade de ter cabelo curto quando chegam aos trinta.

— Roy. Bem. Meu Deus. — Ela olhou para trás como se alguém mais estivesse ali. — Eu lhe disse que estava ocupada.

— Só queria conversar um pouco. Vou embora quando você quiser.

— Eu disse que estava ocupada.

— Ficarei aqui fora.

— Bem. O que você quer?

— Conversar — murmurei. — Pôr os assuntos em dia.

Dei de ombros, como se fosse uma pergunta.

Ela me estudou com uma boca que parecia revelar algo entre irritação e divertimento, e a sensação de sua pele voltou a mim tão real quanto qualquer coisa, o calor sob meus dedos e o gosto das suas umidades, o estreitamento

da cintura e a maneira como se alargava na bunda, o rubor da pele dela quando estava exausta, como um mapa pintado de sangue. Suas unhas dos pés na banheira. Seu rosto era largo e se afunilava no queixo, e eu me lembrei desse rosto voltado para o teto com um grande sorriso, ofegante. Essas coisas assombravam os meus nervos como a contração de uma lesão antiga ou uma doença que o deixasse propenso a calafrios.

Ela verificou duas vezes o jardim, as janelas do vizinho, e achei que fosse capaz de sentir o cheiro da sua nuca, um aroma cítrico e limpo.

Dava para ver que ela estava pensando na maneira mais fácil de se livrar de mim. Mas eu tinha algumas coisas a dizer. Estava um tanto bêbado e tinha coisas a dizer.

Ela deu uma risada sombria.

— Meu Deus. Entre, então. Não quero você em pé na minha varanda, seu capanga. — Ela abriu a porta e suspirou. — Mas é só por um minuto.

Lá dentro, um longo corredor se estendia sob um teto alto, um piso de madeira tão polido que pude ver meu reflexo ao longo de todo o caminho, como se fosse água. Detalhes em vermelho e dourado se destacavam. Eu caminhava atrás dela e uma tensão se desenrolava dentro de mim enquanto os meus olhos absorviam a forma de sua bunda, meu estômago se contorcendo ao me lembrar de possuí-la por trás, com o polegar enfiado naquele burquinho, do jeito que ela gostava. Mas era mais do que a memória na minha mente. Era como se o meu corpo também se lembrasse, a ponto de quase sentir outra vez o aperto escorregadio dela. E eu quase podia senti-la na minha boca. Levei o polegar ao nariz, meio que esperando que o cheiro dela estivesse ali.

Havia um espelho com uma moldura dourada pendurado acima de um console de madeira boa, mesinhas com jarros ou vasos aqui e ali, flores vermelhas. O corredor levava a uma sala abobadada com um pequeno

candelabro pendurado ao centro, e, à esquerda, uma escada serpeava acima do cômodo. Volumosos sofás de cores arenosas e terrosas, um par de cadeiras de couro cor de chocolate. Tais coisas me deixaram constrangido. Quando Loraine se voltou para mim, sua expressão me desconcertou.

Senti-me um idiota, porque percebi as suaves pastilhas de luz branca que atravessavam as janelas altas, as quais eram voltadas para um jardim e uma piscina suntuosa. Havia um mobiliário de ferro no jardim, e entendi o que ela sempre esteve a caminho de ser. E quão pouco eu fizera parte daquilo.

— Vejo que mudou de ideia em relação a casamento.

— Bem, se você encontra o homem certo...

Seu sorriso tinha algo de cortante, e ela cruzou os braços no limiar da sala de estar.

— Devo dizer que não entendo o que você está fazendo aqui.

Olhei para os sapatos dela.

— Eu estava só de passagem. Andei... quero dizer, eu só estava curioso para saber como você está.

— Como eu estou? Como tenho estado, o que, nos últimos onze anos?

Ela se sentou em uma das cadeiras de couro, cruzou as pernas e voltou a esfregar as pérolas entre os dedos. Depois inclinou a cabeça, parecendo se divertir um pouco com aquela situação.

— Claro. Como foram os últimos onze anos?

— Deixe-me ver. Absolutamente maravilhosos. Pronto.

— Você me parece bem.

— Quando raspou a cabeça?

— Há pouco.

— Sabe, você não é tão bonito quanto eu pensava.

— Ouço muito isso, na verdade.

— Meio que envelheceu mal.

— Espere até acontecer com você.

— Você está bêbado?

— Hum. Não.

O calor enrubesceu o meu rosto. Ela não acreditou em mim. Comecei a pensar que poderia falar sobre os meus pulmões, ganhar alguma compaixão. Então seria capaz de dizer o que viera dizer.

— Roy, você realmente não pode ficar aqui. Estou muito ocupada.

Meus dedos roçaram o tampo de mármore de uma mesa de canto. Um pedaço selvagem de mim pensou em possuí-la ali mesmo, no sofá. Eu perguntaria primeiro, é claro. Mas, de um modo ou de outro, eu o faria.

— Não vou ficar — falei. — Estou indo embora.

— Bem...

— Você... — Parei, ergui uma escultura de palhaços de porcelana e em seguida baixei-a de volta. — Você se lembra de quando passamos uma semana em Galveston? Foi em 1976, acho.

Ela revirou os olhos, demonstrando cansaço, e parecia um tanto entediada. Lembrei-me do rosto de Nancy quando Lance tentou fazê-la se lembrar dos momentos bons do passado.

— Andei pensando nisso. Na praia. Foi uma boa semana. Você me falou sobre a sua irmã e o seu pai.

— Ai, meu Deus. Você ficou sentimental, Roy. Agora é um daqueles sujeitos nostálgicos de meia-idade. — Ela balançou a cabeça em sinal de piedade. — Preferia que você tivesse continuado a fazer o tipo forte, quieto. Prefiro me lembrar de você assim.

— Eu só andei pensando.

— Bem. O que você imaginou que eu fosse dizer?

Dei de ombros. Eu podia ouvir o tique-taque de um relógio de pêndulo no canto, que ecoava no alto salão. Havia algumas fotos sobre um centro de

entretenimento. O marido dela tinha um rosto largo, cabelo ralo, um tipo amistoso e mimado, como um terrier.

— Você tem filhos?

Ela voltou a dedilhar as pérolas.

— Do que você sente tanta saudade, afinal? Não terminou bem, Roy.

— Nada termina.

Mas eu queria responder àquela pergunta dizendo-lhe como o amanhecer entrou pelas nossas janelas naquele lugar em Galveston, como a luz azul e branca caiu sobre ela na cama, dormindo de bruços, sem camisa, os lençóis no chão, os cheiros de camarão e sal na brisa fresca do Golfo que entrava pela janela, o gosto forte e doce daqueles *mojitos* que foram praticamente o nosso único alimento durante a semana inteira, quão *importante* aquilo parecera. Como era tudo intensamente real para mim agora, como se eu pudesse quase provar, cheirar e sentir o relevo da coluna dela sob os meus dedos.

Mas eu não daria aquela resposta. Sabia que era idiota e um tanto patético o fato de eu nunca ter conseguido lembranças melhores.

Dei alguns passos para examinar as fotografias em cima da enorme TV. Ela e o marido posando em uma montanha branca, sorridentes, usando equipamentos de esqui. Ambos brindando com copos de bebida em alguma praia muito mais azul e mais vívida do que o Golfo.

— Ele já ouviu falar de mim?

— Não muito. Mas sim. Ele sabe tudo sobre mim, Roy.

— Eu estava me lembrando de um dia. Estávamos bêbados de *mojitos* antes do meio-dia. Comemos caranguejos. Não conseguíamos nos livrar do cheiro. Ríamos de nós mesmos, cobertos de suco de caranguejo. Bêbados. Então tomamos uma ducha.

— Tudo bem, Texas. Segure a onda aí.

— Mais tarde choveu, e passamos os dois dias seguintes em casa. Assistimos à TV a cabo. Todas aquelas trepadas insaciáveis.

— Sim, sim. Sou muito gostosa mesmo. Obrigada, Roy.

Sentei-me na outra cadeira, diante dela. O couro rangia se eu me movesse um centímetro.

— Não posso ficar aqui o dia inteiro — disse ela.

Eu não conseguia organizar o que queria dizer.

— É só que... estou indo embora. Deixando o país. E isso me fez pensar. Houve um tempo... ou como se hoje eu estivesse *sentindo falta* de alguma coisa. Eu não *sabia*.

Nesse momento, fiquei dolorosamente consciente de como estava bêbado. Seu rosto relaxara num tipo de condolência angustiada, e isso me fez sentir pequeno.

— Eu queria voltar a me lembrar das coisas.

— Mas se lembrar do quê? De ficar chapada? De ver você metendo a porrada em um pobre cara imprudente que disse *oi* para mim? De ter bebido tanto a ponto de vomitar sangue? É isso que você está me dizendo. É disso que estou me lembrando.

— Nós tivemos... eu *acredito* que tivemos bons momentos.

— Ah. Ah, Roy...

Ela levou a mão à boca e balançou a cabeça com firmeza.

— Fiquei *feliz* quando você foi preso, Roy.

— Minha vida acabou — falei.

Ela começou a olhar ao redor da sala, como se estivesse envergonhada por mim.

— Eu lhe falei sobre Port Arthur. Sobre os negros no ensino médio. Eu lhe falei sobre *mim*.

Ela suspirou, exasperada.

— Como foi mesmo que você me encontrou?

— Clyde. Em Beaumont. Ele disse que você estava aqui.

— Como ele sabia?

Dei de ombros.

— Meu Deus. Todos os meus pecados voltaram — disse ela.

O tique-taque do relógio soava como uma mulher andando em um ritmo muito lento e inexorável sobre um chão de mármore com sapatos de salto alto.

— Eu tenho uma reunião. Da Junior League, Roy.

— Quando ficamos nas dunas naquela noite.

— Ah, pare com isso. Sério.

— Como rimos! Não consigo me lembrar. Você se lembra do que era tão engraçado?

— Contenha-se, caubói. Sério. Tenha um pouco de dignidade.

— Certa vez, decidi trabalhar como soldador. Você deve se lembrar. Eu ia deixar o clube, aqueles caras. Lembro-me de querer ter feito isso. Você não queria. Gostava do que eu fazia.

— E daí? Eu era jovem.

— Todas aquelas *trepadas*.

— Me poupe.

— Ei. Foi *você* quem...

— O passado não é real, Roy.

Parei, pensando no que ela dissera.

— Ouça — falou. — O passado não é real.

A frase me atingiu como uma picareta.

— Você se lembra do que quer se lembrar — disse ela. — Eu me lembro de você ter voltado para casa com a camisa ensanguentada. Pedindo para que eu escondesse uma arma. Você ficava sóbrio por uma semana e

começava a falar em mudar. Então, voltava a beber e ficava embriagado por três semanas seguidas. Agiu de tal forma que eu não podia ficar perto de você sem estar de porre. As coisas que me falou. Você me deu uns empurrões. Lembra-se disso? Lembra-se das brigas? Você sentia ciúmes de tudo, Roy. Tinha muitos ressentimentos. Ficava triste por outras pessoas serem felizes. Lembro-me de ter pensado: *Este é o homem mais apavorado que já vi*. E daí? Conheci homens piores. Mas fiquei um tanto aliviada. Quando você foi preso.

— Então, do que você gostava em mim?

Ela bateu a unha no queixo.

— Não lembro muito bem. Provavelmente, algum tipo de poder. Mas — ela suspirou — do tipo que não o leva muito longe.

— Esse era o único tipo de poder que eu tinha.

Ela apoiou a cabeça na mão e a cobriu pela metade.

— Não sei no que você transformou tudo isso na sua mente. Eu era uma garota idiota. Só isso. Cometi erros. Um cara durão. Ah, *isso* é excitante. Eu era uma idiota. Uma menina. Amo meu marido. Ele é um homem bom. Amo minha vida com ele.

Sua expressão mal-humorada também demonstrava perplexidade, não mais divertimento, e isso enrijeceu toda a sua beleza. Em seguida, ela olhou para a janela e o dia lá fora reformulou seu rosto, dando-lhe mais suavidade. Senti que as sensações que tinham me cercado escapavam. Tentei retê-las, lembrando-me de nós dois sentados de pernas cruzadas na cama, jogando baralho nus, mas não deu certo, e eu queria encontrar uma maneira de falar com ela sobre o tempo, sobre como o movimento nos confunde e desgasta, evitando que as coisas durem.

— O que ele faz? — perguntei. — O seu marido.

— Já chega. Quero que você saia da minha casa.

Eu me levantei e fui até ela.

Ela ergueu o olhar com uma expressão muito cansada e entediada e brandiu um tipo de dispositivo que abria portões de garagem.

— Você está vendo isso, Roy? Este aparelho envia um alarme para aqueles rapazes da Halliburton que estão rodando de carro por aí.

Dei de ombros.

— Meu Deus. Eu só ia me despedir.

— Claro que ia.

Ela me seguiu até a porta da entrada, mantendo-se alguns passos atrás de mim. Abri a porta e saí, martelado pela luz. Na varanda, voltei-me para ela.

— Estou morrendo — falei.

— E não estamos todos?

A porta se fechou.

\* \* \*

Na caminhonete, uma tosse seca tomou conta de mim e não diminuía. Vomitei quando liguei o motor, deixando cair um fino fio de bile no assento. A caminho da interestadual, passei por dois carros de patrulha. Eu sabia que o passado não era real. Era só uma ideia, e o que eu queria tocar, o que eu queria roçar, o sentimento que eu não sabia definir — simplesmente não existia. Também era só uma ideia.

Acho que é preciso ter muito cuidado com o uso que você faz das suas memórias.

O negócio é que, embora tenha admitido isso para mim mesmo, tudo o que já acontecera comigo ainda parecia importante, até mesmo mais importante. Foi isso que você conseguiu com a sua vida.

Parei no acostamento na entrada do trevo de acesso da autoestrada e, acima de mim, o concreto se arqueava e se emaranhava, os carros eram barulhentos, o vento chicoteava, um ruído branco era engrossado pelos escapamentos gordurosos e pelos vapores de gasolina.

Pensei em conseguir um quarto e encher a cara de uísque. Eu poderia beber e fumar para sempre num quarto de motel.

Senti um gosto forte de ferro no vento, e isso imediatamente me fez pensar em Matilda, a velha negra que cozinhava na casa comunitária. Matilda parecia uma aranha, tinha pele marrom-escura, movimentos alongados, o rosto lembrava uma noz. Ela gostava de ficar ao sol e não revelava nada sobre os seus pensamentos. Matilda mascava tabaco aromatizado com licor curado por ela mesma, fazia chouriços com baldes de sangue escuro que os caçadores lhe traziam por caridade. Os homens e seus filhos apareciam com baldes do sangue que haviam drenado de suas presas, e eu observava aqueles homens e pensava nos meninos com seus pais na madrugada escura, as gotas de orvalho na grama, espreitando em silêncio, seguindo logo atrás dos pais. Nós comíamos um bocado de chouriço, e o gosto de limalha de ferro misturado com fubá estava fortemente presente na minha boca naquele momento. Lembrava-me de ter sentido o mesmo cheiro e sabor quando deixei o posto de recrutamento e peguei o ônibus para Beaumont, lembrava-me de o gosto ainda estar na minha boca quando encontrei o Robicheaux's-on-the-Bayou e perguntei por Harper Robicheaux.

Sondei a boca com a língua, observei os carros pegarem a autoestrada, e aquele gosto de caça suscitou profundas lembranças do sol batendo na minha pele, camadas e mais camadas de vegetação exuberante, os suaves chilreios que faziam parte do silêncio, o silêncio nos campos de algodão, os

espinhos cortando as mãos, longos dias curvado e colhendo, cego com o suor encardido.

A risada de Tiffany ecoou na minha mente, os sons que ela fazia quando eu a jogava nas ondas. E o rosto de Rocky, angustiado, lembrava uma tenda mal cravada em um vendaval violento.

Uma libélula circundava a minha cabeça, como se tivesse algo a me dizer, e o ar da noite quente era como respirar cinzas. Ao longe, podia ouvir os carros passando *rush-rush-rush*, como a pesada pulsação de algum animal enorme que me engolira.

Amarillo era formada por um posto de gasolina, armazéns, boates de striptease de terceira que ficava entre motéis, onde batiam ventos constantes. Você podia dirigir sem parar e, ainda assim, haveria apenas as planícies, as torres de água e as pequenas torres de perfuração subindo e descendo como gangorras. Observei caminhoneiros e putas andarem em meio à garoa, movendo-se entre a lavanderia e a estação de serviço onde as grandes carretas se alinhavam em filas sob lâmpadas de halogênio. Uma mulher com cabelo muito comprido desceu de um caminhão e entrou em outro bem ao lado. A garota no meu quarto tinha o rosto pesaroso e desconsolado enquanto eu me detinha à janela. Ela estava na cama, e eu podia ver seu reflexo no vidro.

— O que há de errado, senhor? Diga-me o que fazer. Diga-me o que quer.

Seu rosto pálido e o cabelo muito negro flutuaram no vidro. Eu estava nu junto às cortinas, observando o estacionamento. Bebi um gole de Johnnie Walker.

Ao não obter resposta, ela disse:

— Você só está bêbado, meu bem.

Eu não planejava conhecê-la, mas a noite me levou a Amarillo depois de um dia dirigindo na direção errada. Um posto de fronteira com luzes brilhantes, uma parada de caminhões mais parecida com um pequeno povoado, e havia uma lavanderia e um bar lado a lado. À frente, através do gigantesco estacionamento, estendia-se um pequeno motel com quartos de solteiro.

Entrei primeiro no bar, mas os enfeites ao redor do estande de garrafas me pareceram muito berrantes, e o olho oblíquo da garçonete emergiu das sombras como um peixe tamboril materializando-se da parte mais escura do

oceano. A estática dominava o som da TV, e as vozes que saíam do aparelho soavam como jornais sendo esmagados. O barman boquiaberto se voltou para me olhar com uma maléfica luz azul cintilando no rosto, o que não pareceu intencional. Não havia ninguém bebendo no bar.

Saí em meio a uma garoa constante. Homens com bonés ajustáveis se arrastavam para cima e para baixo com suas barrigas enormes. Passei pela lavanderia e vi a garota. Ela era jovem, difícil definir a idade, mas me olhava através do vidro e me seguiu com os olhos. Ela se debruçou em uma máquina de lavar com os braços cruzados e o pescoço esticado, observando-me com a postura de um louva-a-deus. A chuva fina escorria pela janela, e tive a sensação de que um grande tribunal apontava para mim.

Nos fundos da estação de serviço havia uma loja de donuts, com cabines e algumas mesas, e alguns homens se reuniam nesse lugar. Homens grandes em forma de pinhas, com calças frouxas pendendo das cinturas sem bundas, macacões, calças jeans. Óculos aviador à noite. Olharam para mim quando entrei. Ninguém ria. Conversavam séria e calmamente e faziam pequenos gestos com os cigarros para reforçar os argumentos. Alguns se apegavam aos próprios cafés e cigarros e outros dividiam uma garrafa de bourbon. Aqueles que não estavam compartilhando a bebida enfiavam as patas em uma caixa de donuts.

Fiquei em um dos corredores por algum tempo, com batatas fritas e carne seca à minha esquerda e fileiras de doses única de remédio à direita. As luzes fortes eram como o luar, só que mais brilhantes. Reparei que os homens na loja de donuts continuavam olhando para mim. A mulher atrás do balcão não foi com a minha cara. Então, a garota apareceu lá fora, do outro lado da janela, e seus olhos me queimaram através da água que escorria pelo vidro. Ela não me deixaria ir embora, me pediria dinheiro. É assim que funciona. Só precisam fazer contato visual.

Mas olhei para os homens na loja de donuts e para a mulher gorda me encarando com cara feia por trás do balcão e senti o ar pesado e úmido do bar soprar sobre mim outra vez, e, quando saí, ela estava me esperando. Fiquei ao seu lado por algum tempo, e olhamos um para o outro.

— Topa um programa? — perguntou.

Quis saber se ela tinha um quarto e ela disse que não.

— Você tem um chefe?

Ela balançou a cabeça e cruzou os braços com mais força. A chuva estava cessando e ela esticou o pescoço.

— Sou só eu — disse ela. — O que acha?

Ela fugira de casa. Não devia estar fazendo aquilo há muito tempo, considerando os cafetões, psicopatas e policiais. Peguei minha bebida, tomei um gole e passei para ela. Vimos homens andando em meio às bombas e, ocasionalmente, uma ou outra mulher descia de uma das carretas estacionadas. Muitas vezes elas fogem e não entendem onde estão. Então, voltam correndo para casa se conseguirem. Mas é tarde demais.

Olhei-a novamente e me perguntei por que o pescoço dela se curvava assim. Tinha um rosto magro e seus olhos eram um pouco próximos demais e muito grandes, como os de um inseto. Havia um toque de desnutrição em sua pele. Mas tinha ombros fortes e um corpo bonito em uma saia jeans com meia-calça vermelha, uma regata preta, uma pochete grande e mole amarrada ao quadril, como uma criança. Ela afastou da testa o cabelo molhado e totalmente preto.

— Vamos lá — disse ela.

— Tudo bem — falei. — Siga-me.

Acontece que eu não a desejava nem um pouco. Só não queria ficar sozinho. Tentei conversar, tentei falar sobre as coisas. Mas ela era safada demais, nem mesmo falava, só ficava tentando tirar a minha calça. Ela

também era mais jovem do que eu pensara. Depois de algum tempo, quando eu já estava de saco cheio e ela, envergonhada, voltei para a minha bebida e fiquei nu junto à janela. Tinha voltado a chover.

— Só me fala o que você quer — disse ela.

— Há quanto tempo está fazendo isso?

Não tinha certeza de onde viera aquela pergunta. Eu não a teria feito uma semana atrás.

Eu a vi se espreguiçar na cama e, no vidro, sua brancura curvilínea assemelhava-se a fumaça.

— Há alguns dias. Antes eu estava dormindo em pé.

— As meninas daqui são perigosas. Elas vão machucar você. Os homens também.

Ela dobrou as cobertas sobre si.

— Não vou ficar por aqui. Estou indo para o oeste.

O reflexo do meu rosto com a noite negra ao fundo misturou-se ao dela e se sobrepôs às coisas além da janela.

— Você pode encontrar a mesma coisa no oeste — falei.

— Não faço caridade — disse ela. — Ganho o meu dinheiro. Volte aqui e me diga o que você quer.

Quando não me movi nem respondi, ela rolou e se enroscou, puxando as cobertas com força. Não havia nada nela que me fizesse lembrar de Loraine ou de Carmen, ela era apenas uma criança assustada com o lugar para onde tinha fugido. A chuva batendo delicadamente no telhado e escorrendo pela janela fez com que eu me sentisse malvado, e eu sabia que aquela garota não iria muito longe. Dava para ver a vida dela desandar. Eu me vesti, comecei a sair e ela rosou para mim, sem se virar.

— Ao menos me *pague*.

Deixei algumas notas sobre o ar-condicionado e andei até a caminhonete. Fui embora dali, deixando o quarto para ela, caso quisesse.

Você nasce e, quarenta anos mais tarde, sai mancando de um bar, assustado com as próprias dores. Ninguém o conhece. Você dirige por estradas escuras e inventa um destino porque mover-se é fundamental. Então segue em direção à última coisa que tem a perder, sem nenhuma ideia real do que fará com aquilo.

**QUATRO**



Veios de areia serpeiam pela rua descrevendo os movimentos de uma cascavel. Sage se senta, ereta e alerta, enquanto esperamos o tráfego passar. Então, atravessamos o estacionamento de uma creche e seguimos a Pabst Road até o Knight's Arms. Cecil aluga quartos ali com taxas semanais, e um dos consolos de estar naquele lugar é a certeza de que você não ficará ali por muito tempo.

Vivi cinco anos ali, em uma quitinete com um pequeno sofá que se desdobra em uma cama de casal. Minha TV pifou há alguns meses, e os livros se acumulam uns por cima dos outros ao longo da maioria das paredes, empilhados de lado, como tijolos, do modo como aprendi a guardar os meus livros na prisão, para não precisar de prateleiras.

Jogo o saco na pia e dou comida para Sage. Quando termina de comer, ela se enrosca no seu travesseiro ao lado do sofá. Ainda estou pensando no homem do Jaguar, se ele está sozinho ou se trouxe amigos. Desligo a calefação, as luzes e, por volta das 9h30, estou no escritório da administração.

Cecil está lendo algo na seção Vida do *USA Today*. Ele está morando no escritório desde o divórcio, mas agora sua ex-mulher se mudou para Austin e a casa está livre. Só que agora ele está pensando em alugar a casa e continuar morando no escritório até conhecer outra garota. Eu deveria pintar essa casa hoje.

Ele é mais de vinte anos mais jovem do que eu, e a borda de uma tatuagem preta na nuca despona para fora de seu colarinho. Ele ganhou algum dinheiro no estado de Washington no fim dos anos 1990 e se mudou para cá com a sua namorada por causa do clima. A garota se tornou sua esposa e então o largou por um DJ, em Austin. Agora ele diz que deveriam ter ido para a Flórida.

Quando me contratou, apesar do meu passado de presidiário, ele disse:

— Para falar a verdade, eu achava que não iria encontrar um cara que falasse inglês.

Ele queria alguém que morasse no emprego, de modo que o cargo incluía a quitinete, mesmo ele morando ali e não precisando tanto de mim quanto antes. Ele também deixa que eu fique com Sage quando a política do motel é não permitir animais de estimação. Então acho que ele é um cara decente.

Ele morde o interior da bochecha afundada e pergunta:

— Você viu o que está acontecendo com o furacão?

— Como em todo mês de setembro. Nunca se sabe o que vão fazer.

— É, acho que sim. Estão falando em estado de emergência agora. Talvez haja uma evacuação obrigatória em um ou dois dias.

— Certo. Aí, quando todo mundo for embora, ele se transforma em uma tempestade ao largo de Padre Island.

— Isso ainda me apavora. Desde Nova Orleans.

— Escute. — Eu me inclino sobre o balcão. — Aquele bilhete que você deixou na minha porta...

— Sim. O cara encontrou você?

— Não. Fale-me sobre ele.

— Tinha um aspecto mais ou menos oficial. Usava terno, um tipo profissional. Grosseiro. Perguntou se você estava por aí. Disse o seu nome. Quis saber se Roy Cady trabalhava aqui.

O metal no meu crânio lateja e todos os pensamentos desconexos da manhã se reúnem em um som de sirene que cresce na minha mente.

— Eu estava no Seahorse. Saí mais cedo.

— Imaginei que fosse algo assim. Mas não disse nada. Eu não sabia. O cara também não quis deixar recado. Não gostei disso.

Ele me entrega as chaves da casa.

— Há um buraco na parede do corredor que você poderia consertar para mim se estiver a fim — diz ele.

Seu cabelo castanho está muito ralo para ele continuar a usá-lo espetado daquele jeito e as bolsas sob os seus olhos o fazem parecer mais velho do que realmente é.

— A tinta está toda na caminhonete. Também comprei alguma massa corrida se quiser consertar o buraco. Seria legal.

— Com certeza.

— Fiquei pensando naquele cara — diz ele, fechando o jornal. — Havia algo estranho nele. Seria um cobrador, talvez? Advogados contratam sujeitos assim. Por isso, eu não disse para ele onde você poderia estar.

— Não devo dinheiro a ninguém.

— Ei, que bom para você.

Ele liga a TV atrás do balcão.

Mas na verdade devo coisas para algumas pessoas.

— Como ele é? — pergunto.

— Já disse. Um sujeito grosseiro. Cabelo penteado para trás. Parecia ser durão. Você quer que eu diga algo caso ele volte?

— Ele disse que voltaria?

— Quando perguntei se queria deixar um recado, o sujeito falou que tentaria voltar. Não gostei disso. De toda a atitude do cara.

— Não diga nada para ele.

Cecil está assistindo à previsão do tempo na TV e coça o queixo curto. Pego as chaves, viro-me para sair, mas paro.

— Diga a ele que não estou aqui. Mesmo que eu esteja. Apenas me fale se ele voltar. Tente descobrir o nome dele.

— É alguém que você conhece?

— Não faço ideia de quem possa ser.

— Tudo bem. Lembre-se do buraco no corredor, certo?

Eu o deixo e ando até o armazém. Tiro dali duas grandes lonas plásticas, rolos, misturadores de tinta, e os levo para a caminhonete de Cecil. Ele me emprestou o veículo para eu pintar a casa. Penso em cobradores e caçadores de fugitivos, o sujeito do Jaguar falando num celular, dizendo aos seus chefes que me encontrou, e me pergunto novamente se vão mandar mais alguém.

Antes de sair ligo a mangueira no pátio. Tem um dispositivo de spray na extremidade, que se assemelhava a uma arma, e, ao vê-lo na minha mão, uma onda de medo percorre a minha espinha.

Ambas as mãos estão tremendo.

Eu me inclino atrás do galpão e fumo meio baseado, na esperança de que isso me acalme e não atice minha paranoia. Acaba fazendo as duas coisas: me certificando da minha desgraça, que será dolorosa e humilhante, mas também me dando uma espécie de perspectiva zen sobre a inevitabilidade do sofrimento.

Talvez eu devesse comprar uma arma.

No andar de cima, reviro meu armário até encontrar a faca de caça Remington que ganhei em um jogo de cartas há alguns anos, uma lâmina de dezoito centímetros com uma base serrilhada. Corro meu polegar ao longo do gume. A lâmina está um pouco cega. Pego a pedra de afiar da bainha e afio a faca até extrair sangue do meu polegar sem fazer muita pressão. Guardo a faca num dos bolsos do macacão, verifico o estacionamento em busca de Jaguares pretos e desço.

Dirijo a caminhonete de Cecil pela Spanish Grant, passando pelas praias até Point San Luis, no extremo oeste. Passo por Lafitte's Cove e imagino a maléfica bravura da época, as fogueiras nas praias. E me lembro de Rocky, é claro.

Esta deve ser a maior distância que dirigi nos últimos cinco anos. Com exceção das poucas noites na Finest Donuts ou no Seahorse, quando preciso estar rodeado de pessoas para não comprar aquela última garrafa, costumo ficar em casa. Mesmo durante as evacuações por causa de furacões que testemunhei aqui, fiquei em casa e vi as tempestades chicotearem o ar com folhas e chuva. Descarto a ideia de levar a caminhonete de Cecil até Montana ou Wyoming. Talvez até o Alasca.

Suponho que é nesse momento que admito para mim mesmo que não vou fugir.

A casa de Cecil é um bangalô sobre uma base elevada, pintada de uma cor de trigo sem brilho, e o jardim é selvagem e cheio de mato. Por causa das minhas mãos e da minha perna ruim, demoro alguns minutos para levar todo o material para dentro. A casa está vazia e sem cortinas, de modo que a luz irrompe através das janelas em grandes lajes de giz branco.

Baixo a lona, desdobro os jornais e isolo o lambril na sala de estar com fita adesiva. Estes cômodos vazios com toda essa luz jorrando dentro deles me provocam uma sensação estranha. Uma luz tão branca e despojada. É definitivamente uma casa, um lugar grande demais para uma pessoa. Famílias se moveram por aquele espaço. Ando a esmo, meu pé esquerdo fazendo um som de areia raspando pelo chão, e atravesso todas aquelas intersecções de raios de sol. Estou pensando em coisas que li sobre este ou aquele grande pintor. Como a qualidade da luz muda tudo, não apenas o que você vê, mas como se *sente* em relação ao que vê.

Li que algumas vítimas de derrame veem uma luz branca muito forte, uma luz que vem de dentro dos próprios cérebros.

É assim que eu descreveria o brilho naquelas salas vazias.

\* \* \*

Espero por eles o dia inteiro. Toda vez que a porta de um carro bate, agarro a faca no macacão, e, quando o dia termina, dou voltas no Knight's Arms, tentando encontrar o Jaguar preto, então descarrego o material de pintura, devolvo as chaves a Cecil e subo até o meu apartamento.

Como sempre é uma pequena luta para conseguir tirar o macacão, porque meu joelho esquerdo não gosta de dobrar. Fumo a segunda metade do meu baseado diário, então visto um casaco impermeável e saio para levar Sage à praia.

Paro no meio da escada e volto para pegar a faca.

Por causa do tempo, poucas pessoas estão na areia. Algumas olham para mim e dão meia-volta logo em seguida. Jogo a girafa de Sage na arrebentação e ela salta atrás do brinquedo. Algumas crianças riem e a seguem enquanto ela volta correndo até os meus pés. As crianças param de correr quando me veem. O sol está atrás de nós agora, e o ar perdeu o calor. Da parte mais baixa de uma duna, as três crianças ficam olhando, observando Sage e olhando de relance para mim. Acho que estão tentando decidir se a cadela vale a pena o incômodo de terem que falar comigo.

O menor, um menino com cabelo cor de palha, pergunta:

— Qual é o nome do seu cachorro?

— Sage.

— Ele morde?

— É uma menina — falei. — Às vezes, ela morde. Outras vezes, não.

Ele olha para os amigos e começa a subir a duna. As outras duas crianças, um menino e uma menina, ambas mais altas e mais velhas do que ele, o seguem, desconfiadas. As pessoas estão indo embora da praia, guardando as coisas nas bolsas e esvaziando os moldes de castelo de areia dos filhos. As crianças se agacham em torno de Sage, que se volta de uma para outra enquanto todas tentam acariciá-la ao mesmo tempo. Vejo as

crianças rirem, agarro a faca no meu bolso e aperto o cabo para que não escorregue do meu casaco. O menino louro pergunta:

— O que aconteceu com o seu olho?

— *Sutton!* — exclama a menina. — Que falta de *educação!*

Sorrio para ela, pensando na outra criança.

— Está tudo bem — falo. — Foi um acidente. Há muito tempo.

— Foi isso que aconteceu com o seu rosto?

— *Sutton!*

A menina começa a tentar abraçar Sage, mas a cadela se esquiva por baixo dela.

— Foi o mesmo acidente, sim.

— Doeu? — pergunta o menino.

— Não me lembro — respondo.

Completo duas voltas em torno do Knight's Arms, começando a três quarteirões de distância e me aproximando em círculos concêntricos, verificando a rua e os estacionamentos em busca do Jaguar, de homens em carros de luxo, usando óculos escuros, qualquer um observando o lugar. O hotel tem paredes de estuque bege, pisos inferiores erguidos sobre uma base de tijolos. No apartamento, desamarro o saco de lona na pia, despejo os caranguejos da manhã em água fervente, e o ar aprisionado nas cascas dos animais chia como minúsculas vozes humanas.

Quando estão prontos, desligo o fogão, mas não estou com fome. Como cada vez menos hoje em dia. Simplesmente não pareço precisar.

Enrolo outro baseado e pego um romance sobre montanhistas. Quando funciona, a leitura pode aliviá-lo do fardo do tempo.

O hábito de ler que adquiri ao longo dos últimos vinte anos não me tornou uma pessoa diferente. Apenas virou a melhor maneira de passar o tempo, pois não posso beber.

Mas não funciona hoje à noite. Hoje à noite, o livro me faz lembrar de mais coisas, não de menos. Lembro-me da sensação de tocar as costas de Rocky quando dançamos naquele bar country em Angleton, as luzes na pista de dança. Termino o baseado e jogo um dos caranguejos em uma das tigelas de Sage. Dá para ouvir o vento quente soprando forte do lado de fora e o oceano resmungando.

Penso no homem do Jaguar e, de todo o coração, espero o pior. Visto o casaco e enfio a faca de caça na bota.

Em sua maioria, os frequentadores do Seahorse são comerciários filiados a sindicatos, e há também alguns antigos pescadores, camaroneiros para a pesca de camarões-rosa de água salgada e redes de arrasto, e suas mulheres olham por cima dos ombros em torno de mesas feitas de carretéis para

enrolar cabos. Havia redes penduradas nas vigas, o crânio de um jacaré usando óculos escuros e um monstruoso peixe-agulha gigante que se estendia por quase três metros ao longo da parede dos fundos. As pessoas jogam amendoins ou cabeças de lagostins para o labrador de pelo dourado que surge por baixo das mesas de bilhar para circundar os bancos quando alguém pede comida. O lugar cheira a pimentão vermelho, peixe e cerveja, além de serragem e muito perfume. As lâmpadas do Seahorse ficam atrás de portinholas cortadas no formato de prismas que dividem a luz em fragmentos manchados que pairam sobre as coisas. Os rapazes da Finest Donuts não entram ali para não despertarem a tentação, mas o lugar está a apenas um quarteirão de distância, e eu às vezes gosto de ficar doidão e me sentar no fundo do bar com um copo de leite e meus Camels. Todo mundo que vem aqui é pobre e mentiroso.

— Desnatado ou integral? — pergunta Sara.

— Integral. Fala sério.

Ela faz uma expressão como se me achasse pretensioso. Sara trabalha ali seis noites por semana, movendo aqueles braços grossos entre o refrigerador e o bar, estreitando os lábios ao ouvir as histórias que as pessoas contam, mexendo com os velhos que ficam ali bebendo o dia inteiro.

Os rostos ao longo do balcão se tornam sombrios ou estranhamente pungentes, olhando para a pálida luz azul da TV atrás do bar. O aparelho mostra um mapa computadorizado do tempo, e um pouco além da costa do Texas, no Golfo do México, um redemoinho brilhante gira em vermelho e roxo, como uma impressão digital de Deus. Todo mundo está falando sobre isso.

— Pode ser muito ruim.

— Não vai chegar aqui.

— Talvez chegue.

— Não vai nem chegar perto. Aposto cem dólares que não vai chegar.

— Vá se foder. “Cem dólares.” Isso lá é coisa que se diga para mim?

Mas a tempestade está mais perto do que qualquer um gostaria de admitir. Estão chamando este furacão de Ike. Os parafusos que tenho nos ossos formigam, e não demora muito até a pressão atrás dos meus olhos ficar muito forte, de modo que me sinto pronto para ir embora.

Faço uma pausa à porta. Consigo vê-lo através da janela gradeada.

O Jaguar preto, com as janelas escurecidas, estava estacionado entre uma caminhonete Ford e um pequeno modelo japonês, em frente ao bar. Um homem de terno sai do carro. Ele é grande, e dessa vez acho que não vai esperar que eu saia.

Então, volto para dentro e atravesso o corredor onde ficam os banheiros, em direção à porta dos fundos. Saio, caminho dois quarteirões para o leste, dou a volta, me posiciono atrás de uma antiga cabine telefônica e fico observando o carro no estacionamento do Seahorse. Um caminhão entra no estacionamento e, quando suas luzes passam, vejo que o Jaguar está vazio.

Eu me agacho, tiro a faca da bota e a escondo sob a parte da frente da jaqueta.

Começo a me virar para percorrer o longo caminho de volta para o Knight's Arms. Eu poderia encher uma sacola, pegar Sage e embarcar em um ônibus para Carson City, Eureka Springs, Billings. Mas, ao observar o carro, sei que isso não vai acontecer. Sinto uma espécie de impaciência se avolumando, e a sensação de ofensa começa a me irritar.

Bem, vamos em frente. Vamos esclarecer tudo. De repente eu me sinto muito arrebatado pela ideia de uma morte rápida num confronto final. Começo a andar de volta para o carro.

Eu me aproximo por trás, rastejando até o porta-malas. Meus nervos estão à flor da pele, o coração parecia um misturador de tinta, e me agacho

ao lado da porta traseira do lado do motorista. Tento abri-la, e quando a maçaneta cede, eu a puxo rapidamente e me jogo lá dentro. Passo os olhos em busca de alguma pista, mas o carro está limpo, exceto pelo cheiro enjoativo de colônia. Então me deito e observo. Em pouco tempo, o sujeito sai do bar e olha ao redor do estacionamento. Quando ele se vira e se senta no carro, encosto a ponta da faca na nuca dele enquanto o homem introduz a chave na ignição.

— Meu Deus...

— Vire-se. Fique com as mãos no volante.

Ele obedece, envolvendo o volante com as patas carnudas, anéis de ouro enfeitando os nós dos dedos, o cabelo da nuca cortado em uma linha reta. Ele é um tanto corpulento e o cheiro maduro, excessivamente doce, da sua colônia preenche a cabine. Eu bufo.

— Esses carcamanos e seus produtos de beleza.

O carro é bem-conservado, iluminado apenas pela luz verde do painel, couro elegante, e o rádio está transmitindo um jogo amistoso. Eu me inclino para ver o seu rosto, examinando-o às luzes do painel. Um rosto gordo e quadrado. Há um tipo natural de arrogância no seu resmungo. Ele não é ninguém que eu reconheça.

— Você está procurando alguém — falo. — Não se vire.

— Roy Cady?

— Cale a boca. — Encosto a faca em seu pescoço e ele solta um ganido.

— Tenho uma mensagem para você. Diga-lhes para virem me buscar.

— Espere um minuto.

— Cale a boca.

Ele estremece e uma gota de sangue se acumula sob a ponta da faca.

— Não fale, cobrador. Tudo o que você tem que fazer é levar uma mensagem. Diga a eles para virem. Eu estou bem aqui e vou destruir suas

vidas de merda.

Acho que ele não consegue perceber o medo na minha voz e aperto o cabo da faca para evitar tremer.

— Diga a eles que estou esperando. E diga para não demorarem muito.

— Espere...

Não quero ouvir ele falar, então pressiono a faca para que o homem se cale. Estou sufocando dentro daquele carro de luxo com sua nuvem de colônia.

— Diga-lhes o que eu falei. — Minha outra mão abre a maçaneta da porta. — Se voltar a vê-lo, vou fazer seus dentes irem parar na sua nuca e alegar legítima defesa.

Salto do veículo e manco tão rápido quanto posso entre as sombras, e o homem no carro me chama, mas o que ele diz se perde ao vento. Minhas costelas doem por causa do coração disparado, e o metal na minha cavidade ocular pulsa. Apego-me às sombras e aos becos, me movendo depressa pela luz, e, quando chego ao Knight's Arms, o Jaguar ainda não está lá.

Subo a escada e bato a porta atrás de mim. Há cascas de caranguejo por todo o chão da cozinha e o lugar tem o mesmo cheiro das docas. Tiro o casaco e caio no sofá, mantendo as luzes apagadas. Sage me olha da sua cama e choraminga. A cadela presume que estou chateado por causa da bagunça que ela fez, então acaricio sua orelha para tranquilizá-la.

A única luz vem de cima do forno na quitinete, e eu me sento no sofá, olhando para a tela cinza e morta da TV e para a parede com livros empilhados, o polegar correndo para trás e para a frente ao longo da lâmina da faca, cada vez cortando um pouco mais fundo. Não ouvi o que o sujeito gritou para mim.

Tiro minhas próteses removíveis e deixo os dentes flutuando em um copo de antisséptico bucal sabor hortelã. Eu os observo por um tempo, e eles

parecem a intrusão de um fantasma.

Sento-me rígido no sofá e ociosamente raspo meu queixo com a faca.

Observo a porta. Eles a arrombarão quando chegarem.

Meu polegar está sangrando.

**CINCO**



Voltei para a ilha numa quinta-feira, pouco depois do meio-dia, três dias após ter partido. A fita de isolamento da polícia havia sido retirada da porta do quarto número dois, e o carrinho de limpeza de uma camareira estava estacionado no corredor entre os quartos. A van fora embora, mas a moto do rapaz ainda estava empoleirada na frente do seu quarto. Algumas gaivotas desfilavam pelo estacionamento como se tivessem uma espécie de direito arrogante. Isso me fez pensar no clero.

Ninguém atendeu a porta do quarto de Rocky e Tiffany.

Meu estômago tinha uma sensação pesada e doentia que aquecia as minhas costas e acelerava os meus pensamentos. Atravessei o estacionamento e, quando abri a porta do escritório, ouvi uma espécie de canção ser cantarolada. Ao entrar, vi animais de desenho animado cantando na TV enquanto costuravam um vestido, passarinhos enrolando fitas ao redor de uma princesa. Nonie, Dehra e Nancy estavam ali, e Tiffany, sentada no chão, ria e comia uma tigela de cereais.

Todas as mulheres olharam para mim.

— Olá — disse Nancy, sem qualquer entusiasmo.

— Oi — disse Dehra, e sua irmã assentiu.

Elas não se voltaram para a TV, apenas me observaram. Tiffany me viu, acenou e se virou para o desenho animado. Suas roupas pareciam ser novas, ela usava um macacão branco.

— Já assistimos a isto umas dez vezes — disse Dehra.

As irmãs riram, mas seu riso parecia falso, o que fez pairar no ar a sensação de que havia algo errado. Acho que eu não parecia muito bem, tinha olhos vermelhos, compleição abatida.

— Onde está Rocky? — perguntei a Nancy.

As irmãs voltaram a atenção para a TV. Os olhos de Nancy se estreitaram sobre mim como lâminas.

— Ela *disse* que está no trabalho. Não tem estado muito presente nos últimos dias. Pensei que você soubesse.

Apoiei-me no balcão, balançando a cabeça.

— Fui visitar velhos amigos. Ela conseguiu um emprego?

Nancy se virou e demorou algum tempo para responder.

— Acho que houve alguma confusão sobre se você voltaria.

— Claro que voltaria. Paguei por mais dias. Como está a menina?

— Uma *boneca* — disse Dehra.

— Ela é um amor. Linda. E merece mais do que isso — comentou Nancy.

— Concordo — falei.

Nancy evitou dizer qualquer outra coisa e ambos observamos Tiffany levar a mão à boca, levantar-se sonolenta, deitar-se no colo de Nonie e bocejar. Nancy se levantou do sofá e foi até o balcão.

— Venha comigo — disse ela baixinho e com rispidez.

Eu a segui até o lado de fora e ficamos à sombra da garagem coberta. Olhei para o quarto de Tray. As cortinas estavam fechadas por trás dos quadrados de papel de alumínio.

A mandíbula de Nancy se contraiu. Ela examinou o meu rosto como se eu a tivesse roubado.

— Só queria saber — disse ela. — O que essa garota pretende? Eu não preciso de nada disso aqui. Não preciso. Não vou permitir.

— Não estou entendendo.

— Ela estava com um homem no quarto. Na noite em que você foi embora. Tudo bem. Nada de mais. Problema dela. — Coçou o cotovelo com as unhas. — Mas ontem, Lance veio me pedir desculpas. Disse para mim

que ela lhe ofereceu um bom preço. Disse estar pedindo desculpas porque me ama e não queria, mas que é fraco. Toda aquela besteira.

Seus lábios ficaram pálidos e os olhos da mulher me sondaram profundamente.

— Nancy, eu não sei nada sobre isso.

— Sério? Porque, se você não sabe, então quem sabe? Quero dizer, eu não consigo entender exatamente qual é o negócio que você tem com essa garota; e, francamente, nem quero entender; mas sei que ela não é sua sobrinha. E aquela garotinha lá dentro? Ela é especial. E merece muito mais do que isto aqui, Sr. Robicheaux. — Ela virou a cabeça na direção do escritório. — Essa menina não precisa acabar igual à outra.

— O que aconteceu? Depois que você falou com Lance?

— Não estamos fazendo isso por ela, você entende. Nem por você. Normalmente, eu a expulsaria daqui. Talvez também chamasse o xerife. Mas não fiz isso. E a razão de eu não ter feito isso é aquela menina lá dentro.

— Mas o que aconteceu? Depois?

Ela puxou um dos brincos.

— Bem, fui falar com ela. Ela estava furiosa, gritando, e se enfiou no quarto. Saiu de lá usando um vestidinho, com o cabelo penteado, e trazendo a pequena consigo. Então, bateu à porta do quarto de Nonie e Dee, pediu que elas cuidassem da menina porque tinha que ir trabalhar. Consegui um emprego. Estou de olho em tudo isso, porque também fico vendo Lance fazer as malas.

— Onde ela trabalha?

— Supostamente, em um restaurante no Strand. Pirandello's. De comida italiana. Diz que é a recepcionista. Também a vi com o tal Jones do quarto número oito. Eu os vi bebendo juntos. Ele lhe deu uma carona para o trabalho. Sabe, aquela garota não pode usar salto alto. Alguém devia lhe

dizer isso. Tentou me olhar feio ao passar, mas minha careta foi pior que a dela. Então ela se foi. Não a vemos desde então. Nonie e Dee, você entende, estão muito felizes por poderem cuidar da pequena. Acho que querem continuar cuidando. Mas depois do que aconteceu com aquela família no quarto número dois...? Bem. Estou mais propensa a me interessar pelo que acontece por aqui.

— Merda.

Eu me perguntei como poderia convencê-la de que eu não era o tipo de cara que concordaria com uma coisa daquelas. A minha garganta estava seca e os meus olhos, doloridos.

— Merda é um termo muito apropriado, Sr. Robicheaux. Agora, você sabe que eu poderia chamar a assistência social? Eu poderia dizer a eles que a menina foi abandonada. Poderia dizer que a irmã dela, ou seja lá quem for, estava se prostituindo, e eles levariam a garota. Poderia dizer que aquele ali, o beerrão mal-encarado, é o cafetão dela.

— Isso não é verdade.

— Qual parte? O que eu sei sobre isso tudo? Só estou dizendo o que poderia ter feito. Ligado para alguém. Você sabe por que não o fiz.

— Sei.

— É. Por causa da menina lá dentro.

— Eu não sabia de nada disso. Juro.

Ela me encarou.

— *Quem é você?*

Peguei um cigarro e ela se recusou a aceitar um. Acendi o meu, me encostei à parede, e o seu olhar penetrante estava me dando dor de cabeça.

— Ela é uma garota que eu ajudei a sair de um lugar ruim. Nós dois estávamos num lugar ruim, para dizer a verdade. Eu não a conhecia. Ela queria uma carona para o Texas, para ela e a irmã mais nova. Acabei ficando

por perto, não sei por quê. Acho que queria ficar de olho nelas por um tempo. Não sei.

— Você fez um belo trabalho.

— Bem, ouça. Por pior que você ache a criança estar aqui, eu lhe garanto que o lugar onde ela estava, sua situação anterior, era muito pior. Eu vi a casa de onde ela veio.

— Hum. Posso acreditar nisso. — Ela baixou o olhar para as minhas botas e coçou os braços. — A menina se retrai se alguém se move rápido demais perto dela. Você já notou? Está sempre assustada.

— É. Percebi isso quando brincamos na praia.

— Olhe bem nos meus olhos, Sr. Robicheaux. — Fiz o que ela me pediu. — Você é o cafetão da garota ou algo parecido?

— Não. Não, minha senhora, não sou. Nada parecido. Só tentei ajudá-la um pouco e isso me trouxe até aqui.

— Hum.

Ela me avaliou friamente, suas rugas me recriminando. Minha dor de cabeça começou a pulsar e lembrei que não permitia que as pessoas falassem comigo daquela maneira.

— O que você gostaria que eu fizesse? *Hein?* Que tal eu voltar para a minha caminhonete e deixá-las aqui? Elas *não* são problema meu. Está entendendo? Porra, *eu* posso chamar a assistência social para você. Deixe que eu mesmo faça isso. Eles vão levar a menina. Vão lhe arranjar um lar adotivo. Então não terei que pensar mais nessa merda toda. E se *eu* disser que aquela garota maluca para quem dei uma carona abandonou a irmã comigo?

Ela cruzou os braços, ergueu o queixo e não se moveu um centímetro para trás quando a confrontei.

— Acho que você não gostaria de falar com o xerife sobre coisa alguma. Eu a ouvi chamá-lo de “Roy” certa vez. Acho que nem está dizendo seu nome verdadeiro, e você *certamente* não quer que alguém tire as suas impressões digitais.

Joguei o cigarro longe e uma gaivota pulou para se esquivar da explosão de fagulhas.

— Então, talvez eu simplesmente vá embora. Você pode colocar Rocky na cadeia e a menina em um orfanato, e eu não terei porra nenhuma a ver com isso.

— Sim, você poderia fazer isso. Mas acho que mudou de ideia. Se é que realmente pretendia fazê-lo. Talvez até já tenha tentado. E não deu certo.

Olhei ao redor do motel.

— Você também não quer deixá-la — disse ela. — Também gosta da menina.

Esfreguei os olhos e voltei as palmas das mãos para cima.

— Tudo bem. Vamos parar de mentir um para o outro.

Ela riu um pouco, não inteiramente sem malícia.

— Podemos fazer isso. Mas deixe-me dizer: independentemente do que acontecer, aquela menina vai precisar de cuidados.

Concordei. Ambos nos recostamos na parede e observamos as aves no estacionamento. O vento quente soprava entre os edifícios e a areia era arrastada pelo concreto. O ar impregnado de maresia tinha gosto de algas.

— E então? — disse ela.

— Vocês podem cuidar um pouco mais de Tiffany? Vou descobrir onde Rocky está. Pode ser?

Ela pensou.

— Por quanto tempo?

— Não muito.

Andei até o quarto número oito e, na porta, me virei e vi que Nancy ainda me observava. Esperei até ela entrar de volta e bati.

Primeiro ele verificou o olho mágico e fez uma careta quando abriu a porta para um trecho de luz solar. Entrei e fechei a porta. Ele estava sem camisa e curvado, os braços magros pendiam como pesos mortos. Era escuro ali dentro e o ar estava pesado com fumaça de cigarro, odor corporal e suor.

— E aí, caubói? — murmurou Tray.

Em seguida, caiu na cama. Abriu os braços e olhou para o teto. Um brilho de suor cobria o seu rosto e as pálpebras tremulavam. À deriva. Doidão. Magro como Cristo.

— Você sabe onde Rocky está?

— Disse... que foi trabalhar — respondeu ele lentamente.

— O que aconteceu entre você e ela?

— Aconteceu? — Ele se sentou, esfregou o rosto. Dava para ver suas costelas e as estrias dos músculos magros. — Não aconteceu nada, cara. Nós saímos. Bebemos um pouco de cerveja. Dei uma carona para ela até o trabalho.

— Você a pagou?

— O quê? Cara — ele balançou a cabeça e riu —, o Matador não gosta de *galinhas*, entende?

Dei um passo adiante e o encurralei na beirada da cama.

— Para onde a levou?

Ele manteve a cabeça voltada para o chão, os braços flácidos entre as pernas.

— Hum, ao Strand. Só a deixei lá.

O saco de roupas se derramava sobre o tapete e notei que os livros sobre a mesa estavam abertos, aqueles desenhos espalhados pelo quarto.

Quase fui embora, mas parei e disse:

— Onde conseguiu? — perguntei.

— O quê?

— Onde conseguiu drogas? Você parecia limpo antes.

— Ah. Você sabe. Se quiser, tem por aí.

— Você conseguiu algum dinheiro?

Olhos preguiçosos voltaram-se para mim e ele sorriu, dando de ombros.

— Você pensou mais sobre aquilo que falamos?

— Não. Não estou interessado.

— Hum.

Ele rolou para o lado para poder se levantar. Mergulhou no saco de lixo e pegou uma camiseta dentro dele. Em seguida, andou até a pia, jogou água no rosto e passou as mãos molhadas pelo cabelo, penteando-o com os dedos.

— Vi você sair — disse ele.

Eu o observei calçar um par de tênis e procurar um cigarro em meio à papelada. Ele o acendeu, ligou uma lâmpada e sentou-se, deixando a fumaça flutuar como se tivesse todo o tempo do mundo. Sua voz ficou sóbria e aquele sotaque texano dele quase desapareceu completamente.

— Vi você sair com aquele jornal na mão. Eu estava bem ali. No olho mágico. Vi você jogar o jornal fora e dar no pé.

Senti um aperto no peito, aquela sensação das entranhas endurecendo como concreto.

— Encontrei-o no lixo. Ao ler aquilo, percebi que as meninas daquela matéria tinham o mesmo nome das que estão no hotel. Foi só somar um mais um, sabe. Muito simples.

Meus dentes rangeram, trincados, e meus punhos se fecharam. Ele não pareceu notar.

O rapaz ergueu uma das mãos.

— Não tenho nada a ver com isso, cara. E *não* tenho nenhuma intenção de arranjar problema para você. Só estou falando. Se chegar a esse ponto.

— Se chegar a esse ponto? — perguntei.

Ele se inclinou para a frente, deslizou o cinzeiro pela mesa e ajeitou a ponta do cigarro rolando-a pela borda de plástico arranhada.

— Sabe, há uma boa chance de eu ser pego se trabalhar sem um parceiro aqui. Se não for pelos policiais, então será por outra pessoa, entende? Então, sabe, veja isso da seguinte maneira: me imagine algemado, suando numa cabine policial. Estou desesperado, sabe, ficando doente, carente. E os policiais, aqueles imbecis linhas-duras, estão adorando. Aquele policial quer me ver preso por um bom tempo. Ele quer acabar com o meu futuro. Então, estou desesperado, doente, pirando. Posso fraquejar. Posso dizer: “Olhem, vocês me dão algum desconto, um empurrãozinho, esquecem as acusações e posso lhes dar um homicídio. Posso lhes dizer algo sobre umas meninas desaparecidas.”

Os nós dos meus dedos latejavam e o sangue pressionava a parte de trás dos meus olhos. Então ele começou a brincar com um canivete que tirou debaixo de alguns papéis. Ele o rodou e deixou que a pequena lâmina brilhasse na mão. Fez aquilo para mostrar que podia cuidar de si mesmo e cutucou os dentes com a lâmina para provar que estava tranquilo.

— Só pense um pouco sobre isso, cara. Não tenho vontade de ferrar com você. Só estou falando: *vamos ganhar algum dinheiro*. Você me ajuda, eu ajudo você. Há uma recompensa de quinze mil no final. *Vamos ganhar algum dinheiro*.

Eu ouvia sua voz tremular de vez em quando, subindo um pouco de tom, e ele não parava de olhar para as coisas em cima da mesa, amarrando os sapatos, evitando meu olhar.

— Ou, então, nós dois nos arriscamos sozinhos.

Olhei para ele, meu profundo ressentimento amenizado porque quase senti pena do sujeito. Não o ensinaram bem. Ele não me conhecia nem sabia o que significaria para ele estar me dizendo tais coisas. Tray bateu o cigarro, ajeitou a calça jeans, coçou o braço, mexeu no cabelo e, quando não havia mais para onde olhar, ele me encarou. Seus olhos estremeceram.

— É isso, então? Se eu fizer esse negócio com você, como posso ter certeza de que não vai usar contra mim? Como posso ter certeza de que não vai querer fazer tudo de novo? De que não vai me manter na rédea curta? — falei.

— Ah, cara. É o que estou tentando dizer. Não é essa a questão. Não é nada disso. Trata-se de uma troca de favores. Um por um. Ficamos quites.

Notei uma fila quase invisível de formigas vermelhas ao longo do rodapé da sala, e minha visão vagou pelos papéis sobre a mesa, pequenos mapas e diagramas de circuitos. Muitos rabiscos pareciam pentagramas, esboços de cabeças de bodes e canivetes.

— Acho que você vai ter que confiar em mim, cara — disse ele. — Mas eu sou direito. Não digo uma coisa e faço outra. Veja isso aqui, cara. Escute. Basta ver o que eu arnei, ouvir o que tenho a dizer. Dê uma olhada.

Ficamos ali sentados por um instante, e eu podia sentir o calor emanando do papel de alumínio na janela, e de algum modo percebi que escurecera lá fora, como se as nuvens tivessem se fechado acima de nós.

— Tudo bem — falei. — Mas vai ter que esperar até escurecer. Preciso encontrar Rocky.

— Sim. Tudo bem. Sem problemas.

Ele parecia menos infantil quando sorria: o rosto enrugado e aqueles dentinhos tortos brilhando feito um punhado de seixos.

Eu me levantei.

— As pessoas daqui não devem nos ver juntos. Encontre-me no Circle K, no fim do quarteirão. Às oito horas.

— Você é paranoico, cara. Ninguém aqui vai saber de nada.

— Se quer que eu colabore, começaremos a ser cuidadosos. A partir de agora.

— Certo, certo. Cara, assim você me lembra do Wilson.

— Então, faça o que eu digo.

Ele me lançou uma saudação zombeteira. Não olhei para trás ao sair do quarto. Vi que estava certo: nuvens cinzentas e baixas haviam se acumulado, como se o céu que nos pressionava fosse a parte de baixo de uma montanha.

Encontrei o restaurante na rua 22, entre o Ship's Mechanic Row e a Market Street. O Pirandello's ficava no térreo de uma casa de tijolos de arenito e um arranjo de lâmpadas embutidas em calhas de vidro em forma de chamas emoldurava a entrada. Havia escritos em letra cursiva rabiscados na porta de vidro e cortinas vermelhas enfeitavam as metades superiores das janelas. Na calçada, um homem gritava com um cão.

Uma recepcionista veio a mim assim que entrei. Os funcionários usavam calças ou saias pretas com camisas sociais brancas e gravatas borboletas pretas. Eram cinco horas e ela me disse que a cozinha acabara de abrir e perguntou se eu queria uma mesa. Um terço do salão de jantar estava tomado por mulheres vestindo blusas e joias, ostentando grandes penteados texanos.

— Rocky está trabalhando agora?

— Quem?

— Rocky. Ou Raquel. Uma garota pequena, com cabelo louro curto. Muito louro.

Ela franziu a testa, pensando a respeito, e olhou para o diagrama das mesas.

— Acho que não a conheço.

— Ela não trabalha aqui?

— Só trabalho aqui há algumas semanas. Pode ser que tenha alguém que eu ainda não conheça.

— Mas conhece as outras recepcionistas? Você nunca viu esta garota? Muito pequena, cabelo fino, bem bonita. Baixinha.

— Sabe, talvez eu tenha visto uma garota assim no bar, uma ou duas vezes. Mas achava que ela não trabalhava aqui.

Ela apontou para trás, para além da sala de espera e do salão principal, onde havia um bar comprido e elegante nos fundos do salão de jantar. Era atendido por um sujeito que usava braçadeiras na camisa, aquelas que foram moda no século passado, ou sei lá quando.

Ele parecia ter a minha idade, um bronzeado cor de lama, e suas pálidas sobrancelhas quase se perdiam na pele quando ele olhou para mim. Ele assentiu, preparando com movimentos precisos alguns drinques para uma garçonete. Geralmente é possível julgar a competência de alguém em qualquer profissão pela forma como a pessoa usa as mãos, se as move com negligência ou com gestos precisos e controlados. Ele me cumprimentou e eu pedi uma Miller, dando-lhe uma gorjeta no mesmo valor da cerveja.

— Obrigado. — Ele fez um gesto com a cabeça. — Vai se encontrar com alguém?

— Na verdade, estou procurando uma garota. Eu meio que pensei que ela trabalhava aqui.

Descrevi Rocky novamente e a chamei de Raquel.

— Você a conhece? Cabelo louro curto, cor de limão-siciliano. Rosto fino, bonito. Ela me disse que trabalhava aqui.

Suas sobrancelhas se ergueram e a pele castigada pelo sol enrugou-se na testa. Ele acariciou um cavanhaque bem aparado.

— Acho que sei de quem você está falando, cara. Mas ela não trabalha aqui. Vem ao bar algumas vezes. Fica sentada bem ali, até alguém se juntar a ela. Fica ali, fumando, até alguém lhe oferecer uma bebida.

— Sério?

Ele balançou a cabeça e parecia um tanto entretido.

— Se está procurando companhia, conheço algumas meninas. Eu poderia fazer um telefonema para você se quiser.

— É só com ela.

— Bem, que eu saiba, ela esteve aqui duas vezes. O gerente pediu que eu falasse com ela, caso voltasse. Este é um lugar chique, sabe.

Meus olhos percorreram as paredes pintadas com esponja e forradas com tiras de folha de ouro, esculturas de papel machê do Coliseu, da Torre de Pisa.

— Quero dizer, cada um cuida do próprio negócio. Mas ela devia tentar um bar de hotel ou algo assim. Aqui não é lugar para isso.

— Tudo bem.

Levantei-me do banco e atirei-lhe uma gorjeta de cinco dólares pela conversa. Não era difícil imaginar Rocky entrando ali pela primeira vez. Talvez nem tenha preenchido um formulário de pedido de emprego, apenas se sentou no bar, sozinha. Alguém se aproxima, ou ela lança um olhar, porque sabe como fazer isso, e algumas horas depois está de volta ao motel, com dinheiro, e diz a todo mundo que arranhou um emprego.

Atravesso Harborside, desço a Rosenberg Avenue em direção a Seawall, dirijo lentamente ao longo da praia e as pessoas se aglomeram nas escuras areias cinzentas, o sol incendiando as bordas de tudo e atravessando o para-brisa em grossas ondas vermelhas. Fiquei de olhos abertos em busca daquele tom de cabelo claro. Um homem com as pernas curvadas no banco de um ponto de ônibus, jornal dobrado sobre o rosto, mulheres caminhando sob o sol com as partes de cima do biquíni, um sujeito gordo empunhando uma grande caixa de som portátil que tocava rock texano.

Os jovens ocupavam um trecho da praia. Aqueles corpos magros e bronzeados extraíram de mim algum ressentimento pelo modo como presumiam que eram certos o tempo e a oportunidade, como se fosse um direito deles. Um frisbee deslizava lentamente sobre suas cabeças, e me pareceu que, para algumas pessoas, o mundo era sempre meio-dia. Ouvei as vozes e as risadas deles e os observei perseguindo uns aos outros como

cachorrinhos. Eu não conseguia imaginar Rocky ali. Muitas coisas nunca chegam a ser o que deveriam.

Antes de voltar ao motel, parei em uma Ace Hardware e comprei uma caixa de sacos de lixo extrafortes e trinta metros de corda de meia polegada.

Entrei no escritório em Emerald Shores, e Dehra e Nancy estavam sentadas a uma mesa de centro brincando de jogo de tabuleiro com Tiffany, que parecia limpa e fresca em um pequeno vestido de linho amarelo. Ela bateu palmas quando os dados caíram, olhou para cima e acenou para mim.

Nancy ergueu as sobrancelhas e só me restou balançar a cabeça. Ela se aproximou.

— Você está certa — falei. — Ela não trabalha lá. Nunca trabalhou. Eu não sei. Dirigi um pouco por aí, mas não vi nada.

— Jesus, Maria e José. — Ela levou as mãos aos quadris. — E agora?

— Quanto tempo elas ainda têm no quarto? Esqueci por quantos dias paguei.

— Acho que têm até depois de amanhã.

— Aposto que ela volta até lá.

— Ah, é mesmo?

— Aposto que ela sabe exatamente quando os quartos deixarão de ser delas. Ela vai voltar para buscar a menina. Se não o fizer, começarei a olhar outros motéis.

— Você simplesmente supõe que ela está bem? Acha que nada aconteceu com ela?

— Ela não está sumida há tanto tempo assim para eu pensar que algo de ruim aconteceu.

Eu ainda não me permitia refletir a respeito dessa frase.

Nancy deu uma espiada dentro do escritório. Os últimos raios de sol estavam sendo bloqueados pelos edifícios, transformando o ar em uma

névoa escarlate e sombria. Através do vidro, dava para ver Tiffany se divertindo.

— Qual é o problema dela, então? Tendo uma criança como esta. O que há de errado com ela?

— Eu realmente não sei dizer. Você sabe como é. Algumas pessoas. Algo acontece com elas. Normalmente, quando são jovens. E elas nunca superam.

— Mas algumas, sim.

— É, talvez. Mas a gente costuma encontrar mais do outro tipo.

Ela assentiu, bateu com o pé e viu um copo do Big Gulp que alguém deixara no estacionamento. Rolava para a frente e para trás. Baixei a cabeça.

— Ouça. Aquela menina. Se alguma coisa... Não sei. Vocês cuidariam dela. Não cuidariam?

Ela arqueou a cabeça para trás como se tivesse sido ligeiramente insultada.

— O quê?

A moto de Tray chamou a minha atenção. Sem que percebêssemos, a noite caíra, e fomos subitamente cercados por tons profundos de azul.

— Que horas são?

— Quinze para as oito. O que você estava dizendo?

— Nada. Preciso encontrar alguém.

— Então ficaremos de novo com a criança?

— Acho que posso levá-la comigo. Mas eu não tenho mais direito àquela menina do que vocês. — Entreguei-lhe quarenta dólares. — Aqui. Para comer. Ou se divertir. Se Rocky não voltar até amanhã, daremos um jeito.

Ela não hesitou em aceitar o dinheiro, dobrou-o e guardou-o no bolso da frente da calça jeans.

— Ela nem sempre está feliz, sabia? A menina.

— O quê?

— Tiffany. Nem sempre está sorrindo. Às vezes, fica com raiva. Raiva de verdade. Joga a comida longe e chora. Começa a perguntar pela outra e fica irritada. Ela fica nervosa se alguém se move muito depressa. Sei que já lhe disse isso.

Eu realmente não sabia o que dizer. Então simplesmente assenti.

Tray Matador se esgueirava ao lado de um telefone público no Circle K, ombros curvados como se estivesse enfrentando um vento forte. Ele acenou para mim quando viu a caminhonete e correu na minha direção. Joguei a corda e os sacos de lixo na carroceria. Ele abriu a porta.

— Tudo bem — falei.

— Você quer ver?

— Não, vamos embora logo.

Suspirei. Ele me disse para dirigir em direção à Broadway e ressaltou que não havia pressa.

— Basicamente, tudo fica guardado em um almoxarifado. Há também um pequeno vestiário, onde eles deixam alguns coletes à prova de balas e outras coisas, mas por trás *disso*, lá dentro, é como um alçapão velho para o telhado ou algo assim. O painel é aparafusado, mas há um espaço apertado entre os andares por onde dá para se arrastar. A faxineira vai me deixar entrar ali quando eles estiverem fechando. Espero até a uma da manhã, então desço, cuido do alarme. Também precisamos de uma van. Preciso que você cuide disso. Você a leva até os fundos, nós carregamos as coisas, vinte minutos, no máximo. Levamos a carga para Houston. E eu terei feito todo o trabalho pesado.

— Qual é o endereço?

— É na Broadway, 4.515.

— Quem é a sua cúmplice mesmo?

— Aquela faxineira, cara. Eu costumava andar com o irmão dela.

— Há becos do outro lado? Há algum lugar de onde possamos observá-los?

— Sim. Claro. Vire aqui.

Ele ergueu os joelhos, deu um tapa nas coxas e mordeu o lábio inferior. Eu ensaiara todas as variações de diálogo entre nós, os cenários em potencial. Mas, mesmo que o resultado fosse bom e saíssemos com os bolsos cheios, isso apenas o encorajaria. Não importava o que ele dissesse sobre a sua palavra de honra: não poder confiar em um drogado é um simples fato da vida. Ele sempre teria como trunfo aquilo que sabia sobre as duas meninas.

Tentei não pensar sobre isso, porque ele era como a garota no quarto de motel em Amarillo: nunca se daria bem. Aquilo só poderia dar errado.

— Onde era a sua casa comunitária? — perguntei.

— Hein? Ah. Em Jasper.

— Eles os faziam colher algodão lá?

— Hum. Não.

— Na minha, sim. Todos nós ficávamos do lado de fora fazendo isso. De agosto até outubro. Chamavam de Programa de Suplemento Social.

— Hum.

— Você já teve pais adotivos?

— Ah, sim — disse ele. — Uma vez, quando eu tinha oito anos. Eles eram legais. Mas então tiveram que se mudar. E não podiam me levar. Algo a ver com o trabalho do cara. — Ele apontou para o para-brisa. — Chegamos.

— Vou estacionar no outro quarteirão. Vamos entrar pelo beco.

— Claro. Certo.

\* \* \*

Atravessamos o beco e permanecemos nas sombras. Uma caçamba de lixo, papéis sendo varridos pelo vento. Sem janelas acima de nós. Ele apontou

para a clínica.

— Não sei — falei. — Parece muito aberto.

— Mas não é. Não na parte de trás. Há outro beco ali. Eles têm o próprio local de carga nos fundos.

— Não sei — falei e deixei-o andar à minha frente.

Tirei as pesadas luvas de proteção que colocara no bolso de trás e preendi a respiração enquanto as calçava. Havia diversas maneiras de fazer o trabalho, mas ele era magro como um gato e aquilo funcionaria. Fiquei em silêncio.

Quando ele se virou, deu um pulo para trás, porque eu estava muito perto, mas era tarde demais. Segurei-o pelo pescoço. Seus olhos se encheram de uma compreensão terrível e, então, se incharam como bolhas de sangue, e eu fiz *shhh* com os lábios. Aquela expressão que sempre me mostram: *Espera. Espera.*

Ele se debateu, mas eu o pegara de jeito. Seu rosto ficou roxo, e seus vasos capilares incharam e explodiram debaixo da pele. Ele tentou alcançar o canivete, que caiu no chão quando pressionei os polegares e senti seu osso hioide se romper. Seus olhos moveram-se rapidamente e rolaram para trás. O ar saiu do corpo do rapaz em um último gorgolejar, e senti o cheiro das entranhas. Sua língua tombou para fora como uma lesma gorda e exausta.

Ao baixá-lo, senti vontade de lhe dar uma explicação, convencê-lo de que era apenas por causa das meninas. Mas isso não melhoraria em nada as coisas para ele.

Verifiquei as duas extremidades do beco, onde os postes de luz cortavam a escuridão, e conduzi minha caminhonete até ali, deixando a porta paralela ao beco. Eu o joguei no assento do carona e encostei seu corpo na janela pesadamente escurecida.

Eu tinha planejado pegar uma estrada vicinal onde estivesse escuro, envolvê-lo na lona e colocá-lo atrás da cabine, na carroceria da caminhonete. Contudo, ao dirigir para fora da cidade, ele parecia natural daquela forma, encostado na porta, como se tivesse apenas desmaiado, e, embora a cabine fedesse com a merda do moribundo, havia uma intimidade que persistia entre nós.

Senti um mútuo reconhecimento. Como se ele soubesse algo sobre os grandes campos vazios, os apartamentos de um só cômodo, café feito sobre uma chapa quente, a voz que gritava: *apagar as luzes*. E, da minha parte, eu era o único que entendia o terror que ele encontrou ao fim de tudo, comigo, naquele beco.

Eu o levei para fora da cidade daquele jeito, tombado na porta. Meu amigo bêbado. Meu último amigo. Meu eu mais jovem, mais fraco e imprudente.

La Porte ficava a cerca de vinte quilômetros de Galveston, e um brejo dali desaguava na baía da cidade. Eu já tinha ido até lá algumas vezes, enquanto trabalhava para Sam Gino. Foi há muito tempo. Estava igual a como eu me lembrava. Um remanso chamado Marais du Chien, um grande, escuro e confuso emaranhado de poços naturais e pântanos estagnados que corria em círculos, e cada parte dali parecia igual à outra, um labirinto de ciprestes, pinheiros e salgueiros repletos de jacarés, cobras e velhos peixes-agulhas do tamanho de canoas. Uma estrada secundária obsoleta levava a uma curva isolada e a um trecho de floresta que desembocava no pântano, e estas coisas ainda estavam ali, só que haviam crescido mais, os bambus gigantes e as videiras emaranhadas, árvores altas cobertas por uma camada de kudzu que fazia tudo parecer uma única entidade, uma criatura pré-histórica cuja silhueta frondosa se destacava ao longo da orla brilhante da noite.

Na estrada secundária mantive os faróis apagados e estacionei entre alguns pinheiros perto da curva. Fiz um buraco num dos sacos de lixo e usei-o como se fosse um avental de barbeiro. Em seguida, joguei o corpo para fora da caminhonete. Peguei as chaves e a carteira, tirei a camisa e a calça dele, e depois cortei a pele sob os seus braços, onde o sangue era inerte e grosso.

Iria jogar alguns sacos em cima dele e usar uma corda para envolvê-lo, mas então ouvi coisas chapinhando e agitando a água. Olhando para a escuridão, eu quase podia ver o jacaré se impulsionando do pântano com um golpe da cauda, ouvi-lo irromper na superfície com um *plop* suave. Asas bateram em algum lugar.

Arrastei o corpo até o aclive na curva. Era leve, mesmo sendo um peso morto. Joguei-o por cima do ombro e o jacaré mergulhou na escuridão. Ouvi um baixo e molhado farfalhar enquanto as criaturas se moviam para

investigar. Então, enfiei as roupas dele dentro de um saco de lixo, amarrei-o e o joguei no pântano. A água lá embaixo começou a se agitar e a espadanar.

Na saída de La Porte, arremessei a carteira dele na lata de lixo do lado de fora de um McDonald's e então parei na primeira loja que encontrei e comprei uma garrafa de Jim Beam, que era horrível, mas era só o que tinham a oferecer.

Rocky ainda não havia aparecido no motel, e as luzes no quarto das irmãs estavam apagadas. Entrei no quarto de Tray Matador. Ele não tinha muita coisa, mas peguei as roupas e os livros que estavam ali e os joguei em um saco de lixo, certifiquei-me de que o caminho estava livre e arrastei tudo aquilo até uma caçamba de lixo no quarteirão seguinte.

Então, fui para o meu quarto, tomei banho, joguei fora as minhas roupas e sentei-me no escuro, de frente para a janela. Abri uma garrafa de um uísque melhor e fumei alguns cigarros, olhando para fora enquanto balançava os joelhos e cerrava os punhos.

Por volta de uma hora da manhã, um Cadillac comprido e escuro entrou no estacionamento, a parte da frente quadrada rompendo a escuridão com suas luzes. Não era o tipo de veículo que você esperaria ver por ali. As janelas eram escuras e o motor fazia pouco barulho, mas dava para ouvir o seu discreto e poderoso rosnado.

Rocky saiu do lado do carona. Ela cambaleou um pouco sobre o salto alto, e parecia estar usando um vestido novo, muito apertado, algo como a pele de uma zebra. Ela fechou a porta e meio que cambaleou para trás, como se estivesse bêbada. Quando o carro se afastou e a iluminou, deixando-a ofuscada pelos faróis, e eu a vi fazer uma pausa e levar a mão espalmada à boca ao ver a minha caminhonete.

Assim que abri a porta, seu rosto exibia uma expressão presunçosa e deslumbrada, mas quando me aproximei essa expressão desapareceu. Ela ficou assustada, mas conseguiu dizer “*Roy*” em uma voz alta e esganiçada.

Não me detive. Segurei-a pelo pulso e puxei-a para o meu quarto.

Joguei-a lá dentro. Ela caiu de joelhos e bateu a cabeça no colchão um tanto dramaticamente, e eu chutei a porta para fechá-la. Puxei a cortina.

— *Roy, espere.* — Ela recuou lentamente no chão. — Espere.

O vestido subiu nas suas pernas e uma das tiras soltou de seu ombro. Pude ver uma contusão acinzentada na parte superior da sua coxa.

— Você não devia usar rímel — falei. — Não sabe usar. Fica ridícula.

Ela tentou dizer algo quando tirei o meu cinto, mas, quando viu meu olhar, ficou sem voz e seus olhos se arregalaram voltados para a fivela do cinto. Ela achou que tudo se resolveria, que seria capaz de falar, me xingar e escapar dessa.

— *Pensei que você tivesse ido embora!* — disse ela.

Puxei-a pelo cabelo e segurei-a de modo que ela tivesse que ficar na ponta dos pés para preservar o couro cabeludo, e as lágrimas escorreram pelos declives íngremes das suas bochechas.

Apenas olhei para ela naquela posição. Seu nariz estava inchado, vermelho, e seus olhos chocados piscavam atrás de um brilho úmido, o branco repleto de vasos vermelhos. Provavelmente ainda estava doidona. Seu peito arfava.

Dei-lhe um tapa no rosto e ela caiu na diagonal da cama.

— Aquele cara, o Tray, ele me disse que você *sabia*. Ele me mostrou aquele jornal! — gritou Rocky.

— Minha vida — falei. — A vida dessa menina. Você contou a ele sobre nós?

— O quê... não...

Dobrei o cinto e estalei-o entre as mãos.

— Roy, Roy — gaguejou ela, chorando e erguendo as mãos. — Aquele cara, Tray, me fez perguntas sobre você. Naquela manhã em que estávamos todos ali fora, ele me perguntou como eu o conheci. Disse a ele que você era um cara durão, nosso tio, e meio perigoso. Só isso. *Achei que você tivesse ido embora.* Ele me pagou umas cervejas. Isso foi tudo o que eu disse para ele. Ele me mostrou o... *jornal...*

— Todo aquele papo sobre ser sincera. Você não pensou em me dizer que é uma assassina?

Ela apenas balançou a cabeça e olhou para o chão.

— Você não entende. Ele... *ele...*

— Você me usou. E usou a menina.

Ela negou com a cabeça.

— E começa a se prostituir assim que eu saio.

— *Que você sai?* Pensei que tivesse *ido embora.* Você não disse nada. Apenas desapareceu. Então esse tal de Tray me ofereceu uma cerveja, disse que você tinha levado suas coisas. Eu tinha que arranjar algum dinheiro, cara. O que esperava que eu fizesse? O que você tem a ver com isso?

Ela parecia atordoada demais para ficar de pé, e sua cabeça pendia em seu pescoço, a voz arrastada.

— Onde arranjou esses hematomas?

Ela puxou a saia para baixo e deu de ombros, dobrou as pernas.

— No mesmo lugar onde arranjou o vestido?

Ela gemeu, um som longo e gago, como se não conseguisse respirar, e esmagou o rosto nos joelhos, respirando em espasmos.

— Meu Deus, sou idiota para caralho. — Eu me agachei ao lado dela e deixei a pesada fivela oscilar diante dos seus olhos. — Nada disso importaria

se você não estivesse com aquela menininha. Você a tirou de casa e, agora, a meteu *nessa confusão*. E a mim. E se você for pega no flagra vendendo a bunda? E aí? Quero dizer, porra, você sabe que isso é ilegal, não sabe? Vamos esquecer toda a questão da dignidade, da segurança e essas besteiras, mas que *merda* você está *fazendo*?

Agarrei-a pelo queixo com força e ergui seu rosto. As narinas infladas e seu olhar paralisado tinham um fervor fanático que me pareceu uma verdadeira loucura, pouco contida.

— Aquela mulher ali? *Levante a cabeça*. Olhe para mim. Aquela mulher ali está prestes a chamar a polícia por sua causa. Falou em chamar a assistência social para Tiffany. Vai dizer que uma prostituta abandonou a filha. Você sabe para onde Tiffany vai? Sabe como é um orfanato? Está me ouvindo? Olhe para mim. Você não tem tempo de chorar por você mesma, seu monte de merda.

Ela virou o rosto de novo e balançou a cabeça. Disse *não* diversas vezes.

— Eu sinto muito, eu sinto muito, *eu sinto muito!*

— Pare com isso. Eu não me importo. Você vai estragar tudo o que tem e quer fingir que é burra demais para saber disso.

Mantive o olhar de ódio direcionado a ela até Rocky parar de ofegar. Eu a ergui pelos braços.

— Fale comigo *agora*. Diga-me o que você pensa que está fazendo.

— Não era minha intenção. Quero dizer, perdi a noção do tempo.

— Com *Lance*? O que foi aquilo? E quanto ao que aconteceu em Nova Orleans? E sobre sua amiga no quarto?

Ela sibilou para mim:

— O que estou... *Como eu poderia cuidar dela? Hein?* Precisávamos de *dinheiro*, Roy! *Você foi embora!* — Ela limpou o nariz e ajustou o vestido. —

Você não vai continuar aqui. Sei disso. Então, o que eu poderia fazer? *O que você tem a ver com isso?* O que eu poderia fazer?

— Acho que há algumas centenas de respostas para esta pergunta antes de chegar à prostituição. Quem era aquele sujeito? No Cadillac?

— Um homem. Só isso. Eu o conheci outra noite. Ele ia passar alguns dias na cidade e queria companhia. Ele me deu um bom dinheiro. Posso pagar mais uma semana aqui, conseguir comida. Mais algumas roupas.

— Olhe para você.

— Você acha que eu me importo?

— Não. Não sei bem com o que você se importa. Não consigo imaginar. Olhe para você. Cheirou demais.

— Não. E-eu não...

Mas então ela começou a chorar mais uma vez, fingindo ser incapaz de falar. Ela se enroscou na cama e apoiou a cabeça nas mãos.

— Droga. Poderia ter sido legal, Rocky.

— Onde você foi? *Onde você foi?*

— Como se fosse culpa minha. Não tenho mais motivo para ficar perto de você. Entendeu?

— Tanto faz.

Enrolei o cinto ao redor da mão e fiquei de pé acima dela. A única lâmpada projetava sombras longas e pontudas pelo quarto e iluminava seu rosto com padrões macabros. Maresia e vestígios do odor úmido e almiscarado de seu sexo. O couro rangeu ao redor dos nós dos meus dedos. Eu não queria, mas era como bater em um cão que você amava.

É importante ensiná-lo. Mas é uma pena que esta seja a única maneira pela qual um animal idiota consegue aprender.

Entretanto, como o impacto de uma carga de escopeta, um daqueles acessos de tosse me atingiu, e os pesos chocaram-se no meu peito. Curvei-

me, tossindo desesperadamente, e cuspi um catarro salpicado de sangue.

Estrelas explodiram nos meus olhos, minha cabeça flutuou. Eu não conseguia recuperar o fôlego e caí de joelhos. A dor era sufocante. A cada tosse sentia como se meu peito estivesse sendo atingido por uma marreta. As costelas doíam, o interior estava machucado, flashes de luz dançavam em minha visão e eu podia imaginar a velha Sra. Morte avançando através dos meus tecidos moles, cada tosse um golpe da sua foice.

— Roy? — Ela se aproximou. — Roy? Vamos lá, cara. Você está... será que eu devo ligar?

Estendi o braço para detê-la. Agarrei-lhe a mão e apertei-a com muita força, segurando-a como se fosse uma âncora enquanto tossia — rugidos, arranhados, sons ressecados —, mas ela não me soltou. Rocky segurou minha mão com as dela e a apertou até eu parar. E continuou segurando-a depois disso.

Quando passou, precisei de algum tempo para me recompor, e, quando o fiz, meu rosto estava molhado de lágrimas e catarro. Olhei para ela e dava para notar que Rocky vira o medo em mim.

Limpei a boca, mas não havia sangue.

— O que mais vai ser necessário? — Ofeguei. Soava como um velho, alguém que gargarejara um produto de limpeza. — O que mais? O quê?

— Não. Só não nos abandone, cara. Eu não *posso*...

Ela enxugou o rosto, apertou minha mão com mais força e, em seguida, a soltou.

— Meu Deus.

Ela coçou a palma de uma das mãos com os dedos da outra e olhou para mim, nervosa.

— Não deveria procurar um médico?

— Você precisa de um meteorologista para lhe dizer que está chovendo?

— Mas você está doente, sabia? Sei que não quer que eu o lembre disso. Mas não está fazendo nada a respeito. Está apenas bebendo. Fumando.

— Minha doença não é dessas que podem melhorar.

— Roy... — Seu rosto se voltou para cima, lentamente, como uma criança que começa a perceber a gravidade de alguma má notícia. — Em Orange, eu, eu...

Sua gagueira piorou e, então, ela levou ambas as mãos à boca.

— Acalme-se. Você está bem. Ninguém vai ligá-la àquilo. Eu me livrei da arma.

Ela olhou para o próprio colo e começou a chorar, mas de um jeito diferente, com tristeza.

— Ei. Acabou. Está feito. Foi feito. Você não será incriminada. A única pessoa com quem precisa acertar isso é consigo mesma.

— Estou tão... — Ela balançou a cabeça. — Você não sabe. Ele costumava dizer, dizer para mim, *que a culpa era minha...*

Uma tristeza envergonhada estremeceu no rosto de Rocky, e ela voltou a parecer uma menina, e eu podia sentir quão profundamente ela odiava a si mesma.

— Não duvido que ele tenha merecido. Entendeu? Não tenho *dúvida alguma*. Se você tivesse me dito, provavelmente eu teria feito isso. Não importa. Está feito. Você precisa esquecer.

Levantei-me, ajudei Rocky a se erguer e quando baixei a mão no seu ombro, ela pousou a cabeça no meu peito e começou a chorar.

— Com essas coisas é assim: você não precisa sentir. Pode escolher o que quer sentir e o que não quer. Fique com o que quiser. Se algo não funcionar, descarte.

Ela apertou os braços ao meu redor com força.

— Você acredita em inferno, Roy?

— Não — respondi. — A não ser aqui na Terra.

— Preciso pegar Tiffany. Tenho que...

— Acertarei tudo com Nancy. O único motivo de ninguém ter chamado a polícia foi que elas amam muito a menina.

— Eu sei. Elas amam. Foi o que pensei, Roy, quando, quero dizer, eu sabia que aquelas senhoras não deixariam que nada de ruim acontecesse com ela ou...

— Você não pode fazer isso.

— Não. Eu sei.

Seus joelhos vacilaram, e eu a coloquei sentada na cadeira. Ela ainda precisava falar.

— Então, me fale sobre ele.

— Não quero.

Ela balançou a cabeça. Pensei um pouco.

— Ela não é sua irmã, certo?

Ela lançou um olhar chocado para mim, depois baixou a cabeça novamente e começou a chorar.

— Tudo bem — falei. — Está tudo bem.

— E eu a *abandonei*. Eu a deixei para trás.

Eu não sabia o que responder e apenas a deixei ali sentada até recuperar o fôlego. Esfreguei meu peito e esperei por ela.

Quando ela falou, a voz estava baixa, mas controlada por uma nova sobriedade.

— O que aconteceu foi que fiquei doente. Minha mãe não estava em casa. Às vezes, ela deixava a cidade para ir trabalhar em uma convenção ou algo assim, apenas por alguns dias. Mas ela não estava em casa. Eu tinha pegado uma gripe ou coisa parecida por ter passado a noite debaixo de uma ponte. Mas isso é outra história. O fato é que quando voltei para casa, eu

estava com febre e tive que ficar na cama. Éramos só eu e Gary, então ele levou a TV para o meu quarto, e me lembro de ter pensado que aquilo fora muito legal da parte dele. Não tínhamos remédios em casa, e ele estava bebendo direto no gargalo de uma garrafa. Disse que aquilo era bom quando você ficava doente. Que a mãe dele dava um pouco de uísque para ele e para seus irmãos quando ficavam resfriados. Então, Gary ficou sentado ali comigo assistindo à TV, e de vez em quando me oferecia um gole em um copinho descartável. Eu lembro que era em um copinho descartável. Depois de um tempo eu estava me sentindo melhor, mais feliz, e não me importava de estar doente. E ele me contava piadas e nós ríamos do que estava passando na TV. As luzes estavam bem baixas, havia apenas algumas velas e a TV, e ele estava sentado ao meu lado na cama, o que não me incomodou porque eu estava ficando muito feliz. Mas ele era tão gordo que a cama afundava, então acabei rolando para o lado dele enquanto eu caía no sono. E aí, não sei, já era tarde, eu meio que despertei, só que eu já devia estar acordada. Realmente não sei como aquilo aconteceu. Mas acordei e estava acontecendo. Ele estava em cima de mim. — Ela balançou a cabeça, confusa, como se aquela fosse a história de outra pessoa. — Ele era tão gordo... Eu não conseguia respirar. Ele tinha espinhas nos ombros, grandes aglomerados vermelhos, e cheirava a lagostins, a lama.

Pensei em coisas às quais você não é capaz de sobreviver, mesmo que elas não o matem.

Ela continuou:

— De qualquer modo, quando minha mãe voltou, não sei, acho que ele contou alguma coisa para ela. Disse que tinha sido culpa minha ou algo assim. O fato é que ela ficou diferente comigo. Eu sentia vontade de gritar toda vez que o via. Eu não sabia como as coisas funcionavam. Não entendia o que estava acontecendo. Minha barriga começou a crescer e minha mãe

simplesmente foi embora. Então, Gary começou a dizer que aquilo poderia ser uma coisa boa. Ele poderia conseguir benefícios do governo. — Ela baixou a cabeça e a apoiou na mão. — Minha barriga começou a crescer e eu não podia sair de casa. Ele só me levou para o hospital no fim.

Inclinei-me para ela e disse:

— Vá para o seu quarto. Tome um banho ou algo assim. Relaxe, deixe isso para lá, *acalme-se*. Ponha a cabeça no lugar. Isso, o que você estava fazendo, acabou.

— O que você...?

— Vou ficar no meu quarto. Também tive uma noite longa. Pela manhã, falarei com Nancy. Terei pensado em algo até lá. Não podemos mais ficar aqui. Temos que ir embora.

— Tudo bem. Certo. Desculpe.

— Esquece.

— Me desculpe por tê-lo obrigado a ouvir todas essas coisas.

Abri a porta para ela, Rocky saiu, mas parou por um segundo ao ver a moto de Tray do lado de fora do quarto. Ela olhou para mim por cima do ombro e não disse nada. Permaneci à porta, observando-a andar até o quarto, e ela se voltou mais uma vez para me olhar, como se eu pudesse ter desaparecido, e então entrou.

Passei algum tempo nas primeiras horas da manhã tentando descobrir qual era a próxima coisa certa a fazer. Eu queria que aquelas meninas ficassem com algum dinheiro. Rocky tinha dentro de si um medo adquirido do que realmente significava não ter condições.

Talvez ela continuasse fazendo o que fazia de qualquer maneira. Eu não tinha certeza se isso importava.

Cociei o peito, que estava sensível e dolorido por dentro devido à violência do meu acesso de tosse.

Minha doença apressara as coisas. Acredito que, se eu tivesse uma vida pela frente, poderia ter mantido aquelas garotas, tentado fazer com que elas ficassem bem durante algum tempo. Mas eu simplesmente não duraria tanto.

Observei a fumaça do meu cigarro rodopiar pelo papel de parede ondulado e, à medida que o nível da garrafa baixava e os meus pensamentos ficavam intuitivos, maníacos, um plano gradualmente tomava forma.

Peguei a pasta que encontrei na casa de Sienkiewicz.

Acertei as coisas com Nancy e, ao menos temporariamente, ela pareceu satisfeita com o bem-estar de Tiffany. Falei para ela que iríamos embora. Comecei a me afastar e ela perguntou:

— Você viu o Sr. Jones por aí?

Parei e balancei a cabeça.

— Eu o vi ontem, rapidamente, à tarde. Para perguntar sobre Rocky. — Olhei para o quarto dele. — A moto ainda está lá.

Ela não fez nenhum comentário.

— Ele está devendo aluguel do quarto?

— Não. Na verdade, ele ainda tem alguns dias.

Eu não disse mais nada e fui até o quarto das garotas. Rocky estava sentada na cama atrás de Tiffany, acariciando o cabelo da menina enquanto assistiam a um talk show na TV.

— Você precisa ficar com a sua irmã hoje — falei. — Comporte-se. Daqui a pouco eu volto.

Ela parecia castigada e exausta, tinha os ombros caídos e perguntou baixinho, sem se virar para mim:

— O que vai fazer?

— Estou trabalhando numa coisa. Volto mais tarde. É para o bem de vocês.

— Tudo bem.

Ela examinou o cabelo de Tiffany, o rosto passivo e descuidado. Seus dedos se moviam automaticamente, alheios.

Dei-lhe algum dinheiro e dirigi até San Marcos para abrir uma conta bancária no First National.

Eu relera os papéis na pasta. Manifestos de carga, carga e descarga de mercadorias, notas manuscritas que registravam o desaparecimento de

alguns contêineres, os quais estavam destacados com círculos de tinta vermelha e duplamente registrados em um bloco de contabilidade que descrevia pagamentos e perdas durante transporte em um estilo surpreendentemente simples de registro, sem códigos para decifrar ou cifras flutuantes entre as margens. O nome Ptitko aparecia diversas vezes. Acho que Frank Sienkiewicz pensou que aquilo lhe serviria como uma espécie de seguro, algo que o manteria a salvo.

Muito estúpido, na verdade. Talvez ele estivesse tentando fazer um acordo com a promotoria e fora denunciado. Talvez tenha ameaçado Stan com aquilo. Não sei.

O First National tinha filiais em toda parte, incluindo Nova Orleans, e eu poderia telefonar de qualquer lugar e ter acesso ao saldo da conta apenas digitando alguns números.

Na época, tudo o que você precisava para isso era de uma carteira de motorista e de outra forma secundária de identidade. Vinculei a conta ao endereço de correspondência da minha carteira de motorista, em algum lugar em Alexandria.

Isso tomou a maior parte do meu dia, e, quando voltei no fim da tarde, fui ver as meninas. Rocky tinha ido para a cama. Estava deitada olhando para o teto enquanto a TV zumbia e Tiffany se entretinha com um urso de pelúcia que as senhoras haviam comprado para ela.

— Ei. Você está bem?

Ela piscou para o teto, que era um mapa cinza e marrom de manchas de infiltração.

— Está se sentindo mal?

— Não.

— Então, o que está acontecendo?

Ela falou secamente e com a boca frouxa, mas seus olhos se estreitaram de leve e pareciam estar se concentrando, como se ela estivesse assistindo a um filme no gesso manchado do teto.

— Estou relaxando, só isso. Só estou cansada, Roy.

A menina arqueou a cabeça para trás para nos olhar, e o urso pendeu frouxamente das suas mãos, que seguravam o pescoço do brinquedo como se ela o estivesse sufocando.

— Você não está doente? — perguntei.

— Não, não estou. Sério.

Tiffany nos olhava alternadamente, em busca de pistas, e uma pontada de medo pulsou nas minhas costas. Perguntei-me, talvez pela décima vez, o que o futuro lhe reservava, e pensei naquela garota na parada de caminhões em Amarillo.

Rocky voltou a falar:

— Estou apenas descansando, Roy. Só estou me acalmando e colocando a cabeça no lugar. Não se preocupe. Vou ficar bem. — Suas pupilas se moviam como se estivessem seguindo algo em movimento. — Uma boa noite de sono e ficarei bem.

— Vou sair de novo. Apenas por algumas horas. Depois, não terei mais que sair. Então, não quero que você fique preocupada. Cuide da sua irmã e eu estarei de volta mais tarde. Aqui estão trinta dólares. Peça uma pizza ou algo assim.

— Tudo bem.

Tiffany torceu o urso de pelúcia nas mãos, batendo os braços.

— Pensei que talvez pudéssemos sair amanhã — falei, e isso soou um tanto idiota, mas senti que precisava deixá-la com alguma coisa, com algum tipo de promessa que pudesse confortá-la durante a noite. — Talvez apenas nós dois. Jantar. Algo assim.

— Claro. Gostei da ideia, Roy.

— Certo. Bem, nos vemos daqui a pouco, meninas.

— O que você vai fazer?

— Vou dar um telefonema.

O ar lá fora estava negro e sem estrelas, e a chuva parecia certa na densa atmosfera. Um dos faróis dianteiros da caminhonete estava falhando e mais adiante, a lanterna do lado esquerdo piscou e diminuiu de intensidade, um fio de luz ligava e desligava. Achei melhor fazer o telefonema longe da cidade, para o caso de eles terem como descobrir o código de área ou algo assim. Dirigi algumas horas por Louisiana, até Leesville. Só por garantia.

O telefone público ficava do lado de fora de um posto de gasolina abandonado, a terra fofa afundando em um dos lados. Os preços dos combustíveis nas placas do posto estavam todos em branco e as janelas do escritório ao lado da garagem tinham sido cobertas com sacos de lixo que foram cortados e esticados nas molduras. Pensei nos sacos que eu comprara para Tray, e minhas mãos começaram a tremer. Ao telefone, tomei alguns goles de uma garrafa de J&B e fumei um cigarro. A densa floresta que margeava a antiga estrada fervilhava de insetos, as ervas daninhas brotavam como cabelo duro por entre as fraturas do concreto no estacionamento e o poste de luz cor de giz amarelo debruçava-se sobre a cabine de telefone como uma mãe protetora. Fora do alcance da luz, as árvores chacoalhavam ao vento.

Quando o cigarro terminou, fumei outro. Então, segurei o receptor em minha mão, inseri as moedas e disquei.

Tive que falar primeiro com o barman, George, e quase perguntei como estava a sua orelha.

— Diga que é Roy.

Alguns longos minutos se passaram até ele atender. Ouvi os insetos e observei as mariposas e os mosquitos tentando subir em direção à luz amarelada. Antes de ele falar, ouvi um clique, um ligeiro aumento na estática, mas sabia que ele tinha aquela coisa ligada à linha do escritório, o que evitava que alguém ouvisse suas ligações.

— Só pode ser alguém de sacanagem comigo — disse a voz do outro lado. Era profunda e áspera como a de um sapo-boi, ao mesmo tempo em que também soava formal, impregnada por seu sotaque de Nova Orleans, e ele sempre enunciava com precisão. — É você mesmo?

— Sou eu mesmo.

Ouvi-o tragar um cigarro e escutei o crepitar do tabaco queimando. Pensei em Carmen sorrindo para ele por cima do ombro. Eu me sentia exposto sob aquele poste, sozinho com a estrada vazia, a escuridão gritante.

— Um belo trabalho — disse ele. — Quero dizer, aquilo foi impressionante.

— Não tive escolha.

— Não. Eu entendo. Nós limpamos tudo. Mas que merda. Eu já estava me perguntando se ouviria falar de você outra vez, sabia?

— Surpresa.

Ouvi seu cigarro crepitar e estalar baixinho e podia imaginar seu rosto redondo e franzido, o desprezo naquele olhar fixo e calculista e a fumaça exalando das narinas.

— Você vai voltar para cá? — perguntou.

— Acho que não.

— É. Imaginei.

— Mas por quê? Eu não entendo.

— Por que o quê? — perguntou.

— Por que você fez aquilo conosco, Stan? Quero dizer, *para quê?*

— Você entendeu errado, Big Country. Não fomos nós. Foram os armênios. Eles tinham os próprios problemas com o sujeito. Assuntos deles. Vocês apenas apareceram na mesma hora. Azar nosso. Eles não queriam pegá-los. Estavam ali atrás dele.

— Sério?

— Claro. Foi só azar. Mas, ei, azar para eles também, certo?

— Você está falando sério?

— Palavra de honra.

Estudei meu reflexo no vidro manchado e rachado da cabine. Eu não parecia comigo mesmo. Tinha perdido uns quatro quilos na última semana e todo o meu cabelo havia caído.

— Só que você nos falou para não levarmos nenhuma arma. Lembra?

Ele não disse nada. Acho que deve ter apagado o cigarro.

— Stan?

— Ah. Tudo bem. Você me pegou.

— Se tiver esse tipo de problema com todo mundo que já trepou com ela, vai ter que se livrar de algumas centenas de caras.

— Cuidado com o que sai dessa merda de boca, Big Country.

— Matar a gente assim, e por quê? Por *ela*? Isso é grotesco.

— Ah, mas não é isso. Você. Angelo. Vocês não eram fundamentais para a empresa, sabia? O negócio era o seguinte: por que não fazer isso? Era como esmagar uma aranha. Três coelhos, uma cajadada. Vocês dois iam até Sienkiewicz. Então? Por que *não* fazer isso? O motivo é porque eu quis assim, porra. Porque *eu decidi*.

— Sua cabeça é uma cova de cobras.

— Ah, você entendeu.

Engoli em seco e inspirei profundamente. Concentrei-me nas folhas ondulantes que delineavam a borda da escuridão.

— Bem — falei. — Eu tenho uma coisa.

— O quê?

— Manifestos de carga. Registros. Um livro-razão que explica claramente transações de bens. Seu nome em toda parte. Uma carta muito longa e detalhada explicando algumas operações. Tudo na caligrafia do sujeito. Acho que era isso que os supersoldados queriam.

Ouvi algo quebrar no outro lado da linha.

— *Você é uma pedra no sapato* — amaldiçoou. — Uma pedra no *meu sapato...*

— No *seu* sapato, então. Você pediu por isso, seu polaco gordo *filho da puta*. Era por isso que eles estavam lá, certo? Por essa coisa que Sienkiewicz juntou.

Estática na linha. Os insetos preenchiam o cone de luz como flocos em um globo de neve. Movimento: sombras caíam das árvores ao sul. A estrada se iluminou quando faróis explodiram. Um motor roncou e meu coração disparou quando uma van passou por mim, cegando-me por um instante e me impregnando com vapores de gasolina, esticando a minha sombra pelo terreno.

— De onde você está ligando? — perguntou Stan.

— Não importa.

— O que você quer?

— Setenta e cinco mil. Depositados.

— Hum.

— É uma pechincha.

— Acho que é um pouco de mais.

— Enviarei cópias. *Times-Picayune*. Baton Rouge. Um jornal nacional. O original para os federais. Está escrito “Ptitko”. Bem aqui. Em quase todas as páginas: “Ptitko”.

— Ainda assim.

— Pegue uma caneta, porque estou quase desligando.

— Mas, olhe só, que garantias eu tenho?

— Você pode ter certeza de que se algo acontecer comigo isso vai ser divulgado de qualquer maneira.

— Não quero ouvir falar disso pelo resto da vida. Não quero que você volte a me ligar depois de receber o dinheiro.

— Acho que você vai ter que descobrir que a minha palavra é melhor do que a sua. Enquanto eu estiver respirando, isso fica em segredo. Li sobre o sujeito responsável, o procurador federal, Whitcomb. Li no jornal que ele está furioso com o desaparecimento de Sienkiewicz. — Ele não reagiu. — Isso é tudo. Terminei. Tem uma caneta?

— Espere.

— Não.

Li o número da conta no First National. Disse para ele fazer o depósito até as dezesseis horas do dia seguinte ou eu iria até uma agência dos correios. Então desliguei.

Minhas mãos começaram a tremer novamente e meus joelhos enfraquecidos vacilaram. Dei um longo gole no J&B. Saí da cabine e vomitei. Mosquitos e borrachudos voaram sobre a bile e circundaram minha cabeça como uma coroa.

Meu único farol, que estava quase apagando, iluminou o caminho na viagem de volta. Continuei bebendo da garrafa e mantive o rádio desligado. Meu pé ficava escorregando do pedal do acelerador.

Na ilha, fogueiras esparsas tremulavam nas praias. O vento marítimo soprava forte. Contudo, afora a placa mal iluminada e uma luminária no escritório, o motel estava às escuras. A churrasqueira de Lance estava novamente do lado de fora da sua porta.

Olhei através da brecha nas cortinas do quarto das meninas e o tênue brilho azulado da TV ondulava sobre elas. Rocky tinha se enrolado sob as cobertas e Tiffany estava deitada ao seu lado, com pernas e braços soltos dentro de uma grande camiseta. Tive a mesma sensação assustadora de quando era criança, quando meu estômago doía, minhas costas travavam e eu tinha vontade de vagar sozinho pelos campos durante dias, como um cão doente.

No dia seguinte, mencionei para as duas senhoras que iríamos embora. Era mais um dia claro, molhado, salgado e úmido. Deixaríamos Tiffany ir à praia uma última vez, e elas perguntaram se poderiam vir conosco. A caminhada foi lenta por causa delas. Eu carregava suas cadeiras de alumínio e Rocky levava um grande saco de lona com as toalhas e as coisas de todo mundo. Ela estava mais acessível naquele dia e de manhã me perguntou aonde iríamos no nosso grande encontro. Eu tinha esquecido que sugerira aquilo.

Ainda assim, ela parecia tomada por uma tristeza entediante. E havia certa resignação que eu vira no rosto das pessoas por toda a minha vida — pessoas desistindo, atravessando para aquele lugar sem se opor — e eu queria mudar isso.

As mulheres usavam suas roupas escuras de poliéster até mesmo para ir à praia e se arrastaram pela areia com Tiffany, usando suas meias grossas e marrons, mas, mesmo assim, suas varizes eram visíveis como rabiscos escuros. A brisa fez minha grande camisa havaiana ondular enquanto eu armava as cadeiras. Sentaram-se com muito cuidado com seus chapéus de abas largas e lentes escuras que adaptaram sobre os óculos de grau. Rocky parecia tímida quando tirou a roupa ao lado das mulheres e elas a olharam. Fiquei algum tempo sentado na areia junto às irmãs e todos observamos Rocky levar Tiffany até a arrebentação.

Dava para ver o hematoma na sua coxa, mas ela ainda tinha uma boa aparência, aquele corpo esbelto e a pele pálida e rosada, os músculos flexíveis e uma bunda realmente de primeira. Acredito que uma parte de Rocky era aquela grande beleza que ela ainda não deixara desabrochar, porque nunca encontrara um lugar adequado para ela.

Rocky levou Tiffany até a água. A menina ainda estava assustada e encolhia-se com as ondas, mas então gargalhava quando quebravam sobre

ela. Isso também fez Rocky rir, e ela ergueu a menina e deixou as ondas varrerem suas pernas. Podíamos ouvir as suas risadas misturando-se ao sibilar da água.

Outras pessoas também estavam ali, e mais apareceram. Famílias, crianças e adolescentes, rapazes bronzeados com cabelos desbotados pelo sol, que olhavam para Rocky ao passarem.

As senhoras riam e cacarejavam quando os gritos de Tiffany chegavam à areia. O suor escorria pelas papadas das mulheres e elas o enxugavam com um lenço compartilhado.

— Ela é tão alegre... Tão afetuosa... — disse Dehra.

— É, sim — falou a irmã. — Tem uma boa disposição.

— Eu, hã, agradeço por terem tomado conta dela — falei.

— Ela é muito especial.

— É, sim.

— Também acho. — Esperei um pouco e acrescentei: — Talvez elas acabem ficando por aqui mais algum tempo depois que eu for embora.

Seus rostos admitiram apenas uma leve confusão sob os grandes chapéus e óculos escuros.

— As duas precisam que as pessoas sejam legais com elas. Essa menininha precisa de pessoas cuidando dela caso elas acabem ficando por aqui.

— O que você quer dizer? — perguntou Dehra.

— Quero dizer, se eu não estiver por perto. Se a criança precisar de alguma coisa.

— Ah.

Elas se entreolharam.

— Sei que todas vocês vão cuidar dela.

— Bem, você sabe, nós realmente nunca...

— Está tudo bem — falei, acenando com a mão.

Levantei-me e fui até a margem. A areia sugava os meus pés e fazia pesar as minhas pernas.

Da água, elas sorriam para mim, e Tiffany ergueu os braços e balançou as mãos para que eu a erguesse. Eu me aproximei, agarrei-a sob os braços e ela berrou quando a joguei para o alto, batendo as pernas e gritando para aproveitar ao máximo a fuga da gravidade. Caindo na água, o sal picando.

As covinhas de Rocky pareceram sinceras por um segundo, e ela alisou o cabelo molhado sobre o couro cabeludo. A luz refletida pela água brilhava em sua pele, em seus olhos e em seus dentes, mas eu continuava olhando para aquelas pequenas nuvens cinzentas na sua coxa.

— Você já decidiu aonde vai me levar para jantar? — perguntou ela.

Eu me virei e olhei para a praia. Uma das duas mulheres estava baixando uma pequena câmera que tinha trazido. Em seguida, apenas ficaram ali sentadas, imóveis com suas roupas escuras, como freiras, seus rostos inexpressivos e sombreados. Algo a respeito daquela duplicação parecia conspiratório. Pensei na conta bancária.

O escritório estava tomado por três buquês de flores frescas, presentes de Lance, foi o que supus. Eu ia pagar Nancy para cuidar de Tiffany naquela noite, mas as senhoras pediram para ficar com ela, o que me surpreendeu por causa da relutância delas quando mencionei isso na praia. Fui ao supermercado e aluguei alguns desenhos animados para elas assistirem.

Por volta das quatro e meia, telefonei para o First National e o dinheiro não estava lá, apenas os cinquenta dólares que eu usara para abrir a conta.

Parei em uma meia cabine ao lado de uma bodega onde mexicanos na calçada forravam os seus estômagos e bebiam cervejas escondidas dentro de sacos de papel. Não importava de onde eu ligasse. Iríamos embora na manhã seguinte.

— Que *porra* é essa? — falei ao telefone.

— Precisei fazer algumas transferências, mas não estarão disponíveis até amanhã. Eu queria lhe avisar, mas você não deixou nenhum número.

— Os pacotes estão prontos, carimbados e endereçados.

— Pare com essa merda, por favor. Se você quiser, o dinheiro vai estar lá amanhã. É tudo o que posso dizer.

Desliguei. Os mexicanos me olharam quando comprei uma cerveja e já na calçada tomei um rápido gole dela. Eles me olharam nos olhos, o que não é comum, e seus olhares silenciosos e antipáticos pareceram me julgar, assim como o daquela menina em Amarillo. Continuaram me olhando quando entrei de volta na caminhonete.

Quase saí correndo dali.

Acho que Rocky fizera algumas compras. Vestia uma bela roupa, uma saia longa estampada com centáureas e uma regata com um decote alto cuja discricção parecia ter a intenção de me agradar. Mas eu não queria pensar em como ela conseguira dinheiro para comprar aquilo.

Rocky parecia animada, como se aquilo fosse algo normal o bastante para trazê-la de volta àquele estado de resistência no qual se esforçava para ser sincera e dizer a verdade. Chegara a aplicar o rímel corretamente, uma fina pincelada que transformou seus cílios em penas escuras, e pensei que aqueles poderiam ser os olhos da mulher que ela se tornaria um dia.

Lance instalara o videocassete no quarto das irmãs, e eu os vi levar Tiffany enquanto ela pulava e analisava as duas fitas que eu alugara.

Na saída passamos no escritório e Lance estava em frente ao balcão. Ele olhou para nós e, então, voltou a fazer algum tipo de apelo fervoroso para Nancy, que estava com os braços cruzados e também olhou em nossa direção.

— Aonde você quer ir? — perguntei. — Ao Centro? Em um daqueles lugares elegantes?

Ela pensou e balançou a cabeça.

— Em algum lugar como aquele onde bebemos pela primeira vez. Quando nos conhecemos, lembra? Em Lake Charles. Aquilo foi legal. Um bar country ou algo assim.

— Tenho certeza de que podemos encontrar um desses.

Os últimos raios de sol caíam sobre nós, e ela falou sobre como gostava do mar dali e da música no rádio. Ela estava me deixando de bom humor, e me senti um tanto ridículo por isso, por ter alguma ilusão de liberdade naquele ar marinho que entrava pelas janelas, nas fogueiras e nas ondas.

Tentei falar sobre que tipo de coisas Rocky poderia vir a fazer algum dia, mas ela continuou puxando assunto sobre o clima, sobre o mar.

Dirigi para oeste em direção a Angleton, onde não havia escassez de bares de beira de estrada. Escolhemos um grande, chamado Longhorn's, um belo lugar construído com longos troncos de ciprestes, apenas um pouco caro demais para quem estivesse atrás de confusão. Tinha um estacionamento coberto de cascas de ostras e várias caminhonetes estacionadas em ângulos aleatórios à frente.

Havia mesas com grossas camadas de verniz dispostas sobre uma pista de dança de madeira nobre e uma pequena plataforma elevada para um DJ e uma banda. Alguns lampiões pálidos emprestavam um brilho sépia para cenas de filmes de caubói penduradas nas vigas. Circundando um lado das mesas, um bar ocupava toda a parede, e comprei para nós uma jarra de Lone Star.

Ela me esperou com as mãos cruzadas sobre a mesa de modo decoroso, costas eretas. Eu a servi, e ela agradeceu com uma formalidade encantadora, como se estivesse tentando representar para mim.

Uma garçonete cujo nariz se enrugava quando falava deixou dois menus com a gente e me disse que ficaria feliz em trazer cerveja de agora em diante. Rocky começou a olhar a lista de pratos. Apenas hambúrgueres e filés, e pedimos à garçonete para nos dar um minuto.

Bebemos cerveja e conversamos um pouco.

— Muitas destas garçonetes ganham um bom dinheiro. Conseguem criar os filhos com isso.

Ela assentiu.

— Você também pode atender telefones e sorrir.

— Já entendi, já entendi.

Ela encheu meu copo. Acendi um cigarro para ela, ficamos ali sentados e não dissemos muita coisa até a jarra estar quase no fim. As pessoas começaram a chegar, velhos casais de caubóis em sua maioria, mulheres de calça jeans, homens usando chapéus Stetsons.

— Olhe — falei. — Aquela noite. Não quero que a gente tenha de passar por algo assim outra vez. Você não vai conseguir sobreviver.

— Não. — Imediatamente, seus olhos ficaram úmidos. — Não. Não se preocupe. Estou... — Ela balançou a cabeça e fez uma careta para a cerveja, apertando o copo com ambas as mãos. — Não sei o que é. Às vezes, há algo de errado com a maneira como eu penso. Assim... eu tenho uma ideia. É apenas uma *ideia*. Mas eu acredito nela. Tenho apenas uma ideia e ajo como se fosse real. E eu não... isso me assusta, cara. Isso me deixa com medo por causa do modo como eu ajo. Coisas que normalmente eu diria: “*O que você está fazendo, garota?*” Mas eu *acho* que estou certa. Tipo, eu acho que a ideia é real, que estou certa, e faço coisas malucas.

Sua boca estava instável, os olhos voltados para o copo no qual traçou um círculo ao redor da borda.

— Como se eu apenas *desligasse* em algum momento.

Assenti.

— Sei algo sobre isso.

Ela continuou fazendo cara feia, rodando a caneca nas mãos, os nós dos dedos esbranquiçados encostados no vidro. Então, fiz algo estranho. Estendi o braço, peguei uma das mãos dela e pousei-a sobre a mesa. Sua mão inteira cabia dentro da minha. Ela virou a mão para cima e retribuiu o aperto.

— Achei que você tinha ido embora — disse ela.

— Não fui. Sério.

— Eu sei. Agora eu sei.

A garçonete voltou a encher nossa jarra e não perguntou sobre o menu. As luzes se apagaram ao longo da pista de dança e George Strait começou a cantar, aquele sotaque forte e arrastado, e as pessoas foram para a pista, primeiro os casais mais velhos, os homens com fivelas de cinto do tamanho de corações humanos.

— Mas isso não pode continuar, Rocky. Esteja eu aqui ou não.

— Eu sei. Eu *sei*.

— Você tem uma filha agora. Acabou. Para sempre.

— Fiquei confusa.

Bebemos da nova jarra e observamos os casais girando lentamente pela pista, e, por volta da quarta ou quinta música, luzes pálidas verdes e roxas começaram a pairar sobre eles e sobre as tábuas lisas e brilhantes do piso como peixes fantasmagóricos, e a música seguinte era lenta e triste de um modo altivo. Mulheres com cabelos estufados e bundas grandes em calças jeans apertadas, o amor estampado nos rostos delas. Uma névoa de fumaça de tabaco permanecia sobre nós e absorvia a luz.

— Fiquei com medo — disse ela. — Por Tiff. Eu me preocupo com o que fiz. Tê-la trazido, quero dizer. O que eu fiz. Cara. *O que eu fiz*.

Inclinei-me e consegui que ela olhasse para mim.

— O passado não é real.

— O quê?

— Diga isso a si mesma. O passado não é real. É apenas uma daquelas ideias que você tem e pensa que é real. O passado não existe, garota.

Ela franziu a testa e sua pequena boca estava aberta, sem produzir som algum.

— Tudo começa agora. É isso aí. Agora mesmo.

Ela enxugou os olhos e virou-se para as pessoas no salão.

— Não fique muito animada — falei —, mas estou fazendo um negócio. Pode ajudá-las por algum tempo.

— O que quer dizer?

— Digamos que você tivesse algum dinheiro. O que faria?

— Quanto dinheiro?

— O bastante. Aluguel. Alimentos e contas pagas. Por um bom tempo.

Seus olhos vagaram a esmo e ela pareceu estar pensando, passando a unha distraidamente na marca de um copo sobre a mesa.

— Tudo bem. Vou lhe dizer o que você vai fazer. Você vai prestar um desses exames supletivos de ensino médio. — Ela emitiu um som de deboche, mas eu insisti: — Estou falando sério. De verdade. Você contrata alguém para ajudá-la a cuidar da menina. E vai cursar alguma faculdade.

— Faculdade?

— Isso.

— Mas como...

— Digamos que você pudesse pagar. *Isso* é o que você vai *fazer*. Eu acabei de dizer. Não importa o que vai cursar. Mas você vai aprender alguma coisa. Você é esperta. Aprenda a *fazer* alguma coisa. — Segurei as mãos dela. — Seja por você ou por Tiffany, mas vai fazer isso. — Ela olhou para mim até que a maior parte do seu medo tivesse deixado seus olhos. — Você foi forte o suficiente para viver de um jeito, então poderá viver de outro. Tudo vai começar agora.

— Está bem, Roy. Está bem.

Ouvimos o fim da música e vimos os casais terminarem os seus rodopios. Percebi que ainda segurava as mãos dela e as soltei, dobrando meus dedos de volta.

— Quando vai saber?

— Do quê?

— Do dinheiro.

— Amanhã.

— E se não der certo?

Dei de ombros e terminei meu copo.

— Vou pensar em outra coisa.

Seu olhar parecia um tanto brilhante por causa da cerveja. Ela acabou de beber, enxugou os lábios.

— Você...? — Ela deixou a pergunta morrer em sua boca.

— O quê?

Ela engoliu em seco e uniu os dedos.

— Você fez alguma coisa com aquele cara, o Tray?

— Não. — Sorri. — Provavelmente só o assustei. Disse para ele ficar longe de você e dar o fora daqui. Provavelmente está roubando farmácias em Corpus a essa altura, tentando arranjar uma dose.

— Ah.

Ela observou meu rosto por um instante, mas não havia nada ali que ela pudesse interpretar, então olhamos para as luzes giratórias na pista de dança vazia. Estava tocando Glen Campbell.

— Bem. — Seus olhos brilhantes de cerveja piscaram e um sorriso despontou no rosto dela, como persianas se abrindo no verão. — Você vai dançar comigo ou não?

Balancei a cabeça, ri, e Rocky simulou uma expressão de terror. Ela me levou para a pista com a mesma determinação gentil com que levou Tiffany para o mar, e eu estava bêbado o bastante para não me sentir totalmente ridículo.

Algumas pessoas nos olharam de suas mesas, mas não por muito tempo. Eu era bem mais alto que ela e tinha que me curvar e tomar cuidado para não pisar nos seus pés.

Ela me abraçava com o rosto apoiado no meu peito e balançava para a frente e para trás enquanto alguns caubóis e suas mulheres giravam ao nosso redor na fria penumbra, com os peixes fantasmas nadando acima de nós. O cabelo de Rocky cheirava a sol e a água salgada.

Eu não sei quantas músicas tocaram, mas acabamos não comendo. Bebemos mais um pouco de cerveja e ela me contou algumas piadas realmente boas, e lembro-me de ter rido muito.

Ela me contou histórias. Contou sobre ter ficado no banco de trás de um carro quando sua mãe foi àquele estranho encontro em um conjunto de trailers na mata. Ela falou sobre a equipe de dança da escola, da qual teve que sair quando ficou grávida. Ela me contou sobre como foi ter deixado a escola e passado todos os dias, um após o outro, naquela pequena cabana no campo.

Dançamos um pouco mais.

Já era tarde quando fomos embora, e ela caminhava com leveza, saltitando, um tanto cambaleante. Rocky me agradecia sem parar. A noite ao redor do estacionamento tinha um tom azul e uma tonalidade mais escura sob as árvores onde estacionei.

\* \* \*

À medida que nos aproximávamos da caminhonete, algo me pareceu errado. Peguei minhas chaves e percebi que o pneu traseiro esquerdo estava totalmente vazio, esborrachado. Olhei por sobre o capô e disse:

— Ei...

Homens surgiram por trás dela. Apareceram do nada. Ouvi conchas de ostras se quebrando.

Então, um cano me atingiu à altura dos olhos.

Alguém segurava meus braços. Fiz menção de resistir e minha nuca explodiu. A dor nauseante de um crânio sendo quebrado.

Eu sabia que algo em mim, na minha cabeça, havia sido quebrado.

Então, enquanto me arrastavam eu olhava para as conchas de ostras no chão que arranhavam o meu rosto e senti gosto de poeira misturada ao meu sangue. Muito sangue pingava de mim sobre as conchas. Meus braços estavam esticados para a frente. Minha visão se partira ao meio e os dois lados não se alinhavam. Ouvi gritos abafados.

Escutei a porta da van se abrir, então me bateram outra vez.

\* \* \*

Dores agudas nos ombros. Eles estavam me puxando pelos braços e me arrastavam sobre o cascalho. Havia tirado as minhas botas. Passos rangendo, respiração difícil. Tentei mover os braços, mas eles não funcionavam. Eu podia ver a parte de trás das pernas e dos sapatos deles. Estrelas se alinhavam no horizonte. Ergui o rosto e vi os ásperos tijolos marrons e a placa que dizia STAN'S PLACE. Gritei.

Eu não conseguia ver onde estava Rocky. Não podia ouvi-la, mas eu gritava.

Eles largaram os meus braços para me chutar até eu desmaiar novamente.

Despertei com o rosto encostado no concreto frio, entre as paredes apertadas e escuras de uma salinha. Eu podia sentir os rapazes de pé ao meu redor, nas sombras. Perguntei-me quem seriam, se Lou ou Jay estavam ali. Apenas um dos meus olhos funcionava, e com visão dupla.

Reconheci o almoxarifado. Dava para ver a porta de aço do refrigerador nos fundos e a porta da sala de suprimentos ao lado. Eu sabia que havia um corredor à direita e uma fileira de salas em sua extensão.

Ouvi Rocky outra vez, só por um segundo, em algum lugar naquele corredor, um som breve e estrangulado.

Alguém ali perto riu de mim. Uma pessoa jogou a pasta de papéis no chão, perto do meu rosto. Tossi coágulos de sangue sobre a pasta.

— Fique conosco, Big Country — disse um deles. — Estamos esperando Stan. Ainda deve ter sobrado algo de você para ele.

Tentei me mover, mas só conseguia me contorcer. Minhas mãos não funcionavam mais. A dor tinha camadas, e eram profundas... dava para descobrir novas e maiores profundidades a cada instante. As pernas dos sujeitos se materializavam no escuro, calças claras de moletom, botas e tênis me cercando.

— Está doente ou algo assim, Big Country? — perguntou um deles.

— Você deixou aquele médico apavorado.

— Você o assustou tanto que ele sumiu. Passou alguns dias se drogando em Bay St. Louis.

— Então, procurou Stan para que ele o fizesse parar com aquilo. E aí Stan ligou para a garota dele na companhia telefônica, e ela encontrou o seu número.

Essa foi a primeira vez que me lembrei de ter ligado para aquele médico.

— Que idiotice, cara. Aquilo foi uma tremenda idiotice, Big Country. Seu caipira de merda.

Achei ter ouvido a voz abafada de Rocky mais uma vez, atrás da porta, furiosa, subindo de tom, então engasgando, ficando em silêncio.

Os sapatos se aproximaram de mim e vi um bastão de beisebol e um longo cano pendurado ao lado dos seus joelhos. Mijei na calça. Tentei me levantar, mas o bastão ou o cano atingiu minha mandíbula.

Cuspi alguns dentes. Minha língua rasgara. Eles começaram a me bater outra vez.

Na vez seguinte em que acordei, estava amarrado a uma cadeira e quase não conseguia respirar. Meu peito queimava e meu nariz esmagado borbulhava. Eu vomitara no meu colo, e o concreto embaixo de mim brilhava com o sangue. Eu sabia que ainda estava no almoxarifado. Havia uma saída de ar pingando no canto e apenas um pouco de luz sendo projetada por uma lâmpada de mecânico pendurada no alto, e aquilo me fez lembrar da lâmpada laranja no vestíbulo da casa de Frank Sienkiewicz. Ocorreu-me que eu nunca deixara aquele vestíbulo. Eu ainda estava lá e tinha apenas sonhado que escapara.

A visão do meu único olho estava ruim, mas dava para ver pelo canto todas aquelas protuberâncias e formas estranhas no meu rosto.

A cadeira era pesada, feita de madeira sólida, e meus braços amarrados estavam tão apertados que minhas costas tinham espasmos de dor devido ao ângulo. Meu peito estava fortemente amarrado ao encosto e meus tornozelos, às pernas da cadeira. Pelo cheiro, parecia que eu tinha me borrado na calça. Mesmo com o nariz esmagado repleto de sangue, ainda dava para sentir o cheiro.

Sabia que eles demorariam bastante tempo comigo. Eu ouvira histórias sobre Stan ter usado um maçarico de acetileno.

Comecei a chorar.

Eu não estava pensando em Rocky ou na irmã dela. Só não queria mais sentir dor. Chorei muito, e cada vez que meu peito arfava, eu sentia facas sendo introduzidas nos ombros e nas costelas. Não havia nada que eu não faria para sobreviver. Eu imploraria. Faria qualquer coisa.

A saída de ar continuou pingando no canto e eu mal conseguia distinguir as vozes fracas atrás de mim, onde devia ser o salão do bar, e um murmúrio constante e quase inaudível ao fundo. Percebi que estavam assistindo à TV lá em cima.

Sentados, bebendo cerveja, assistindo à TV, esperando Stan.

Comecei a chorar mais alto.

Uma porta se abriu atrás de mim, um baixo guinchar de dobradiça, e então ouvi-a se fechar. Senti que havia outra pessoa ali, atrás de mim, percebi como o ar se adensara com a sua presença.

Eu não conseguia recuperar o fôlego e as lágrimas rolaram pelo meu rosto e se misturavam ao sangue. Passos silenciosos estalaram sobre o concreto. Acho que eu estava tentando dizer *Por favor*. Ou *Espere*.

*Espere*.

Então, um perfume ou uma figura destacou-se do escuro, algo como Camels mentolados, gim, pó de arroz e perfume Charlie. Não parecia provável que eu pudesse sentir aromas naquelas condições, mas eu senti, o ar tomava forma e eu sabia quem estava na sala comigo.

— *Shhhhh*. Fique *quieto* — sussurrou ela. — Não faça nenhum barulho.

Senti a voz calorosa e sussurrada de Carmen na minha nuca. Meus pulsos foram puxados e senti uma dor terrível nos ombros. Gemi e ela murmurou:

— *Cale a boca*.

Os fios elétricos que atavam os meus pulsos foram retirados e jogados no chão, deixando meus braços caírem flácidos ao meu lado. A corda que prendia meu tronco se soltou.

Pude vê-la, então, quando deu a volta à minha frente. Ela se ajoelhou diante de mim e olhou para cima, aqueles olhos severos e coniventes registrando medo e até mesmo pena, apressados, mas ainda pausando em meu rosto e fazendo uma careta. Em meio àquela luz cinza e esparsa, Carmen se agachou no concreto ensanguentado e eu apoiei o queixo no peito enquanto ela usava uma pequena faca para cortar a fita ao redor de meus tornozelos.

Ela se levantou. Os olhos dela se estreitaram e sua boca se retorceu em uma espécie envergonhada de nojo. Seu rímel estava escorrendo e riachos negros manchavam suas bochechas como se os olhos dela tivessem esguichado tinta. Ela olhou por cima do ombro em direção à porta no outro extremo da sala e colocou a faca na minha mão molhada.

Fechou os dedos da minha mão ao redor da faca. Gemi. Doía muito mexer os dedos. Ela segurou minha mão fechada e sussurrou:

— Levante-se, Roy. *Levante-se.*

Acho que perguntei sobre Rocky, porque seus olhos estremeceram e ela apenas balançou a cabeça. Ela me ajudou a ficar de pé e, em seguida, me soltou. Quase caí. Mas minhas pernas não estavam tão ruins. O problema era todo o resto.

— *Saia daqui* — disse ela. — Corra, Roy. Não olhe para trás. Dê o *fora*.

Sua voz rouca encharcada de lágrimas parecia quase furiosa, como se eu a tivesse insultado.

Eu queria dizer alguma coisa, mas minha mandíbula não funcionou, e a língua estava tão inchada que ocupava toda a boca. Carmen se afastou, ouvi o clique abafado dos seus saltos no chão e as dobradiças da porta rangerem ao se abrirem.

A parede na qual me apoiei estava fria, meu rosto grudava no concreto. Minha mão flácida agarrou a faca. A outra era inútil. Os dedos estavam todos tortos.

Senti dores impressionantes de profundidades ósseas nos meus pés e nas minhas canelas quando tentei andar. A porta para o corredor parecia muito longe, e eu ouvia estalidos toda vez que dava um passo.

Pisquei e fiquei de joelhos, vi a luz de mecânico em um canto, escutei os pingos ecoarem.

Em seguida, a grama alta e o lago.

O piso de concreto manchado, frio, molhado e escuro.

Os campos de algodão à noite, grilos zumbindo.

Os negros no colegial. *O que está olhando, babaca? Vou lhe dar uma surra, cara.*

Tombei para fora do almoxarifado, atravessando o corredor escuro, onde uma luz vermelha de saída brilhava na outra extremidade. Um armário de suprimentos, um banheiro, outro escritório. A TV gargalhava bem atrás de mim, e eu me afastei dali apoiando-me nos tijolos na parede, deixando um rastro de sangue que mais parecia a trilha de uma lesma. Passei pelo escritório. Era onde Rocky estava.

Eles tiraram tudo de cima da mesa, e ela estava estendida ali. Suas roupas estavam no chão, em cima do mata-borrão, as canetas e os papéis jogados ali. Uma lâmpada em cima de um gabinete de arquivos projetava uma mortalha de luz cor de bronze sobre seu corpo. Seu rosto flácido estava jogado para trás em direção à porta, e seus olhos foscos e acinzentados encontraram os meus, vazios, a expressão chocada, acusadora. Havia uma gravata enrolada no pescoço dela. A gravata era de lã, eu me lembro.

Deixei-a lá.

Joguei meu corpo na longa trava da porta, fazendo retinir o metal duro, e então estava no estacionamento de cascalho, a noite escura e clara ao mesmo tempo, em tons de roxo e dourado, e tudo borrado. Saí e um poste de luz brilhou sobre a faca em minha mão, manchada com o meu sangue. Cambaleei e tropecei em um homem fechando a braguilha, que acabara de dobrar a esquina vindo da caçamba de lixo.

O rosto de Jay Meires se retorceu ao me ver, e então ele rosnou, tentou sacar algo, mas eu me joguei em cima dele. Enfiei o polegar em um dos seus olhos e apertei com toda a força até estourar o globo ocular, e meu polegar

continuou pressionando. Ele quase gritou, mas fui rápido. Enfiei a faca no outro olho.

Sentei-me em cima do seu pescoço e continuei esfaqueando a cabeça dele.

Eu me levantei, ainda sozinho, de pé sobre o rosto destruído de Jay.

Arbustos. Carros estacionados. Estávamos atrás do bar, e um quarteirão mais adiante, passando por um terreno baldio, um fluxo de carros em movimento rompia a noite. Comecei a mancar o mais rápido que pude até a estrada. Vozes ergueram-se atrás de mim.

Eu estava no campo, a grama escura cortando os meus braços, e eles gritavam para mim do bar.

Comecei a sonhar novamente e, quando abri os olhos, estava de pé no meio da estrada. Luzes de carros brilhavam sobre mim, freios guinchavam. Os faróis quebrados me cegavam.

Comecei a gritar, acenando com a mão. Alguns carros quase me atropelaram. Um deles atingiu meu cotovelo com o espelho lateral, me fez rodar, e o veículo parou cantando pneus.

Brilho branco nos meus olhos. Pessoas buzinando. Eu chorava e gritava. Achava que os caras estavam bem atrás de mim.

Abri a porta do motorista e o homem lá dentro tentou sair com o carro. Ainda posso ver o seu rosto, boquiaberto, olhos arregalados. De algum modo, eu o feri com a faca. Puxei-o pela camisa e o tirei do carro.

Eles me encontraram a menos de dois quilômetros dali, com o carro batido na lateral de um escritório de contabilidade pública e o volante no peito.

Despertei sob as luzes brancas e estéreis de um hospital, com tanta sede que não me aguentava. Quando tentei abrir a boca, uma dor excruciante quase me deixou inconsciente. Havia dois policiais postados do lado de fora da porta do quarto. Percebi um curativo de gaze sobre meu olho esquerdo. Mais tarde, ficaria sabendo que eu perdera o olho. A linha do meu cabelo estava irregular, as sobrancelhas arrancadas, eriçadas com pontos grosseiros, o nariz inchado e espalhado feito margarina.

Ninguém me dizia nada. Dois policiais ficaram de guarda enquanto alguém do escritório da promotoria me falou sobre as acusações, mas eu ainda não podia falar nem escrever qualquer coisa com minha mão desfigurada. Minha língua estava inchada, seca como uma lixa, e os pontos que levei nela arranhavam o céu da boca. Eu podia sentir os parafusos no meu crânio sem tocá-los.

O homem que eu esfaqueara estava vivo. O promotor não mencionou o corpo de Rocky ou o de Jay Meires. Ninguém citou Stan Ptitko.

Duas semanas mais tarde, policiais do Departamento Policial de Nova Orleans me escoltaram do hospital até a enfermaria da cadeia municipal. Conteí minha história para o advogado da cidade, falei sobre o que aconteceu, sobre Stan Ptitko, Angelo Medeiros, Frank Sienkiewicz e Rocky. Tudo. O homem disse que eu deveria prestar um depoimento apropriado, e que teriam que esperar até eu não estar sob efeito de tantas drogas, analgésicos e tal, porque a defesa poderia usar isso. Havia algo com os federais também, como se aqueles caras locais quisessem me manter longe dos federais. Um assistente do promotor público disse que suspenderiam meus medicamentos por alguns dias e tomariam meu depoimento completo.

Sem as pílulas, dores de cabeça doentias e pulsantes acabavam comigo. Outro advogado veio me visitar. Os policiais devem ter pensado que era o

meu advogado. Levaram-me para uma área de visitação em forma de vagão, com um balcão separado por uma grade de ferro que dividia o ambiente em dois. Paredes verdes institucionais, aquele pungente cheiro metálico de desespero. Sentei-me e olhei através da grade para um sujeito de terno.

Sua cabeça parecia macia e rosada como uma borracha de lápis, com um curto e escuro cacho de cabelo em torno das orelhas, lábios vermelhos e carnudos, óculos, todos os traços arredondados e rechonchudos. Nariz redondo, queixo duplo redondo e ouvidos em forma de maçanetas. Seu terno o fazia parecer mais magro do que era, assim como seus óculos pesados. Ele baixou uma pasta ao seu lado sobre o balcão e a abriu, mas não pude ver o que havia ali dentro.

Ocorreu-me que eu o reconhecia, que era alguém que conhecia Stan.

— Sr. Cady — disse ele. — Estou falando com você agora como conselheiro externo de uma parte anônima interessada que está tangencialmente preocupada com seus crimes graves recentemente cometidos. É de meu entendimento que sua fala está extremamente limitada neste momento, de modo que vou partir desse princípio para explicar as razões que me levaram a encontrá-lo.

Uma pulseira de relógio de ouro expansível aninhava-se em meio aos grossos pelos de seu pulso. A superfície brilhante das suas unhas passaram sobre alguns papéis e fecharam a pasta. Uma esmagadora dor de cabeça se aproximava de mim como a luz branca de um trem de carga.

— Gostaria de determinar, no interesse do meu cliente, se você pretende, como parte da sua defesa, tentar indiciar outras pessoas nos seus crimes. Ostensivamente para diminuir as consequências punitivas dos atos que cometeu.

Limitei-me a inclinar a cabeça para ele. O sujeito falava com um ronronar excessivamente articulado, um sotaque do velho Sul que soava

arredondado, assim como todos os seus traços.

— Em outras palavras: você está pensando em facilitar as coisas para si mesmo apontando o dedo para outra pessoa?

Meneei a cabeça: *afirmativo*. Os parafusos em meu crânio afundaram. Um delegado do xerife estava parado à porta, de costas para nós, embora alerta.

O advogado empurrou os óculos nariz acima.

— É isso que pretendo verificar aqui, de modo que meu cliente possa ter a chance de montar uma defesa eficaz. Agora. Naturalmente, tal defesa incluirá um corpo de testemunhas a serem interrogadas que vão corroborar ou contestar a sua versão dos fatos.

Os ossos ao redor dos meus olhos latejavam enquanto eu olhava para ele, e me concentrei na grade de metal entre nós, onde a tinta lascara e começara a enferrujar.

— *Então...* tal lista de testemunhas incluiria pessoas com quem você supostamente se familiarizou recentemente, correto? Com quem viajou e se associou. Isso incluiria uma tal Nancy Covington, proprietária e operadora do motel Emerald Shores em Galveston, Texas. Correto? — Ele colocou uma folha de papel em cima da pasta e pareceu lê-la. — Isso também pode incluir uma criança. Certo? Uma menina de três anos, acredito.

Os parafusos na minha cabeça pareciam estar se apertando mais profundamente e pensei na grade de metal. Quão completamente um homem podia depender de uma fina lâmina de malha de ferro. O advogado nem sequer sabia, ou talvez soubesse em algum nível, mas aquela tela entre nós dois era a coisa mais preciosa e importante da sua vida naquele instante. Ele continuou lendo.

— O nome que tenho aqui é o de uma certa Tiffany Benoit. Atualmente ela reside com Nonie e Dehra Elliot, em Briarwood Lane, 540, Round

Rock, Texas. Correto? Estas pessoas. É a mesma pessoa, não? Você estava viajando com ela. É isso mesmo?

Ele finalmente parou de falar e apenas olhamos um para o outro.

Aquele era o motivo da visita. Queriam que eu fosse informado que eles sabiam da menina. Que sabiam onde ela estava.

Logo depois disso, o advogado simplesmente se levantou e me deixou sozinho, mesmo que eu não tivesse respondido a nenhuma de suas perguntas, e percebi que agora pelo menos eu poderia voltar aos analgésicos, porque meu depoimento estava furado.

Minha história mudou drasticamente. Disse para a promotoria que não conseguia me lembrar do que acontecera.

Esta não foi a primeira vez que fui para a prisão nem a primeira vez que participei de um julgamento, e eles vieram com tudo para cima de mim porque estavam putos por eu ter mudado a minha história.

Treze anos em Angola.

Simplesmente engoli.

As investigações do porto foram arquivadas.

De qualquer modo, eu não achava que duraria muito mais tempo, e não queria durar, porque, quando fechava os olhos, muitas vezes via o rosto de Rocky, flácido e voltado para a luz da lâmpada, o corpo deitado como se aquela mesa fosse um altar.

Eu estava feliz por não ter que viver com isso por muito mais tempo.

Agora eu mancava, por causa do acidente de carro, e usava um tapa-olho no olho esquerdo, e tinha um novo rosto, assimétrico, sulcado, sobrelhas desalinhadas, um nariz que parecia um pedaço de fruta podre. Meus dedos nunca mais ficaram muito retos, as juntas salientes me matam de dor quando chove. O Estado me deu novos dentes. Havia tantos dentes quebrados que o dentista simplesmente arrancou os que restavam e colocou próteses.

Um médico finalmente voltou a me examinar e disse que não podia afirmar com certeza o que eram as manchas no meu peito. Ele queria fazer uma broncoscopia ou uma biópsia guiada por TC. Achava que era a mesma coisa que o outro médico dissera ser. Havia uma pequena chance de ser tuberculose ou sarcoidose. Na melhor das hipóteses, as irregularidades seriam benignas, mas quase certamente não permaneceriam daquele jeito. Os cistos ou carcinomas estavam em uma espécie de estase, como ele me explicou, e a qualquer momento poderiam se tornar malignos, formar metástases. Precisavam me operar. Ele queria tirar e fatiar aqueles cistos, dar uma olhada neles. Havia muitas estratégias de tratamento, afirmou. Eles o levarão para um lugar mais agradável quando você se submeter ao tratamento. Era apenas uma questão de tempo, disse ele. A menos que você seja algum tipo de milagre médico.

Recusei. Quando ele disse que o estado pagaria os custos, recusei outra vez.

Durante os primeiros anos, dividi uma cela com um negro chamado Charlie Broedus. Nós nos dávamos bem e não fui grosseiro quando ele foi solto. Continuei esperando a morte.

Depois de um mês preso, fui à biblioteca em busca de algo para ler. Não sabia por onde começar. Uma bibliotecária do governo vinha duas vezes por

mês e me sugeria coisas. Foi assim que fiz amizade com a bibliotecária, Jeanine.

Não houve nenhum despertar dramático de personalidade entre nós. Acho que ela só gostava de ver um condenado ler algo além de livros de direito.

Quando lia, eu me envolvia com as palavras e com o que elas diziam, de modo que não media a passagem do tempo de maneiras convencionais. Fiquei surpreso ao descobrir que havia aquela liberdade feita de nada além de palavras. Então, senti como se tivesse perdido algo crucial havia muito tempo.

Sempre tive boas mãos e podia soldar, instalar tubulações, desmontar um motor, caixa de marchas, cano de descarga, mas comecei a entender que certas habilidades só tinham me embotado, me transformado em uma função, uma utilidade. Eu realmente não havia entendido isso até então.

Meus ferimentos me pouparam de trabalhar na fazenda que dá a Angola o seu apelido. Jeanine me ajudou a arranjar o trabalho na biblioteca, como seu assistente. Ela tinha cabelo castanho-claro em um estilo que já havia saído de moda lá pelos anos 1970, braços flácidos que tremiam quando carimbava um cartão, e caminhava com vagar. Às vezes, via lágrimas em seus olhos e ela se desculpava, ia até o escritório dos fundos e não saía de lá até o fim do dia.

Eu organizava prateleiras e empurrava o carrinho pelo bloco de celas. Ninguém me incomodava. Charlie Broedus foi libertado em 1992, eu os via irem e voltarem, e logo eu era apenas um acessório naquele lugar, nas estantes, à mesa do almoço, olhos grudados nos livros. Toda aquela leitura melhorou o meu raciocínio. Tornei-me capaz de imaginar coisas de maneiras que não conseguia anteriormente. No entanto, como já falei... nada disso me tornou uma pessoa diferente.

Sei quem sou.

Pensava demais em Rocky. E pensava em Carmen. Eu me perguntava onde ela estaria, se conseguira escapar. Nunca mais ouvi falar dela.

Todos os dias, eu imaginava assassinar Stan Ptitko e pensava nas diferentes formas de fazer aquilo, bem de perto, sentindo-o estremecer, olhando-o nos olhos. Levá-lo para algum lugar na floresta e fazer aquilo durar.

Toda noite, eu ia para a cama à espera que o câncer expandisse, mas aquilo simplesmente ficou ali, adormecido, esperando a sua vez. Cumpri quase doze anos de pena assim.

Exatamente assim.

Obtive liberdade condicional pouco antes do ano-novo do novo século e estava sozinho em Nova Orleans quando os relógios soaram. Com cinquenta e dois anos, de volta às ruas. Os esquemas de cor haviam mudado completamente, tudo ficara mais escuro. Todos tinham celulares. As pessoas dirigiam mais carros japoneses. Os aparelhos eletrônicos estavam mais generalizados, havia telas de TV em toda parte. O Quarter parecia exatamente o mesmo, varandas de ferro, casas geminadas e pátios, bares lotados ao longo das ruas. Cheiro de mijo e vômito nas sarjetas, os lamentos e balidos das cornetas e o ressoar dos tambores. As pessoas diziam que tudo pararia no ano-novo, tinha algo a ver com os computadores. Mas eu sabia que aquilo não aconteceria. Descobri que, após onze anos de sobriedade forçada, eu já não era mais capaz de beber. O álcool fazia o meu fígado se retorcer como um inseto preso a uma parede por um alfinete.

Permaneci em alcovas espanholas e observei as multidões agitadas pelas ruas ao longo da Dauphine, da Bourbon e da Royal. Todo mundo se beijou à meia-noite. Estranhos compartilhando garrafas de champanhe, lábios apertados, mãos acariciando pescoços. Sempre que alguém me via observando das sombras, se afastava.

Fiquei em Nova Orleans porque iria matar Stan Ptitko. Seu bar ainda estava ali, com o mesmo nome.

Gastei parte do dinheiro que ganhei na prisão para comprar um bastão de ferro de um garoto negro na St. Bernard e comecei a rondar as ruas em torno do Stan's Place. O lugar precisava de uma lavagem com mangueira de pressão, e uma grande extensão do telhado de zinco tinha sido remendada com lona azul. Havia um barranco raso embaixo de uma ponte a alguns quarteirões a nordeste, e ali acampeei por três dias e duas noites. Dormi debaixo da ponte, observando o lugar, envolto em um velho saco de dormir e

uma jaqueta surrada, uma camisa com capuz, calças velhas e tênis, tudo de caridade. Pensei em Rocky e naquela ponte por baixo da qual ela tinha que passar voltando da escola para casa, e sobre aquela vez que passara a noite sozinha ali.

No segundo dia, vi Stan saltar de um Lincoln preto. Estava muito mais gordo, especialmente em torno da cintura, e o cabelo tinha ficado mais ralo.

Olhei em volta, verifiquei o .38 de dupla ação e atravessei o quarteirão seguinte segurando-o dentro do bolso da jaqueta. Antes de me dar conta, eu estava de pé do outro lado do bar. Agachei-me ao lado de um velho poste ao longo da calçada, com o capuz puxado para baixo, e observei o carro preto lustroso, a porta de metal da entrada. Havia três outros carros no estacionamento, e eu não sabia quantas pessoas estariam lá dentro. Vi alguns outros entrarem antes de Stan. Ninguém que eu reconhecesse.

Um dia chuvoso e cinzento, com luz ártica, minha respiração liberando pequenos tufoes brancos no ar invernal. Mesmo no frio eu suava.

O terreno ao lado ainda estava abandonado, sua vala entulhada de lodo e rosas vermelhas selvagens, garrafas de um litro vazias, jornais frágeis e amarelados. Uma estreita parede de silvas e arbustos crescera ao longo da cerca de arame entre o terreno e o estacionamento. Uma brisa soprou e cocei o rosto com a jaqueta. Ficar ali não era fácil. Cheguei a pensar em ir embora.

Finalmente, Stan voltou a sair, sozinho. Eu podia ver seu rosto claramente agora, inchado e flácido, a testa muito mais ampla, o queixo duplo. Usava camisa branca e calça preta. Ele parou ao lado do carro, estalou as costas, alongou-se e voltou o olhar para baixo, em direção à cidade e ao rio. Ele olhou para mim, mas não pareceu ter visto nada de mais. Um velho mendigo junto ao poste.

Teria sido fácil. Tudo o que eu tinha que fazer seria atravessar a rua.

Não sei se o meu corpo ainda se lembrava de todas as coisas que eles fizeram comigo, mas o terror apertou meus colhões, meu coração e minha garganta. Senti o metal frio da arma na mão, e a ideia de usá-la subitamente me pareceu impossível, o pensamento era paralisante. Meu corpo estava meio que congelado por esse pânico.

Eu não tinha ideia de que me tornara tão manso.

Só não queria que alguém me machucasse outra vez.

Então, em algum momento, eu me tornara um covarde. Ou talvez sempre tivesse sido e só houvesse percebido naquele momento. Dessa forma, assim como tudo mais a meu respeito, minhas entranhas estavam à superfície, claras como o dia.

Stan entrou no carro e ligou o motor, a fumaça do escapamento densa como uma nuvem por causa do frio, engolindo o carro. Afastei-me da madeira áspera do poste, puxei a jaqueta ao meu redor enquanto o Lincoln saía do estacionamento. Fui até a rua, um tanto atordoado por estar deixando-o escapar. Duvido que ele tenha olhado pelo retrovisor, mas talvez tenha. Talvez tenha notado a figura na rua, empunhando uma arma.

Atravessei o terreno baldio até a calçada do outro lado do bar. Joguei a pistola em uma caçamba de lixo e arrastei minha perna por dez quarteirões até a estação rodoviária.

Eu não deveria deixar o estado, mas fui de ônibus até Galveston.

Vedei as janelas do térreo com tábuas de madeira, e a maioria dos lugares ao nosso redor fez o mesmo. Em seguida, os proprietários seguiram para o norte em carros carregados, alguns deles puxando trailers ou com reboques improvisados. O presidente e o governador declararam estado de emergência, e foi decretada evacuação obrigatória. O Ike, dizem, é inevitável. Os elementos despertam e convergem, afunilando-se em nuvens cinzentas. A chuva cai de lado, então cancelo a minha caminhada matinal. Também não vou à loja de donuts. Começo a fazer a mala, mas paro. Eu me sento no sofá, tomo um pouco de chá quente e penso no homem no Jaguar e me pergunto por que sobrevivi àquela noite.

Começo a vestir meu macacão, mas minha perna está mais emperrada do que o habitual por causa da tempestade e por ter ficado sentado a noite inteira. Deixo o macacão no chão e Sage corre para se enrolar no jeans fedorento. Obviamente o hotel não tem nenhum hóspede, e encontro Cecil no escritório. Ele está diante do computador atrás do balcão, acompanhando os padrões climáticos, e ergue uma sobranceira para a tempestade que aparece na tela. A espiral de nuvens exibida ali é grande demais para ser concebida: a ideia tem que ser contida pela imagem na tela, da mesma forma como o tempo tem que ser contido por uma história.

— Talvez você não devesse ficar por aqui — diz Cecil. — Acho que me sentiria responsável se algo acontecesse a você.

— Não. Fique tranquilo.

— Ainda acho que vai passar ao largo. Talvez nos atinja com ventos fortes. Sem tempestade — diz ele.

Mas eu sei que, assim como eu, Cecil está tendo dificuldades em encontrar um bom motivo para ir embora.

— Alguma coisa que precise ser feita? — pergunto.

Ele balança a cabeça e gesticula em direção ao estacionamento vazio.

— Feriado de furacão.

Fico com ele um minuto e assistimos à animação no computador, uma imagem térmica de uma massa rodopiando, se expandindo e engolindo o litoral.

Ele me olha como se eu guardasse um segredo e pergunta:

— E quanto à garota?

— Que garota?

— A menina bonita. Desembucha, velhote.

— Quem?

— Ela não o encontrou? Você anda popular. Primeiro, o sujeito de terno, agora essa garota. Mulher bonita. Jovem, cabelo castanho... Disse que estava procurando você. Ontem à noite, mais cedo. — Ele abre uma gaveta atrás do balcão e pega uma ficha de arquivo. — Falei para ela que você estaria trabalhando hoje, mas não disse que você tinha um quarto.

Pego a ficha de arquivo, mas não reconheço o nome. Está escrito com a letra de Cecil e tem um número de telefone embaixo.

— Ela não disse o primeiro nome?

— Não, e eu nem pensei em perguntar.

Releio a ficha.

— O que ela disse?

— Que estava tentando encontrá-lo. Pediu que eu mandasse você ligar para ela. A garota era muito gostosa, cara. Devia ligar para ela. Se você não ligar, eu ligo.

— O que você diria?

— Eu a convidaria para jantar.

— Quantos anos ela parecia ter?

— Vinte e poucos... Olhe só, se você ligar para ela, fale bem de mim.

— Claro — respondi.

Tive que desviar um pouco o rosto, porque um tremor úmido fez meu olho bom estremecer. Cheguei até a sentir a mesma coisa no olho morto.

— Acho... — diz Cecil, apontando para a tela. — Acho que também vou embora. Talvez você queira pensar sobre isso. Poderia vir comigo.

— Estou bem.

Saio pela porta. O céu é uma massa borbulhante de ardósia, carvão e estanho. O vento chicoteia as frondes das palmeiras e sopra o lixo pelas ruas vazias. O ar ferve de eletromagnetismo e se estreita à minha volta, como se eu estivesse embaixo d'água, em uma cidade submersa. Tranco minha porta e fecho as cortinas. Sage geme.

A faca de caça está sobre o balcão e contemplo sua lâmina contrastando com a pele vincada e sardenta do meu pulso. Guardo a faca em uma gaveta e me sinto um idiota por tê-la tirado dali.

Vou até um armário estreito e pego em uma prateleira a pasta de documentos que contém uma radiografia que tiraram de mim na prisão. Dá para ver as partículas suspensas nos pulmões, como estrelas, como estilhaços explodindo de forma retrógrada no tempo, e sinto como se finalmente tivesse capturado o momento em que a bomba explode. Posso senti-lo no clima, no nome da mulher na ficha de arquivo. E não há nenhum assassino, nenhum matador para acabar comigo.

Acendo uma bagana e a penduro entre os lábios. Aqui está fresco e azul com as cortinas fechadas. Sage está deitada aos meus pés com a cabeça entre as patas e o rabo entre as pernas e, dessa forma, sei que ela está sentindo o mesmo que eu.

A mulher deve ter pagado para que o homem do Jaguar preto me encontrasse. Então, imagino que ela tenha dinheiro, e fico feliz por isso.

Permaneço sentado dentro de casa com minha cadela, observo o céu e não faço muita coisa além de olhar para aquela velha radiografia de vez em quando, caminhar a esmo e enrolar outro baseado.

Penso que esta mulher vai querer uma história. Provavelmente quer que alguém lhe explique a sua vida. Ela vai querer saber o que aconteceu naquelas duas semanas, quando ela tinha três anos e foi levada de casa, viu o mar, brincou na praia e assistiu a desenhos animados. E, certo dia, sua irmã desapareceu. Pergunto-me como deve ter sido isso para a cabeça de uma criança.

Uma longa história, povoada de órfãos.

Acaricio Sage e ela choraminga. Minha pele coça sob meu tapa-olho, e eu o levanto. Lágrimas encharcam meu olho morto, então as seco na bochecha.

Eu estava errado quando disse para Rocky que você pode escolher o que sente. Não é verdade. Nem mesmo é verdade que você possa escolher quando vai sentir. O que acontece de fato é que o passado coagula como uma catarata ou uma casca, uma casca de lembranças sobre seus olhos. E, um dia, a luz a atravessa.

Penso em Carmen e me pergunto outra vez se ela se saiu bem. Espero que tenha encontrado alguma outra coisa.

Quando chega a hora, meu coração nem sequer dispara. Era como se eu sempre estivesse esperando aquela batida à porta. É contida, leve, o som de uma pessoa nervosa que não quer incomodar.

Giro a maçaneta sem olhar pelo olho mágico. A porta range e se abre para uma mulher de olhos desesperados, repletos de beleza. Atrás dela, a tempestade cinza encrespa o oceano.

Ela tem uma densa cabeleira castanho-clara e está vestindo uma calça jeans e uma jaqueta marrom justa. Cecil tinha razão, ela é muito bonita.

Mais do que bonita. Ela para no patamar da escada com uma das mãos na bolsa, uma bela peça de couro, e a outra segura um pedaço de papel, uma fotografia, talvez, e de imediato percebo que há um vazio fundamental a seu respeito. Ela pretende que eu o preencha.

— Sr. Cady?

Ela olha para mim de soslaio.

Dou um passo atrás e penso comigo mesmo que ela parece uma mulher capaz, alguém com dinheiro, uma vida, uma pessoa que sabe cuidar de si mesma, e fico contente ao notar isso. Seus lábios estão separados, como se esperassem palavras que estão por vir, enquanto seus olhos vagam entre o meu rosto e a foto que ela tem na mão, procurando algo. Tanto desespero.

— Eu não o reconheço — diz Tiffany. Sua voz está mais grave, mas ainda é bastante similar à antiga. Ela olha diversas vezes para a fotografia e para o meu rosto. — Não. Não é você.

Ela estende a foto, oferecendo-a para mim.

A foto é antiga e está dobrada e desbotada. Mostra o mar, uma praia. Três pessoas se destacam em meio às ondas. O homem é alto, forte e bronzeado, e as meninas são louras, ágeis, mas seus detalhes se perdem na luz branca do Golfo.

Posso realmente ver o rosto daquela criança nesta mulher, o queixo fendido e os olhos atrevidos, lábios curvos como os de um cupido. Pergunto se ela quer entrar.

— Eu não... — Ela olha para o meu rosto outra vez. Um trovão crepita e ecoa sobre o mar. — Acho que cometi um erro. — Ela suspira. — Sinto muito. Vim ao lugar errado.

Ela pega a foto de volta e começa a guardá-la na bolsa enquanto se vira.

— Foi há vinte anos. Mudei muito — digo.

Ela olha para trás, as sobrancelhas arqueadas, o olhar ansioso.

— Você não me conhece — digo. — Mas fui seu amigo.

Uma lágrima do tamanho de um alfinete escorre por sua bochecha. Eu me afasto da porta e gesticulo para que ela entre. Sage corre até as pernas da visita, e ela se agacha para acariciar as orelhas da cadela.

Eu a convido a se sentar.

— Você quer um pouco de café, chá?

— Não, obrigada. — Ela faz uma pausa, morde o lábio, hesitante. — Eu apenas gostaria de... se você tiver tempo. Eu só queria conversar. Se não tiver problema.

— Você tem perguntas.

— Tenho. Por favor. Eu...

Olhando em torno do quarto, ela balança a cabeça, como se mal pudesse acreditar que estava naquele lugar.

— Acho que vou fazer um pouco de chá.

Vou até o fogão, acendo o queimador, encho o bule de chá e o coloco sobre as chamas azuis. Ela deixou a fotografia em cima do balcão, e eu lavo a louça na pia como uma desculpa para não voltar a ficar com ela na sala. Na foto, estou forte e bronzeado, como um cavalo à luz do sol. A água gelada escorre pelos meus dedos, causando dor às articulações. Mal consigo apreender a realidade daquela mulher sentada no meu sofá, a improvável fortuna da sua existência.

Ela merece mais do que a verdade.

Volto à sala e encontro o rosto ágil e intenso de Tiffany. Ela acaricia Sage e tenta não olhar para a radiografia no sofá. Direciona o olhar para o meu peito.

— Como você me encontrou?

— Ah. Foi... lembra-se da senhora do hotel? Há muito tempo? Ela disse que seu nome verdadeiro era Roy. As irmãs me contaram isso. O homem

que contratei encontrou os seus registros de prisão e algumas fotografias. Demorou um pouco para farejá-lo. Ele está procurando já há algum tempo. Mas não tínhamos certeza se era a pessoa certa. Você não parece o mesmo.

— Não, não pareço.

Eu a vejo examinar atentamente o apartamento, o quarto de solteiro, as pilhas de livros, e vislumbro uma espécie de piedade da parte dela. Não gosto disso.

— Onde você mora? — pergunto.

— Austin.

— O que faz por lá?

— Design gráfico. Coisas de publicidade.

— Você teve que ir para a faculdade para aprender isso?

— Ah, sim. Eu me formei na Universidade do Texas.

— Hum — falo e quase sorrio. — Quem... onde você cresceu? Sua família?

— Meus pais me adotaram através da Congregação de São José. Cresci em Tyler.

Ela olha um pouco mais para mim e meio que inclina a cabeça. Tem um anel em uma das mãos, mas não sei dizer de que tipo.

— Você é casada?

Ela balança a cabeça.

— Ainda não. Talvez em breve. Tenho saído com alguém há algum tempo, bastante tempo.

— Você o ama?

— Hum. Sim.

Ela puxa um fio de cabelo e olha para longe, e vejo Rocky naquele gesto, vejo-a tão claramente que tenho que virar o rosto. Quando volto a olhar,

percebo quanto se parece com ela, e minha garganta se contrai. Elas têm quase o mesmo rosto, e é quase insuportável olhar.

— Isso é bom — falo, incapaz de encará-la. — Que você o ame.

— Foi ele quem me convenceu a... fazer isso. Ele me estimulou. A descobrir a verdade.

— O que ele faz?

— Ele... sinto muito — diz ela, e vejo que a deixei nervosa. Ela não sabe o que fazer com aquela sala, aquele espaço apertado, as radiografias ao seu lado. Toca os lábios com a ponta dos dedos e espia ao redor como se pudesse haver alguém mais ali dentro. — Você se importaria... Eu realmente sinto que... há coisas que preciso saber.

Ela fixa os seus olhos de Rocky em mim, repletos de sofrimento, brilhantes como os de uma santa.

Eu me aproximo do sofá e ergo a mão.

— Eu sei. Você está certa. Quanto você sabe?

— Eu meio que me lembro da minha irmã. Um pouco. Lembro-me de irmos à praia. Mas... — Ela recupera um pouco da compostura. — Mas um dia ela me deixou.

Seus lábios estremecem ao dizer isso.

— Não, não — digo. — Não foi assim.

— O que aconteceu?

— Nós estávamos voltando para buscá-la. Apenas saímos para jantar.

— Mas então como você foi para Nova Orleans? Você estava na prisão.

— Sim. É verdade. — Viro as palmas das mãos e olho para o meu corpo. — Fui ferido. Um acidente. Havia um mandado contra mim.

— Mas... eu não *entendo*. O que aconteceu quando vocês me deixaram?

Mantenho a cabeça baixa e observo a mão de Tiffany acariciar a cadela.

Ela olha para o lado e, em seguida, volta rapidamente a me encarar.

— Você a conhecia bem? — Sua voz engasgou nas últimas duas palavras. — Minha irmã?

— Acho que sim. — Estudo os tons do longo cabelo de Tiffany, uma pradaria seca no verão, as maçãs das bochechas abruptas e os olhos arregalados. — Que tipo de publicidade você faz?

— Como? E-eu crio páginas de internet, logotipos de empresas. Coisas desse tipo.

— Estive em Austin algumas vezes. Há muito tempo. Barton Springs ainda existe?

— Sim. Hum... você mencionou um acidente?

— Boa música em Austin também. Você gosta de música?

Ela inclina a cabeça para mim, buscando o meu rosto. É tão difícil olhar para ela que fico grato quando ouço o apito estridente da chaleira e posso voltar à cozinha.

Meu peito dói. Minha mão treme segurando o bule e pequenas bolhas de água fervente entornam no queimador.

— Olhe. — Eu a ouço do outro lado da parede. — Preciso saber. — Ela tosse, sufocando alguma tristeza.

Sirvo duas xícaras de Lipton e as deixo repousar.

— Você tem outros irmãos ou irmãs? — pergunto. — Lá onde cresceu?

Ela é tão jovem, tão real, e minha voz fica trêmula. Todo o seu rosto parece ansiar.

Ela assente.

— Tenho um irmão mais novo. Ele também é adotado.

— Qual é o nome dele?

Ela leva uma das mãos à testa e contorce os lábios.

— Desculpe... *por que* você não me responde? Por favor. Eu não entendo.

Não há mais como adiar e compreendo que não tenho estômago para esconder a história dela.

Se eu lhe der a verdade, então talvez eu fique livre das suas obrigações. Poderei passar a verdade a seu legítimo proprietário, e as estrelas congeladas no meu peito poderão finalmente se acender.

Então, me dou conta de que não vou mentir para ela. Que vou contar tudo. Sobre Rocky, sobre seu pai, sobre a casa de Sienkiewicz, sobre os homens de Nova Orleans e o que eles fizeram.

Então, fico com medo por ela. E penso: *Esse vazio será preenchido, garota, mas você vai ter que ser muito forte para suportá-lo.*

Anos dos quais não dá para se lembrar. Anos que foram como hematomas misteriosos.

Durante todo esse tempo, fui amigo dela.

— Tudo bem. — Coço a boca e murmuro: — Mas é bem ruim.

— O quê?

Mais lágrimas escorrem pelo rosto dela, outra vez carrancudo, feroz e forte.

Jogo as radiografias no chão e me sento ao lado dela.

— Vou lhe contar tudo sobre ela, sobre o que aconteceu. Certo? Mas tenho uma condição. — Acaricio a cabeça de Sage para indicar a minha linha de pensamento. — Quando eu terminar, você terá que ir embora. Há uma tempestade se aproximando e você precisa sair da cidade. Agora. Assim que eu terminar.

— Você vai embora? Eu posso voltar.

— Não. Vou falar com você agora. Vou lhe contar tudo. Mas, se eu falar, você terá que ir embora. E me faça um favor.

— Qual?

— Leve esta cadela com você.

— Hum... bem... Eu não...

— Esse é o trato. O único que tenho a oferecer.

Ela olha para Sage, inclina a cabeça e a acaricia.

— Tudo bem. Certo.

— Você jura?

— Juro. Tudo bem.

Ela balança a cabeça e enxuga os olhos mais uma vez.

Ela ficou alta, com ossos fortes e cinzelados, o tipo de mulher que você para e olha, e suas unhas vermelhas afundam no pelo cor de canela de Sage enquanto ela funga e espera por mim.

— Essa outra garota na foto não é sua irmã. É sua mãe. Você não deve culpá-la. Ela teve uma vida difícil. — Eu me aproximo, de súbito e desajeitado, e pouso a mão deformada sobre a dela. — Mas ela fez uma coisa muito corajosa uma vez.

Minha mão parece monstruosa ao tocar a dela, mas Tiffany deixa que eu a mantenha ali. Seu olhar estava fixo no meu olho bom.

— Ela não a abandonou — prossigo. — Não foi assim. Você não foi abandonada.

Ela tapa a boca com a mão e sua expressão desaba como um castelo de areia com a maré alta. Eu me aproximo e pouso a outra mão sobre o seu ombro, porque não consigo mesmo me conter. Ela aperta meus dedos. Deixo as coisas assentarem na sua mente, dou-lhe um tempo. Ela precisará de forças para ouvir o resto.

Quando está um pouco mais calma e após eu lhe trazer um pouco de chá, recomeço.

Conto-lhe tudo.

Depois que ela se vai, fico junto à porta e a observo levar Sage para dentro do carro, um sensato Toyota dourado. Ela faz uma pausa antes de entrar, e a chuva a cerca como uma aura. Ela olha de volta para mim. Acabo tendo que fechar a porta e entrar até ouvir o carro ir embora.

Eu a imagino passeando com Sage junto às pedras brancas e às águas claras de Austin, e não penso em Rocky.

Penso em uma brisa arrepiando a superfície de um lago, a voz da minha mãe cantando “A Poor Man’s Roses”.

A cabeça está leve e as mãos não doem.

A ventania carrega a chuva em fortes rajadas, e as nuvens deixam a tarde tão escura quanto um vestido de viúva. O ar pesado está repleto de ozônio e água do mar. A atmosfera estala e crepita ao longe, e relâmpagos brilham sobre o oceano como se o céu tivesse engolido uma dinamite. Em sua borda arfante quase posso perceber outra escuridão, um tipo de negritude mais densa erguendo-se do horizonte em um formato que não sou capaz de imaginar.

Os galhos raspando nas janelas vedadas com tábuas de madeira soam como algo tentando abrir caminho para dentro de casa, e o vento uiva como um animal, um gemido baixo e sofrido.

Faz vinte anos.

Eu estava preocupado por achar que viveria para sempre.

# Agradecimentos

Meus mais profundos agradecimentos a Henry Dunow e Colin Harrison por sua fé, suas ideias e seus esforços em prol deste livro.

Também sou grato a David Poindexter — erudito, cavalheiro e amigo de escritores de toda parte.

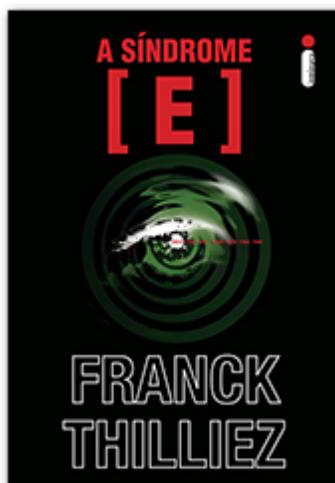
# Sobre o autor

Photograph Courtesy HBO®

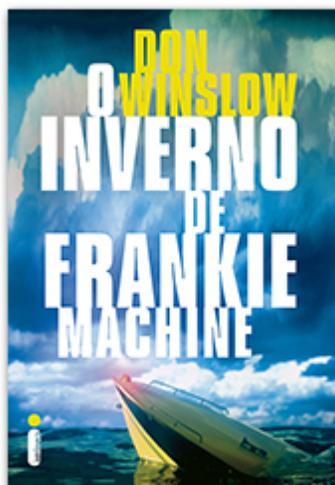


NIC PIZZOLATTO é criador, roteirista, produtor executivo e *showrunner* da série da HBO *True Detective*. Como escritor, teve contos publicados nas revistas *The Atlantic*, *The Oxford American*, *The Missouri Review*, *Ploughshares*, *Best American Mystery Stories*, entre outras. Lançou a coletânea de contos *Between Here and the Yellow Sea* e foi um dos finalistas do National Magazine Award. *Galveston*, seu primeiro romance, foi finalista do Edgar Award e venceu o Prix du Premier Roman Étranger da Academia Francesa e o Spur Award. Pizzolatto mora na Califórnia com a esposa e a filha.

# Leia também



*Síndrome E*  
Frank Thilliez



*O inverno de Frankie Machine*  
Don Winslow



*Homeland: Como tudo começou*

Andrew Kaplan